

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS  
HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA  
GERAL

JULIANA ANTUNES NASSER

**A estruturação da informação no português brasileiro:  
um estudo em narrativas orais**

São Paulo  
2009

JULIANA ANTUNES NASSER

**A estruturação da informação no português brasileiro:  
um estudo em narrativas orais**

Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de  
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade  
de São Paulo para obtenção do título de mestre em  
Linguística

Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral

Orientador: Profa. Dra. Evani de Carvalho Viotti

São Paulo  
2009

*Aos meus pais, Fausto e Vera, a quem  
devo tudo, com o maior amor do mundo.*

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, a Profa. Evani Viotti, primeiramente, pelo privilégio de ter sido aceita como sua aluna. Agradeço ter compartilhado comigo suas idéias, e ter proporcionado um campo fértil para que nascessem as minhas próprias. Sou grata ainda pelas leituras cuidadosas que foram feitas desde o começo da pesquisa, e pela dedicação excepcional a mim e ao meu trabalho. Minha gratidão, entretanto, vai muito além da orientação recebida, da qual esta dissertação é resultado, e dos ensinamentos específicos sobre Lingüística, que foram muitos. Agradeço a formação – no sentido amplo – que tenho recebido desde a iniciação científica. Agradeço também sua generosidade, sua compreensão e seu apoio no momento de conclusão da dissertação.

À Profa. Esmeralda Negrão, por quem tenho profundo respeito e admiração. Agradeço as sugestões preciosas, os comentários feitos e as questões levantadas durante meu exame de qualificação, que deram ânimo para a continuação do trabalho. Sou grata também pelas inspiradoras aulas de Elementos de Lingüística I, que, sem dúvida, despertaram meu encantamento com essa área de estudos.

Ao Prof. Leland McCleary, pela leitura rigorosa de meu relatório de qualificação e pelas questões levantadas na ocasião do meu exame. Muitas das reflexões suscitadas nessa época podem ser vistas nesta dissertação.

Aos Profs. Tommaso Raso e Heliana Mello, da UFMG, pela gentileza com que me acolheram e por discutir questões referentes ao meu trabalho. Aproveito a oportunidade para agradecer aos membros de seu grupo de pesquisa pela convivência e disponibilidade.

Ao grupo de pesquisa Estudos da Comunidade Surda e ao Núcleo de Estudos em Lingüística Cognitiva e Interacional, pelas discussões teóricas.

À Clarissa Mariano, pelas transcrições das narrativas, e pela disponibilidade e paciência para ensinar os comandos do Elan. Ao Marcus Avelar, pelas calorosas discussões lingüísticas. À Renata Moreira, pela leitura de versões anteriores deste trabalho, e pelo apoio na fase de conclusão desta dissertação. Ao Tarcísio Leite, pelo trabalho anterior com o Elan, que fez com que o conhecimento do grupo avançasse.

Aos membros e ex-membros do grupo de pesquisa *Clássicos da Lingüística*, ou o glorioso *Círculo Lingüístico do Butantã*, pelas discussões enriquecedoras e pela convivência que tanto prezo: Carolina Lemos, Eduardo Piris, Eneida Leal, Francisco Merçon, Joana Franco, Juliana Pondian, Mariana Barros, Oriana Fulaneti e Renata Moreira.

Aos funcionários do Departamento de Lingüística, Érica, Ben Hur e Robson, pelo apoio.

À escola do Futuro da USP, pela infra-estrutura oferecida com a sala de pesquisa.

E ao CNPq, pelo auxílio financeiro.

Aproveito a oportunidade para agradecer a outras pessoas que também tiveram participação em meu percurso de mestrado.

Aos amigos lingüistas que estiveram mais próximos, em diferentes momentos. Ao André Xavier, amigo querido que se faz presente mesmo estando longe. À Clarissa Mariano, por me escutar com tanta atenção e delicadeza. À Carolina Lemos, pelo entusiasmo contagiante para estudar (e também ensinar) Lingüística. Ao Julio Barbosa, pela confiança no meu trabalho, pelos momentos compartilhados e pelo incentivo constante. Ao Marcus Avelar, pelo companheirismo singular e pelas conversas longuíssimas. Às queridas Maria Carolina Casati, Renata Moreira e Thais Barbosa, pelas risadas, pelas teorias conspiratórias e pela companhia.

À Vanessa, por estar sempre presente, pelas palavras de bom senso e pela tranquilidade passada nas horas difíceis.

Ao Wu, pela compreensão, pela paciência, pelo incentivo, e por tornar mais leves os dias pesados. *Você mora no meu coração.*

Ao Luiz, por me contar tantas histórias, que fazem tanto sentido.

Às minhas irmãs, Sandra e Nana, pelo apoio, pelo carinho e pela cumplicidade.

Finalmente, faço um agradecimento especial aos meus pais, que são meu exemplo de vida. Agradeço o amor, a educação e todos os valores passados. Sem seu apoio incondicional, com tudo o que isso representa, esta dissertação não teria se concretizado.

## RESUMO

NASSER, Juliana. Antunes. **A estruturação da informação no português brasileiro: um estudo em narrativas orais**. 2009. 159 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

O objetivo deste trabalho é analisar como os falantes administram o fluxo da informação no português brasileiro (PB). De acordo com Lambrecht 1994, a administração do fluxo da informação está calcada basicamente em três funções: função com foco no predicado (tópico-comentário), função com foco no argumento (identificacional) e função com foco em toda a sentença (que pode ser de reportar um evento ou apresentacional). Para chegar a essas funções, Lambrecht utiliza seis noções independentes, mas inter-relacionadas: *pressuposição* e *asserção pragmática*, *ativação* e *identificabilidade de referentes e tópico e foco*. O presente trabalho defende a idéia de que existe uma máxima pragmática cognitivamente motivada que leva o falante a primeiro introduzir um referente, para então dizer algo sobre ele. O quadro teórico no qual a pesquisa se desenvolve é o da Linguística Cognitiva, dentro da qual, mais especificamente, incluem-se estudos da área da Pragmática Discursiva, que tem por objeto o estudo da *estrutura da informação*. Essa área investiga as relações entre a estrutura formal das sentenças (sintática e prosódica) e as suposições do falante sobre o estado mental do ouvinte. Os dados utilizados para a análise baseiam-se em um corpus formado pela transcrição de dez narrativas orais, feitas a partir do filme História da Pêra, elaborado por Chafe 1980. A partir dessas narrativas, foi possível chegar a um quadro que descreve a estruturação da informação no português brasileiro. A principal particularidade do PB em relação à estruturação da informação consiste na manifestação formal das construções com foco em toda a sentença.

Palavras-chave: estruturação da informação, tópico, foco, narrativas orais, linguística cognitiva

## ABSTRACT

NASSER, Juliana. Antunes. **Information structure in Brazilian Portuguese: a study in oral narratives**. 2009. 159 pp. Thesis (Master's Degree) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

This thesis aims at investigating how users organize information flow in Brazilian Portuguese (BP). According to Lambrecht 1994, the management of information flow is primarily based on three functions: predicate-focus structure (topic-comment), argument-focus structure (identificational) and sentence-focus structure (event reporting or presentational). His analysis comprises six independent but inter-related notions: pragmatic presupposition and pragmatic assertion, identifiability and activation, topic and focus. I intend to explore the idea that there is a cognitively motivated pragmatic maxim, which induces the speaker to introduce a referent first, and then say something about it. The theoretical background is the one of Cognitive Linguistics, more specifically Discourse Pragmatics, which comprises the study of *information structure*. This studies are based on the observation that the structure of a sentence reflects the speakers's assumption about the hearer's state of knowledge and consciousness at the time of utterance. To achieve my goals, I used a corpus composed by transcriptions of ten oral narratives, stimulated by the Pear Story movie, produced by Chafe 1980. With the empirical study, it was possible to describe how information is structured in Brazilian Portuguese. When it comes to information structure, the main specificity of BP is the formal manifestation of sentence-focus structures.

Keywords: information structure, topic, focus, oral narratives, cognitive linguistics

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
2. O que é a estrutura da informação .....	17
2.1. Delimitando o escopo do estudo sobre a estrutura da informação .....	17
2.2. A informação e seu lugar na gramática .....	21
2.3. A estrutura da informação na literatura .....	29
2.3.1. Tema-rema.....	30
2.3.2. Tópico-comentário.....	31
2.3.3. Tópico-foco .....	34
2.3.4. Foco-proposição aberta ou foco-suposição.....	35
2.3.5. O modelo de Vallduví .....	37
2.3.6. A topicalidade de Givón.....	40
2.3.7. A proposta de Dik e a análise de Pezatti para o PB.....	41
2.3.8. O estudo de Li&Thompson e a proposta de Pontes para o PB...	44
2.3.9. A visão de Cresti .....	46
2.3.10. O tópico discursivo .....	52
2.4. Conclusão .....	53
3. O modelo de Lambrecht .....	54
3.1. A informação .....	54
3.2. Identificabilidade e ativação .....	58
3.2.1. Manifestações lingüísticas da identificabilidade e da ativação ..	62
3.3. Suposição e asserção .....	66
3.4. Tópico e foco .....	69
3.5. Funções pragmáticas e estruturas de foco .....	72
3.6. Conseqüências na organização da sentença.....	75
4. <i>Corpus</i> e metodologia .....	80
4.1. Os dados.....	80
4.1.1. A história da Pêra .....	84
4.1.2. A constituição do <i>corpus</i> .....	85
4.1.3. O problema da segmentação.....	86
4.2. Metodologia dedutiva x metodologia indutiva.....	91
5. Análise.....	96
5.1. Introdução .....	96
5.2. PSFR, função apresentacional e função tópico-comentário .....	99
5.3. Função de reportar evento: a cena da queda .....	104
5.4. A introdução de novos personagens no decorrer da história.....	109
5.4.1. A introdução do camponês com a cabra.....	110
5.4.2. A introdução do menino que rouba as pêras.....	112
5.4.3. A introdução da menina.....	115
5.4.4. A introdução dos três garotos .....	117
5.4.5. Conclusões sobre a introdução dos referentes.....	118
5.5. O PSFR e as orações relativas .....	118
5.6. A função identificacional: a cena final .....	123
6. Conclusões e questões para futura investigação .....	125
6.1. Resumo das análises .....	125

6.2. Questões para futura investigação .....	126
6.2.1. Análise prosódica refinada .....	126
6.2.2. Aprofundamento do estudo sobre as estruturas de foco .....	127
6.2.3. As construções de tópico e a relação entre tópico e sujeito.....	128
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>129</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>132</b>

## 1. Introdução

Desde os primeiros estudos que buscavam estabelecer a relação entre o pensamento e a língua, esteve presente a idéia de que construímos nosso conhecimento – expresso, nesse entendimento, através da língua – da seguinte maneira: estabelecemos um sujeito por meio de um pronome ou um substantivo, e atribuímos um predicado a esse sujeito, o que pode ser feito pelas categorias gramaticais de verbo e de adjetivo. A filosofia analítica aristotélica, que se pretendia como instrumento demonstrativo do pensamento verdadeiro, foi o ponto de partida para inúmeras teorias que seguiram nesse sentido, estando fortemente presente até hoje nos estudos gramaticais. A sentença em (1) seria um exemplo típico dessa construção do pensamento:

(1) *O João saiu.*

Esse exemplo, em que *o João* é o sujeito e *saiu* é o predicado, seria uma manifestação do pensamento, que se articularia nessas duas categorias. Essa noção levou muitos estudiosos<sup>1</sup> a postular que a ordem sintática “mais natural”, em termos cognitivos, seria a SV(O). Mithun 1992, entre outros autores, questiona tal afirmação, ao fazer um estudo de três línguas que, além de não apresentarem essa seqüência como ordem canônica, exibem a chamada *ordem livre de constituintes*<sup>2</sup>.

O presente trabalho defende a idéia de que, mais do que uma “ordem sintática natural”, existe uma máxima pragmática cognitivamente motivada que leva o falante a primeiro introduzir um referente, para então dizer algo sobre ele. Isso não significa que a ordem sintática SV(O) seja a única (ou a melhor) possibilidade que as línguas ofereçam para satisfazer o requerimento pragmático. Como mostrarei adiante, no português brasileiro é possível, por meio de construções intransitivas apresentacionais ou das

---

<sup>1</sup> Ver discussão em Lambrecht 1994: 199 e ss.

<sup>2</sup> As línguas são cayuga, ngandi e coos.

chamadas *construções de tópico*, introduzir um referente para, posteriormente, realizar a predicação. Tal predicação pode ser expressa pela ordem SV(O), ou por outra.

Apesar de reconhecer, com as devidas adaptações, que a visão aristotélica de edificação do pensamento reflete um importante mecanismo pragmático/cognitivo, é preciso dizer que ele não é suficiente para explicitar todas as possibilidades de conceitualização de um evento.

Tanto em estudos filosóficos como em estudos lingüísticos, é longa a lista daqueles que reagiram à visão de que todos os julgamentos são *categóricos* (ou *logicamente complexos*) por natureza, ou seja, de que envolvem o ato de reconhecimento de um sujeito, aliado a um ato de afirmar ou negar o que é expresso pelo predicado desse sujeito.

Entre outros, Marty 1918<sup>3</sup> (*apud* Lambrecht 1994:139), propôs a existência de julgamentos *téticos*, também chamados de *julgamentos simples*. Nesses casos, não há predicação de uma propriedade a alguma entidade, mas sim uma afirmação de um fato ou de um estado de coisas. Um exemplo típico é a sentença expressa em (2):

(2) *Choveu.*

A breve discussão feita acima tem o intuito de servir como pano de fundo para o estabelecimento dos objetivos desta pesquisa, bem como para a delimitação do campo teórico no qual será desenvolvida.

O objetivo deste trabalho é analisar como os falantes administram o fluxo da informação no português brasileiro (PB). De acordo com Lambrecht 1994, a administração do fluxo de informação está calcada basicamente em três funções: (i) a de *tópico-comentário* (ou *função com foco no predicado*), (ii) a *identificacional* (ou *função com foco no argumento*) e (iii) a de *reportar um evento* e a *apresentacional* (ou *função com foco em toda a sentença*).

---

<sup>3</sup> MARTY, A. (1918). *Gesammelte Schriften*. Vol. II, part 1. Abteilung. Halle: Max Niemeyer Verlag.

A função tópico-comentário (ou função com foco no predicado) relaciona-se, de certa forma, ao conceito aristotélico de julgamento categórico. Nela, é possível perceber uma relação de *aboutness* (“ser sobre”) entre um referente e uma proposição. Um exemplo dessa função está expresso na sentença (3b), em resposta a (3a):

- (3)     *a. Onde estão as pêras?*  
           *b. As pêras CAÍRAM.<sup>4</sup>/ Elas CAÍRAM.*

A função tópico-comentário, assim como a ordem sintática SV(O), é considerada por muitos a articulação informacional “básica” das línguas naturais. De fato, é possível constatar sua grande produtividade, inclusive no PB. Contudo, além da função tópico-comentário, há uma função pragmática igualmente importante e consideravelmente recorrente: a função com foco em toda a sentença.

Essa função aproxima-se, por sua vez, do conceito de juízo tético. Como o foco é dado em toda a sentença, há um caráter de “novidade” que perpassa todo o enunciado, que o distingue das sentenças do tipo tópico-comentário. Tal função pode ser de dois tipos: o de reportar um evento ou o apresentacional. A função de reportar um evento pode ser exemplificada por (4b):

- (4)     *a. O que aconteceu?*  
           *b. Caiu todas as PÊRAS no chão .*

Já a função apresentacional pode ser vista em (5):

- (5)     *Era uma vez um agricultor que estava catando pêras num campo.*

A última função a ser estudada, e que neste trabalho será menos discutida por sua baixa frequência no *corpus* utilizado (o que não obrigatoriamente reflete sua frequência na língua), é a identificacional, ou função com foco no argumento. Ao lado das funções com foco no predicado e com foco em toda a sentença, Lambrecht 1994 propõe que a função

---

<sup>4</sup> As palavras em caixa alta indicam o acento primário.

com foco no argumento completo o conjunto de mecanismos que as línguas oferecem aos falantes para a administração da informação. Em geral, em estudos de base formal, como os feitos no âmbito da Gramática Gerativa, o argumento focalizado é chamado de *foco de informação nova*. Um exemplo pode ser visto em (6b):

(6) a. *O que caiu do cesto?*

b. *AS PÊRAS (caíram).*

Nesse caso, o enunciado tem por objetivo identificar o argumento que falta numa proposição aberta. No exemplo, é pressuposto que “X caiu”, e o falante identifica o argumento com *as pêras*.

O quadro teórico no qual esta pesquisa se desenvolve é o da Lingüística Cognitiva, dentro do qual, mais especificamente, incluem-se estudos da área de Pragmática Discursiva<sup>5</sup>, que tem por objeto o estudo da estrutura da informação. Essa área de estudos investiga a estrutura formal das sentenças (sintática e prosódica) e as suposições do falante sobre o estado mental do ouvinte.

Os trabalhos desenvolvidos no âmbito da Lingüística Cognitiva têm como objetivo investigar a relação entre certos fenômenos cognitivos e sua expressão lingüística. Desse modo, embora os estados mentais dos ouvintes sejam fenômenos eminentemente psicológicos, eles constituem um objeto legítimo para os estudos da estrutura da informação porque são recorrentemente refletidos na forma gramatical de um enunciado.

Voltando às primeiras considerações desta Introdução, pode-se dizer que a Lingüística Cognitiva aproxima-se, por um lado, do objetivo aristotélico de estabelecer a relação entre o pensamento e a língua. Esse é, entretanto, o único ponto de aproximação que pode ser feito, e mesmo assim com muitas ressalvas. Em detrimento de um

---

<sup>5</sup> Lambrecht propõe que *Pragmática Discursiva* e *Estrutura da Informação* sejam expressões sinônimas para uma mesma área de estudo. Neste trabalho, considerarei que a *Pragmática Discursiva* é a área de estudos, e a *estrutura da informação*, um componente gramatical. Para um melhor entendimento da definição de Pragmática Discursiva, ver seção 2.1.

“pensamento verdadeiro”, o que a Linguística Cognitiva busca revelar é a relação entre a cognição, de um modo geral, e a língua.

Além disso, a Linguística Cognitiva recusa a noção aristotélica de categorias que se definem por condições necessárias e suficientes, preferindo o conceito de categorias organizadas em volta de um protótipo. Isso deverá ficar claro no decorrer do trabalho, em especial na exposição sobre a relação entre estados mentais de ativação e identificabilidade dos referentes e sua expressão na língua. Apesar disso, a teoria de Lambrecht faz usos de algumas categorias rígidas, o que será apontado, no quinto capítulo, como um ponto fraco de suas formulações.

Apresentadas as premissas básicas que são compartilhadas pelos estudiosos que se propõem a desenvolver trabalhos nessa área de estudo (conceito de representações mentais, relação entre cognição e língua, recusa de categorias aristotélicas com limites definidos e interação entre falante e ouvinte como determinante para a forma gramatical), cabe dizer que esta pesquisa segue uma metodologia de base estruturalista, o que não é consenso entre os estudiosos das áreas da Linguística Cognitiva que não têm a gramática como objeto de estudo.

Dessa forma, toda a linha de pensamento aqui apresentada está de acordo com autores que, apesar de reconhecer como fundamentais as relações entre falantes e ouvintes, também entendem a língua como um sistema, no qual os diferentes níveis gramaticais (fonético, lexical e morfossintático) competem para expressar determinados sentidos (proposicionais, informacionais e conversacionais).

O conceito saussuriano de *imanência* pode ser evocado, no sentido de que, dentro das possibilidades oferecidas pela língua, uma forma é escolhida para veicular uma certa conceitualização e uma certa estrutura da informação. Nesse entendimento, há uma espécie de “compensação”, na qual uma língua que possui um sistema entoacional rígido, por

exemplo, pode apresentar uma sintaxe mais livre, e assim por diante<sup>6</sup>. Especificamente no que se refere à estrutura da informação, esse fenômeno pode ser visto claramente.

Além disso, os conceitos também saussurianos de *sintagma* e *paradigma* são fundamentais para a definição das *alossentenças*<sup>7</sup>, a base sobre a qual toda a teoria de Lambrecht, aqui adotada, foi desenvolvida.

Da mesma maneira que a Linguística Cognitiva pode apresentar diferentes vertentes, a estrutura da informação também pode ser abordada de diferentes maneiras. A proposta do capítulo 2 é familiarizar o leitor com aquilo que vai ser considerado neste trabalho como estrutura da informação. Apresento uma definição, e discuto algumas questões sobre o lugar da estrutura da informação na gramática das línguas. Além disso, faço uma resenha de algumas propostas encontradas na literatura para esse assunto, confrontando, quando possível, as abordagens entre si e com a proposta escolhida para o desenvolvimento do presente trabalho.

No capítulo 3, trago a fundamentação teórica principal desta pesquisa, a obra de Lambrecht 1994. Nessa seção, estão explicitados os principais conceitos para o entendimento da teoria utilizada, como as noções de *pressuposição* e *asserção pragmática*, *ativação* e *identificabilidade de referentes e tópico e foco*. Outros autores, como Chafe e Strawson, que foram incorporados à sua proposta, também são discutidos.

No capítulo 4, discuto questões de metodologia e apresento o *corpus* que será utilizado para análise. Os dados utilizados baseiam-se em narrativas que foram feitas a partir do filme *História da Pêra*, parte de um projeto homônimo proposto por Wallace Chafe e sua equipe. Os resultados das pesquisas que têm por base esse filme, eliciado em várias línguas, estão em Chafe 1980. É importante ressaltar que o uso de dados

---

<sup>6</sup> Ver seção 2.2

<sup>7</sup> Ver seção 2.1

considerados em seu contexto de discurso mais amplo – as narrativas – é fundamental para que se possa entender o fluxo da informação.

O quinto capítulo é a análise propriamente dita das narrativas orais, com base na teoria apresentada.

Por fim, apresento as conclusões de meu trabalho e várias questões remanescentes, que surgiram durante a pesquisa, mas tiveram que ser deixadas para investigação futura.

## 2. O que é a estrutura da informação

### 2.1. Delimitando o escopo do estudo sobre a estrutura da informação

Várias propostas foram feitas para o estudo da estrutura da informação (ver seção 2.3). Nem todas, contudo, assumem que a estrutura da informação é parte da gramática da língua.

Neste trabalho, a estrutura da informação será entendida como

the component of sentence grammar in which propositions as conceptual representations of states of affairs are paired with lexicogrammatical structures in accordance with the mental states of interlocutors who use and interpret these structures as units of information in given discourse contexts. (Lambrecht 1994:5)

Em resumo, a estrutura da informação comanda por meio de regras e convenções a relação entre as suposições do falante sobre o estado de conhecimento e consciência do ouvinte e a estrutura formal de uma sentença. Considere as sentenças (1) e (2):

(1) *Um amigo meu chegou.*

(2) *O meu amigo chegou.*

A diferença formal entre (1) e (2) pode ser vista, primeiramente, no uso de diferentes determinantes. Em (1), o falante supõe que seu interlocutor não conheça o amigo em questão, o que fica claro pelo uso do determinante *um*. Em (2), o falante supõe que seu interlocutor já conheça o amigo, ou que, pelo menos, esse amigo já tenha sido mencionado anteriormente, o que fica claro pelo uso do determinante *o*. Existem também, ao lado de diferenças lexicais, diferenças sintáticas. Em (1), o possessivo *meu* aparece depois do núcleo do sintagma nominal. Em (2), o possessivo aparece anteposto ao mesmo núcleo.

Note que, se o possessivo for invertido nos dois casos, as sentenças passam a ser sintaticamente mal-formadas, como mostram (3) e (4):

(3) \**Um meu amigo chegou.*

(4) \**O amigo meu chegou.*

Nesse último exemplo, apenas no caso em que o enunciador refina a especificação do referente do sintagma nominal é que o possessivo pode ser posposto ao núcleo:

(5) *O amigo meu de quem eu estava falando chegou.*

O conjunto de exemplos dados acima procura explicitar o fato de que as suposições dos falantes sobre os estados mentais de seus interlocutores interferem na forma da sentença, não só lexicalmente, mas também sintaticamente (e como pretendo demonstrar adiante, prosodicamente). A estrutura da informação é o componente da gramática que regula tais manifestações formais, levando sempre em conta os contextos discursivos nos quais as sentenças são enunciadas.

Na breve exposição sobre os exemplos de (1) a (5), que tratam somente de um aspecto da estrutura da informação (a ativação e identificabilidade de referentes), já se colocam duas questões sobre o propósito desse campo de estudos, sobre as quais é preciso fazer alguns esclarecimentos. A primeira é que, para muitos, a afirmação de que “o falante supõe que seu interlocutor conheça o amigo, o que pode ficar claro pelo uso do determinante *o*” pode ser uma falácia, pois não há como comprovar essa situação. Com efeito, não é possível “entrar” na cabeça do falante e atestar o que ele estava pensando.

É interessante notar, porém, que afirmações semelhantes vindas de outras correntes teóricas não causam estranheza. Por exemplo, a Semântica Vericondicional explicaria uma sentença como (1) da seguinte maneira: o falante faz referência a um indivíduo não identificado por meio do artigo indefinido *um*. Como essa corrente teórica está preocupada em verificar, no mundo, se uma proposição é verdadeira ou falsa, não é preciso dizer nada

sobre “a suposição do falante acerca do estado de conhecimento do ouvinte”. Tudo se resolve em termos de *sentido e referência*. Entretanto, o presente estudo está intimamente comprometido com o conceito de *representações mentais* (esse é um dos pressupostos da teoria que será tratado no capítulo 3), sendo, dessa forma, inevitável que o estudioso da estrutura da informação faça considerações, entre outras coisas sobre o *status* dos referentes nas mentes dos participantes do discurso.

Independentemente da terminologia, não há como negar a relação fortíssima entre o uso do artigo indefinido e a não identificabilidade do referente em alguma esfera (seja no mundo, seja na suposição, por parte do falante, sobre o conhecimento do ouvinte). Voltando à questão de que não é possível “entrar” na cabeça do falante para atestar o que ele está pensando, o que há de concreto, e que pode ser facilmente comprovado, é o *uso* de uma certa expressão lingüística em determinadas situações. Esse fato pode ser, ao meu ver, um ponto de partida confiável para as considerações acerca das representações mentais de falantes e ouvintes.

A segunda questão que se coloca é sobre a *finalidade* dos enunciados e das expressões lingüísticas. Não pretendo, neste trabalho, defender a idéia de que algum falante usaria o artigo indefinido expresso em (1), repetido em (6), com a *finalidade específica* de comunicar que seu interlocutor não conhece o referente de *amigo*:

(6) *Um amigo meu chegou.*

Os motivos que levam o falante a produzir um enunciado, os diferentes efeitos de sentido que buscam e os efeitos causados no interlocutor são objeto de estudo da Pragmática Conversacional<sup>8</sup>, que alcançou notoriedade com os trabalhos de Austin. Apesar

---

<sup>8</sup> Lambrecht 1994 aponta que, dentro do domínio geral da *Pragmática*, podem ser identificados dois subdomínios diferentes. Um deles é chamado pelo autor de *Pragmática Conversacional*. Esse campo de estudos está relacionado às *implicaturas conversacionais*, estudadas por Grice, e também ao trabalho de Austin. O outro subdomínio é o da *Pragmática Discursiva*, também chamada por ele de *estrutura da informação*. A questão central da Pragmática Discursiva, diferentemente da Pragmática Conversacional, não

de reconhecer nesse tipo de estudo um campo riquíssimo de investigação lingüística, não é esse o objetivo que busco.

É possível, entretanto, fazer uma relação, ainda que indireta, entre a Pragmática Conversacional e a Pragmática Discursiva, na medida em que a última é entendida como parte da gramática da língua: da mesma forma que os falantes necessitam da matéria fônica, dos morfemas, de categorias como nome, verbos, sujeito, predicado, entre outros, eles também necessitam das correlações estabelecidas pela estrutura da informação para completar seus atos de fala.

A metodologia utilizada na teoria de Lambrecht inspira-se no conceito de *alossentenças*, propostas pela primeira vez por Danes 1966<sup>9</sup> (em Lambrecht 1994). As *alossentenças* são pares de sentenças equivalentes semanticamente<sup>10</sup>, porém divergentes formalmente e pragmaticamente. A oposição *voz ativa X voz passiva* forma um par de *alossentenças*, como mostra (7):

- (7)     *a. O menino derrubou o cesto de pêras.*  
           *b. O cesto de pêras foi derrubado pelo menino.*

As *alossentenças* são elementos fundamentais numa abordagem como a utilizada nessa perspectiva teórica, porque no contraste de alternativas gramaticais disponíveis – porém não utilizadas – para expressar uma dada proposição é que se evidenciam as diferenças na estrutura da informação. É por esse motivo que esse campo de estudos também pode ser entendido como um modo de análise que tenta responder à pergunta:

é a interpretação de sentenças em determinados contextos, mas sim a estrutura gramatical. Um bom modo de entender a diferença entre os subdomínios da Pragmática, com as devidas restrições, está na afirmação de Lambrecht de que a Pragmática Conversacional preocupa-se em explicar por que uma única forma sentencial pode expressar dois ou mais sentidos, enquanto a Pragmática Discursiva (ou estrutura da informação) tenta responder por que um mesmo sentido pode ser expresso por diferentes formas sentenciais

<sup>9</sup> DANES, F. (1966). A three level approach to syntax.. In F. DANES *et al.* (eds) *Travaux linguistiques de Prague* vol. 1: University of Alabama Press. p. 225-240

<sup>10</sup> O termo *semanticamente* está sendo utilizado em um sentido muito específico, o sentido *proposicional*. Desse modo, são estudados pares de sentenças que expressam a mesma proposição.

“Por que as gramáticas das línguas naturais oferecem tantos modos diferentes para a expressão de uma mesma proposição?” (Lambrecht 1994:5)

## **2.2. A informação e seu lugar na gramática**

A afirmação de que a estrutura da informação faz parte da gramática pode ser entendida de várias maneiras. A Gramática Gerativa, por exemplo, inclui em suas discussões algumas questões relativas à informação, como tópico e foco. No entanto, como uma teoria que propõe a centralidade da sintaxe, tudo o que se refere ao tópico e ao foco, mesmo que a evidência seja entoacional (no caso do foco), é traduzido em posições sintáticas. Além disso, se, por um lado, a motivação pragmática desses “lugares sintáticos” não é abertamente negada; por outro, também não é explicitada.

Autores como Danes 1966, Dik 1980 e Halliday 1967 propuseram modelos gramaticais tripartites que, guardadas suas especificidades, conferem maior importância à estrutura da informação. O modelo de Dik, por exemplo, que será detalhado adiante, pode ser resumido da seguinte maneira:

- *funções sintáticas*: sujeito e objeto direto
- *funções semânticas*: agente, paciente, experienciador etc
- *funções pragmáticas*: tema, antitema, tópico e foco, entre outras

Assim como Danes e Halliday, ao separar as funções pragmáticas (que incluem questões sobre a estrutura da informação), Dik dá a essas funções a especificidade necessária para que seus sentidos sejam mais bem compreendidos. Entretanto, apesar de os autores citados darem destaque à informação, existe uma proposta de gramática que se mostra mais compatível com a análise desenvolvida nesta pesquisa, a de Langacker 2001. Seu modelo pode ser resumido pela seguinte figura:

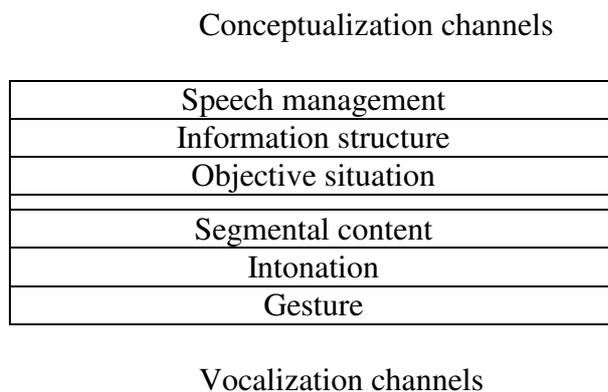


Figura 1: viewing frame (“quadro de visualização”) (Langacker 2001: 146)

O modelo capta as diferentes dimensões que, para Langacker, aparecem de maneira mais ou menos explícita na realização de um enunciado lingüístico. Essas dimensões são apresentadas dentro do que ele chama *viewing frame* (“quadro de visualização”). O autor chama esses níveis de *canais de vocalização* (no que se refere ao pólo fonológico) e *canais de conceitualização* (no que se refere ao pólo semântico).

Essa estrutura simbólica proposta por Lambrecht é semelhante ao *signo* saussuriano. A diferença é que, para Saussure, o pólo fonológico se realiza basicamente no nível segmental, e o pólo semântico, no nível da situação objetiva.

O modelo de Langacker vai além. No pólo fonológico, ao lado do conteúdo segmental, figuram a entoação e a gestualidade. No pólo semântico, aparece a situação objetiva (o que, neste trabalho pode ser entendida como conteúdo proposicional), mas também aparecem a estrutura da informação e o gerenciamento da fala. Prototipicamente, para o autor, a gestualidade apareceria associada ao gerenciamento da fala (troca de turnos e manutenção ou cessão da palavra, etc); a entoação, à estrutura da informação e o conteúdo segmental, à situação objetiva (ou conteúdo proposicional). Essas correlações de um-para-um são questionadas nesta pesquisa, como mostrarei adiante.

Por ora, cabe destacar uma diferença entre o modelo gramatical de Langacker e a postura proposta por Lambrecht, adotada aqui. Para o primeiro, a sintaxe consiste na própria estrutura simbólica, ou seja, faz a relação entre o pólo fonológico e o pólo semântico. Para o segundo, a sintaxe estaria nos canais de vocalização.

De maneira curiosa, a visão de Langacker aproxima-se da Gramática Gerativa, embora seus pressupostos teóricos e conseqüências sejam opostos. A teoria proposta por Chomsky postula que a língua é gerada pela sintaxe, para então ser mandada para a forma fonética (“spell-out”) e para ser interpretada pela forma lógica. À parte o fato de que a teoria gerativa pressupõe um módulo gramatical central e primeiro, o que não é compartilhado por Langacker, a visão da sintaxe é semelhante, na medida em que ela é tida como o intermédio entre semântica e fonologia. Cabe lembrar, entretanto, que, para Langacker, as construções sintáticas são tão importantes quanto os morfemas e enunciados inteiros, por exemplo. Todas essas manifestações lingüísticas podem ser vistas como a estrutura simbólica que faz a ligação entre significante e significado.

Minha sugestão é a de que a sintaxe seja entendida como um nível gramatical que aparece ao lado do conteúdo segmental e da prosódia. Em outras palavras, a sintaxe é parte da *forma* (ou significante) da gramática, em oposição aos significados contidos no outro pólo. Partindo do modelo de Langacker, uma possível configuração do entendimento de gramática de Lambrecht é o mostrado na figura 2 abaixo. É importante lembrar que a estrutura apresentada é uma interpretação minha das idéias de Lambrecht, baseada no modelo de Langacker, não sendo possível localizar em sua obra estrutura simbólica semelhante.

## Pólo do significado

Gerenciamento da fala
Estrutura da informação
Situação objetiva
Conteúdo segmental (fonológico, morfológico e lexical)
Estruturas sintáticas
prosódia
gestualidade

## Pólo do significante

Figura 2: Uma possível representação da visão da gramática de Lambrecht, a partir do modelo de Langacker 2001.

Embora Lambrecht não faça uma representação explícita como a apresentada, existem evidências de que esse modelo é adequado às idéias do autor. Assim, mesmo que as extremidades de cada pólo – o gerenciamento da fala e a gestualidade – não sejam objetos de estudo centrais para Lambrecht, eles estão presentes em sua proposta<sup>11</sup>.

Além da localização da sintaxe dentro de um modelo de gramática, outra diferença entre o modelo de Langacker e as idéias de Lambrecht é que o último concebe a gramática de maneira menos simétrica. Assumo, com ele, a noção de que não há um canal de conceitualização ligado *prototipicamente* a um canal de vocalização.

Os componentes da gramática, nesse entendimento, não são subsistemas independentes hierarquicamente organizados (como propõe a Gramática Gerativa), ou prototipicamente inter-relacionados (como sugere Langacker). São forças interdependentes que competem umas com as outras para expressar as possibilidades de codificação limitadas, oferecidas pela estrutura da sentença.

<sup>11</sup> É possível fazer uma crítica a Lambrecht, no sentido de que a gestualidade poderia ter sido mais explorada no estudo da estrutura da informação. Os pronomes dêiticos, por exemplo, são frequentemente acompanhados de gestos de apontamentos. Lambrecht menciona tal fato, mas não o desenvolve de maneira mais profunda.

Por exemplo, o conteúdo segmental pode ser utilizado com fins de gerenciamento da fala (como o prolongamento de “é”, para manter a palavra no português brasileiro). A gestualidade, por sua vez, pode ser utilizada para referir-se à situação objetiva (como um gesto de apontamento que acompanha o advérbio *ali*).

No que se refere à estrutura da informação, o mesmo acontece. Diferentemente de muitos autores (como Cresti 2000 e o próprio Langacker), para Lambrecht, a estrutura da informação não está associada primordialmente à entoação. Ainda que a prosódia e os acentos primários sejam elementos importantes, o que vai determinar qual nível gramatical “vence” na luta para a veiculação da informação é a língua em questão, entendida, como foi dito anteriormente, como um sistema auto-regulador. Além disso, mesmo que haja um nível em que a informação encontre expressão majoritariamente, esse nível sempre poderá ser complementado pelos outros. Dessa forma, o que a prosódia não codifica, a sintaxe o faz, e o que não é codificado pela sintaxe pode ser expresso pela morfologia ou pelo léxico, dependendo da língua em questão.

Observe os exemplos de (9a) a (9c)<sup>12</sup>, em inglês, italiano e francês, respectivamente, dados como respostas à pergunta expressa em (8), em contextos idênticos:

(8) *O que aconteceu?*

(9) *a. My CAR broke down.*

*b. Mi si è rotta la MACCHINA.*

*c. J'ai ma VOITURE qui est en PANNE.*

Para desenvolver a argumentação a partir dos exemplos, utilizarei conceitos que ficarão mais claros, espero, com a discussão feita nos capítulos seguintes. Nos exemplos (9a), (9b) e (9c), a situação comunicativa e o conteúdo proposicional são os mesmos. A

---

<sup>12</sup> Exemplos baseados em Lambrecht 1994:14

função pragmática em jogo expressa é a de reportar um evento (como será desenvolvido no capítulo 3, um indício para esse fato é a possibilidade de serem dadas como resposta a uma pergunta “o que aconteceu?”). Proposicionalmente, expressam o mesmo estado de coisas em um dado mundo. Elas pressupõem, por meio do possessivo usado no sintagma nominal, que o falante tem um carro, e fazem uma asserção sobre o carro, a de que ele não está funcionando naquele instante. É interessante notar, porém, que os mecanismos formais que cada língua dispõe para expressar esse enunciado são diferentes.

É consenso na literatura que o inglês é uma língua que marca sua estrutura informacional por meio da prosódia<sup>13</sup>. No exemplo (9a), o acento primário da sentença recai sobre o sujeito *car*, o que marca o status não-tópico do SN. Mais do que isso, o acento primário dessa sentença indica que o referente de *car* guarda uma relação de foco com o restante da proposição, e a estende para todos os elementos subseqüentes, transformando o enunciado numa expressão com foco em toda a sentença.

Por causa da importância da acentuação em inglês, que pode se mover da esquerda para a direita, permitindo a marcação de foco prosódico em qualquer posição da sentença, a expressão sintática da estrutura da informação geralmente é desnecessária na língua. Em outras palavras, a acentuação compensa as restrições rígidas de ordenamento de palavra na gramática inglesa.

A competição entre fatores gramaticais tem conseqüências diferentes no italiano, como pode ser visto no exemplo (9b). Nessa língua, é a sintaxe quem “cede”: a ordem canônica dos constituintes é alterada para acomodar os requerimentos do discurso. Da mesma forma que o inglês é relutante em tolerar violações na sua ordem canônica SV, o italiano é relutante em tolerar a violação da restrição informacional que coloca o

---

<sup>13</sup> Pelo número de estudos sobre o idioma, e também pela importância que alcançaram, talvez tenha sido esse o principal motivo de o termo *foco* ter sido consagrado como sinônimo de proeminência prosódica (o que, em certos momentos, também é feito neste trabalho).

argumento foco em posição pós-verbal. Em italiano, o ordenamento de palavras é em grande parte controlado pela estrutura informacional, se comparado ao inglês. Mesmo que a sintaxe do italiano seja bem mais rígida do que a sintaxe de línguas conhecidas como línguas de ordem livre, como russo ou latim – dado que o padrão SV (O) ilustra a ordem de constituintes não marcada nessa língua – pode-se dizer que a estrutura formal é motivada pela função pragmática.

Já no francês, tanto a sintaxe, a prosódia e a estrutura da informação “perdem” e “ganham”, ao mesmo tempo. A ordem dos constituintes no francês é fortemente controlada: a língua não permite livremente inversões SV ou outros tipos de variações na ordem das palavras, como aquelas encontradas em línguas pragmaticamente controladas. A marcação de acentos primários na língua também é rígida. Segundo Lambrecht 1984<sup>14</sup>, a modalidade oral dessa língua faz o uso abundante de construções clivadas para evitar estruturas iniciais de foco do tipo SV<sup>15</sup>. Dessa forma, em (9c), o constituinte que carrega o acento de foco, *voiture*, não aparece como sujeito de uma oração intransitiva, mas sim como objeto sintático do verbo *avoir*, em uma oração separada.

Usando construções do tipo clivada, o francês falado alcança vários objetivos de uma vez só: não viola o padrão de acento oxitônico, não viola a restrição informacional que parecia o tópico com sujeito e o foco com o objeto, e ainda preserva o ordenamento de palavras controlado sintaticamente.

Com a análise precedente, quis demonstrar que os padrões gramaticais ilustrados nos três exemplos devem ser entendidos em toda a sua complexidade. Sobretudo, devem ser vistos como resultados de dependências múltiplas das especificidades da língua,

---

<sup>14</sup> Lambrecht, K. “A pragmatic constraint on lexical subjects in spoken French”. In *Papers from the Twentieth Annual Meeting of the Chicago Linguistic Society*. 239-256.

<sup>15</sup> No francês falado, a sentença *MA VOITURE est en panne*, com proeminência no SN, seria considerada agramatical por ser prosodicamente mal-formada.

manifestadas pelos vários componentes da gramática: conteúdo proposicional, informação, morfossintaxe e prosódia.

A argumentação também serve para o esclarecimento acerca da concepção de língua e de gramática que embasa esta pesquisa. Logo na Introdução, situei meu trabalho no campo da Linguística Cognitiva, e ressaltai que existem várias correntes filiadas a ela. Bem ao gosto dessa teoria, pode-se dizer que, em um pólo, estão as correntes com maior apelo interacional, ou funcional. Do outro, estão os teóricos de cunho mais cognitivo, que se apegam a uma metodologia introspectiva e às estruturas da língua. Minha idéia é a de alcançar um equilíbrio entre esses dois extremos, como propõe Lambrecht.

Dessa forma, reconhecer que certas propriedades formais das sentenças não podem ser completamente explicadas sem que sejam considerados os contextos lingüísticos e extralingüísticos nos quais essas sentenças estão inseridas não quer, necessariamente, dizer que toda a gramática de uma língua seja determinada pelas funções comunicativas do discurso. Essa última visão, levada ao extremo, sugere que sentenças que exprimem o mesmo conteúdo proposicional em situações comunicativas semelhantes deveriam apresentar formas equivalentes translingüísticamente, o que foi há pouco refutado.

O fato de a função não ser capaz de definir a forma de uma maneira absoluta evidencia que existe uma certa autonomia na estrutura gramatical das línguas. A estrutura da informação não é suficiente para explicar, por exemplo, o motivo pelo qual o italiano, em oposição aos outros exemplos, pode lançar mão da posposição do SN ao verbo para a expressão de um argumento não-tópico<sup>16</sup>, bem como por que construções análogas em inglês e em francês são agramaticais. Da mesma forma, a estrutura da informação também não explica a estrutura sintática interna da oração relativa em francês, ou o mecanismo gramatical que permite que essa oração entre numa construção clivada.

---

<sup>16</sup> No capítulo seguinte, ficará claro o motivo pelo qual *carro* não é o argumento tópico das sentenças.

Entendo, assim como Lambrecht, que esses fenômenos são claramente determinados pelas propriedades estruturais das línguas individuais, que por sua vez derivam – ou pelo menos são coerentes – com os princípios tipológicos universais, e talvez até mesmo com as restrições universais nas possíveis estruturas sintáticas.

Finalmente, o pensamento de Fillmore (1976) resume as idéias acima discutidas. Para esse autor, existem aspectos da forma gramatical que requerem explicações pragmáticas, havendo, contudo, muitos fenômenos formais para os quais tais explicações não estão disponíveis. Desse modo, a forma gramatical é *motivada* pela função discursiva, mas não *determinada* por ela.

### **2.3. A estrutura da informação na literatura**

Encontram-se, na literatura, inúmeras propostas para a articulação informacional das sentenças. Vallduví 1992 faz uma revisão das abordagens anteriores à sua, apontando principalmente problemas na definição de alguns termos e na cobertura empírica dos dados, que considera incompleta. O autor agrupou as principais teorias sobre a estrutura da informação da seguinte maneira: (i) *tema-rema*, (ii) *tópico-comentário*, (iii) *tópico-foco*, (iv) *foco-suposição* (ou *foco-proposição aberta*) e (v) *dominância*<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> O conceito de *dominância*, de Erteschik-Schir 1979, reflete um tipo de estudo da estrutura da informação menos difundido. Diferentemente das outras articulações, a *dominância* não se constitui por uma estrutura binária. Ela pode ser definida como uma propriedade do discurso atribuída a um constituinte, de acordo com as intenções do falante. *Grosso modo*, o constituinte dominante é equivalente ao foco da sentença. Pelo fato de que a maior parte das contribuições alcançadas com a abordagem da *dominância* é capturada pela noção de *foco*, não detalharei esse modelo aqui.

### 2.3.1. Tema-rema

Nos estudos que adotam a perspectiva tema-rema, o rema é a parte informativa do enunciado, e o tema é a “âncora” ou parte que serve de veículo para a informação. Apesar de os autores agrupados nessa abordagem compartilharem essa definição, existem, no entanto, pelo menos dois temas, também conhecidos por de *tema de Firbas* e *tema de Halliday*.

Firbas 1964<sup>18</sup>, 1971<sup>19</sup> e Danes 1968<sup>20</sup> (apud Vallduví 1992, p. 28 e ss) operam com a noção de *dinamismo comunicativo*, definido como um contínuo sobre o qual todos os elementos da sentença recaem. Firbas afirma que o tema é constituído pelo elemento (ou elementos) da sentença que carregam o menor grau de dinamismo comunicativo dentro da própria sentença. O rema, por sua vez, move a comunicação, no sentido de fazê-la avançar, sendo, portanto, considerado a parte informativa da sentença e o elemento com maior grau de dinamismo comunicativo.

Já Halliday 1967<sup>21</sup> (apud Vallduví 1992, p.28 e ss.) define o tema como aquilo sobre o que se está falando, o ponto de partida da oração considerada como uma mensagem. Para esse autor, tema é, invariavelmente, o que vem primeiro na oração. Os exemplos em (10)<sup>22</sup> ilustram a posição de Halliday:

(10) a. *John saw the play yesterday.*

b. *Yesterday John saw the play.*

c. *The play John saw yesterday.*

---

<sup>18</sup> FIRBAS, J. (1964). On defining theme in functional sentence perspective. *Travaux linguistiques de Prague* vol. 1: 267-280

<sup>19</sup> FIRBAS, J. (1971). On the concept of communicative dynamism in the theory of Functional Sentence Perspective. *Brno Studies in English* vol 7: 12-47.

<sup>20</sup> DANES, F. (1968). Some thoughts on the semantic structure of the sentence. *Lingua* vol. 21: 55-69

<sup>21</sup> HALLIDAY, M. A. K. (1967). Notes on transitivity and theme in English, part II. *Journal of Linguistics* 3. 199-244.

<sup>22</sup> Halliday 1967:212

Nesse ponto de vista, os temas de (10a), (10b) e (10c) são, respectivamente, *John*, *yesterday* e *the play*. No sistema de Halliday, o rema é definido meramente como um complemento do tema.

Em alguns casos, o *tema de Firbas* e o *tema de Halliday* podem coincidir. Entretanto, Firbas é categórico ao afirmar que é errado associar obrigatoriamente o tema ao início da sentença. Além disso, as propostas de Firbas e Halliday aproximam-se de outras abordagens. O *tema de Firbas* é mais ou menos análogo ao tópico no quadro teórico de tópico-foco, e o *tema da Halliday* é quase equivalente ao tópico da perspectiva tópico-comentário.

### 2.3.2. Tópico-comentário

Mathesius 1915<sup>23</sup> (apud Vallduví 1992, p.30) pode ser considerado um dos precursores da noção de *aboutness*, fundamental para esta pesquisa, e que será retomada adiante. Para esse autor, a noção de *aboutness* articula a sentença em uma parte sobre a qual o falante quer dizer algo – o tópico, e outra parte que contém algo a ser dito sobre esse tópico – o comentário.

Na mesma linha de pensamento, Hockett 1958 afirma que a característica mais geral das construções predicativas é a de ser articulada em termos de tópico e comentário. Desse modo, o falante anuncia um tópico e então diz algo sobre ele. Nos exemplos em (11)<sup>24</sup>, o traço (/) separa o tópico do comentário:

(11) a. *John / ran away.*

b. *That new book by Thomas Guensey / I haven't read yet.*

<sup>23</sup> MATHESIUS, V. (1915). "O passivu v moderní anglictine". *Sborník filologický* 5. 198-220

<sup>24</sup> Hockett 1958: 201

A noção de *aboutness* subjacente nas visões de Mathesius e Hockett, que constitui a base da articulação tópico-comentário, foi extremamente difundida e usada em diferentes propostas para ordenamento de palavras em variadas línguas<sup>25</sup>.

Reinhart 1982<sup>26</sup> (apud Vallduví 1992, p. 31 e ss) também é um nome importante na articulação tópico-comentário. Partindo de Strawson 1964 e combinando seus achados com a análise pragmática de Stalnaker 1978, ela reformula a noção de *cenário contextual*, proposta pelo último autor. De acordo com Reinhart, o cenário contextual é organizado e classificado pelos falantes. Nessa organização, o tópico é um dos meios oferecidos pela língua para classificar a informação trocada na comunicação. Em outras palavras, o tópico é um sinal de como estabelecer o cenário contextual, ou de como determinar o domínio da nova proposição.

Todas essas noções de tópico (Mathesius, Hockett, Gundel, Reinhart e o *tema de Halliday*) têm em comum a idéia de que o tópico sentencial deve vir em posição inicial. Reinhart e Gundel modalizam a afirmação, dizendo que o tópico pode aparecer em outra posição, o que configura um fato inesperado. Tomando a sentença (12)<sup>27</sup> como exemplo, e usando a noção de *aboutness*, em um contexto especial, a sentença pode dizer algo sobre Felix, e não sobre Rosa. Desse modo, *Felix* seria o tópico da sentença:

(12) *Rosa is standing near Felix.*

Partindo da constatação de que a posição inicial não é um critério absoluto, e posta a dificuldade de se identificar *sobre o quê* uma sentença diz algo, Reinhart e Gundel propuseram testes para identificar o tópico de uma sentença<sup>28</sup>. Tais testes, entretanto,

---

<sup>25</sup> Gundel 1988 é um exemplo de investigação translingüística. Da maneira como é conhecida hoje, a noção de *aboutness* foi esquematizada pela primeira vez por Strawson 1964.

<sup>26</sup> REINHART, T. (1982). Pragmatics and linguistics: An analysis of sentence topics. *Philosophica* 27. 53-94.

<sup>27</sup> Reinhart 1982, ex. 24

<sup>28</sup> Os testes são conhecidos como “as for test”, “what about test” e “said about test”.

apresentam problemas, como constatam Lambrecht (1994:149), Vallduví (1992:33), Pontes (1986: 186), entre outros.

Além disso, a simples diferenciação entre tópico e comentário não captura todas as distinções informacionais possíveis em uma sentença. Isso fica claro no exemplo (13), de Prince 1986 (apud Vallduví 1992:34)<sup>29</sup>:

(13) a. *She gave a SHIRT to Harry.*

b. *To Harry she gave a SHIRT.*

Os exemplos acima representam a mesma proposição lógico-semântica, mas expressam diferentes estruturas na organização da informação<sup>30</sup>. No quadro teórico tópico-comentário, a análise seria a seguinte: em (13a), o tópico é *she*, e o comentário *gave a shirt to Harry*. Em (13b), o tópico é *to Harry*, e o comentário é *she gave a shirt*. Entretanto, existe um contraste informacional que a análise não alcança, especialmente em (13a): a proeminência prosódica de *shirt* marca uma diferenciação em seu *status* informacional em relação a *Harry*. Para uma boa proposta de análise, é necessário incluir a noção de foco, que será apresentada nas seções seguintes.

Para finalizar, é importante ressaltar que, para alguns autores, como Reinhart, todas as sentenças têm um tópico, obrigatoriamente. Muitos outros discordam, como Gundel, Vallduví e Lambrecht. Como foi apontado na introdução desse trabalho, esses autores têm razão. A grande produtividade das sentenças existenciais e de um certo tipo de sentenças VS no português brasileiro, que exprimiriam sentenças de juízo tético, são evidência de que nem toda sentença tem tópico. Voltarei a esse assunto na exposição sobre a função pragmática *com foco em toda sentença*, proposta por Lambrecht 1994.

---

<sup>29</sup> PRINCE, E. F. (1986). On the syntactic marking of presupposed open propositions. *Parasession papers*. *CLS* 22.208-22.

<sup>30</sup> As sentenças são um exemplo do que Danes chama de *alossentenças*. Esse conceito foi explicado no item 2.1.

### 2.3.3. Tópico-foco

Um pouco mais recente, a articulação tópico-foco foi proposta a partir dos estudos dos lingüistas da Escola de Praga, citados anteriormente. Sgall, Hajicová e Panevová 1986 são um exemplo de abordagem nessa perspectiva.

As definições de tópico e foco são feitas em termos de limite contextual e liberdade contextual, respectivamente. Dessa maneira, considerando o conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte, o tópico é o elemento da sentença cujo referente está inserido nesse conjunto de conhecimento, daí ser considerado como *pertencente ao limite*. O foco, por sua vez, está fora do corpo de conhecimento partilhado entre falante e ouvinte, e por isso é dito *livre*.

O tópico, além de pertencer ao conjunto de conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte, precisa estar *ativado* ou *saliente*. Considere o exemplo (14)<sup>31</sup>, com proeminência prosódica em *dams*:

(14) *Beavers build DAMS.*

Do ponto de vista da articulação tópico-comentário, o tópico seria invariavelmente *beavers*. Já na articulação tópico-foco, a noção de tópico abrange não só o tópico da visão tópico-comentário, mas também uma parte do comentário (*beavers build*). O foco na sentença dada é expresso por *dams*.

Como já foi indicado anteriormente, o tema de Firbas é equivalente ao tópico da articulação tópico-comentário, apesar de o primeiro ser definido em termos de dinamismo comunicativo (*tema* é o elemento que apresenta essa propriedade em menor grau), e não em termos de limite contextual (*tópico* é um elemento compartilhado e saliente na memória dos interlocutores). Da mesma forma, será mostrado na seção seguinte que a

---

<sup>31</sup> Exemplo de Sgall, Hajicová e Panevová (1986:57)

articulação tópico-foco é equivalente à articulação foco-proposição aberta, apresentando os mesmos tipos de limitações (também explicadas na seção seguinte).

A contribuição importante dos estudiosos desse tipo de abordagem para a análise da estrutura da informação é a constatação de que o limite contextual (ou ativação) é uma propriedade da parte não focal da sentença. Entretanto, a definição de foco como contextualmente livre é problemática, já que o constituinte em foco pode ser uma informação velha ou até mesmo saliente, como mostra o exemplo (15b):

(15) a. *Quem chegou, o João ou o Pedro?*

b. *Foi o PEDRO que chegou.*

#### **2.3.4. Foco-proposição aberta ou foco-pressuposição**

O termo foco, segundo Vallduví, começou a ser usado por Halliday 1967, com o objetivo de designar uma parte do rema (a informativa) em sua articulação tema-rema. Assim, enquanto o foco é a parte informativa da sentença, a proposição aberta é a parte da sentença que serve de âncora ou de parte veiculadora. A partir disso, o termo foi difundido na gramática gerativa (ver Chomsky 1971 e Jackendoff 1972), algumas vezes também sendo chamado de *foco de informação nova*. O foco é freqüentemente associado à proeminência prosódica, o que se tornou uma ferramenta valiosa em sua identificação.

Definido negativamente como o complemento da presuposição, o foco é entendido como o elemento que não é compartilhado pelo falante e pelo ouvinte. Do ponto de vista da gramática gerativa, ele não é *c-construível*<sup>32</sup>. Tal fenômeno pode ser explicitado da

---

<sup>32</sup> C-construível significa ter um antecedente no discurso anterior. É necessário ressaltar, entretanto, que a gramática gerativa reconhece a existência de um tipo de foco no qual o referente é c-construível. É o caso do SN *o Pedro* no exemplo (6), chamado de *foco contrastivo*.

seguinte maneira: a pressuposição é a sentença com uma variável no lugar do foco. Assim, uma sentença como (16a) possui a pressuposição (16b). *A shirt* é o foco em (16a).

(16) a. *She gave A SHIRT to Harry.*

b. *She gave x to Harry*<sup>33</sup>.

Em outras palavras, a sentença (16a) pressupõe que *Ela deu algo pro Harry*, e o foco indica que esse algo é a camisa.

Da mesma maneira que a articulação tópico-comentário, a abordagem foco-proposição aberta também apresenta falhas para a explicação dos dados. O mesmo par de alossentenças utilizado para a exposição das limitações da primeira, repetido em (17), comprova tal fato:

(17) a. *She gave A SHIRT to Harry.*

b. *To Harry she gave a SHIRT.*

Como visto, a proposta tópico-comentário não explica a diferença informacional entre *a shirt* e *to Harry*, na sentença (17a), na medida em que não diferencia o elemento focal. Já o modelo foco-proposição aberta, por um lado, diz que *a shirt* é o foco que licencia a variável na proposição aberta (como foi mostrado no exemplo (16)). Essa explicação captura o fato de que *a shirt* e *to Harry* pertencem a duas unidades informacionais diferentes. Por outro lado, o modelo não explica a diferença entre (17a) e (17b), que é bem explicada pela visão tópico-comentário.

Do ponto de vista do modelo foco-proposição aberta, a proposta é a de que, nas duas sentenças, existe um foco, *a shirt*, e uma proposição aberta, *she gave something to Harry*. Entretanto, *to Harry*, na primeira sentença, está em posição final, e na segunda, ocupa a posição inicial. Existe uma diferença na estruturação da informação, expressa na ordem dos constituintes, que não foi contemplada nessa análise.

---

<sup>33</sup> Prince 1986: ex 1

Desse modo, em termos da comparação entre as articulações tópico-comentário e foco-proposição aberta, o que uma falha em explicar, a outra explica bem, e vice-versa.

### 2.3.5. O modelo de Vallduví

Embora Vallduví tenha identificado cinco grupos de estudos que se diferenciam no tratamento da estrutura da informação, é possível resumi-los em duas visões distintas: a do tópico-comentário e a do foco-proposição aberta, como mostra o quadro seguinte:

<b>TÓPICO-COMENTÁRIO</b> tema-rema	<b>FOCO-PROPOSIÇÃO ABERTA</b> tópico-foco dominância
Critério de divisão: noção de <i>aboutness</i>	Informação velha X informação nova
<i>Tópico</i> é fundamental	<i>Foco</i> é fundamental
O falante anuncia um tópico (ou tema) e então diz algo sobre ele. O tópico (ou tema) para a grande maioria dos autores é o primeiro elemento da sentença	A divisão da sentença é feita entre o que é compartilhado entre falante e ouvinte (proposição aberta ou tópico) e o que não é compartilhado (foco)

Dado que as duas visões separadamente não distinguem todas as sutilezas encontradas na estrutura da informação, a proposta de Vallduví consiste em combinar o quadro teórico tópico-comentário e o quadro teórico foco-proposição aberta. Com isso em vista, o autor estabelece que a sentença é articulada informacionalmente em uma estrutura tripartite hierárquica, formada pelo foco e pela base (*ground*), que por sua vez é subdividida em link e coda (*tail*). Essa articulação está representada em (18):

$$(18): S = \{foco, base\}$$

$$base = \{link, coda\}$$

O foco corresponde exatamente ao foco nos quadros teóricos estudados. Ele constitui a única parte informativa da sentença, além de ter proeminência prosódica. É

também a única parte não suprimível, na medida em que é a contribuição para o conhecimento do ouvinte no instante da enunciação.

A base é o complemento do foco e equivale à proposição aberta e ao tópico da articulação tópico-foco. A força informacional da base consiste exclusivamente em ser um veículo para o foco. A base é dividida em link e coda, sendo que cada uma realiza uma tarefa particular dentro do ancoramento mais geral da unidade superordenada.

O link é análogo às expressões tópicas de começo de sentença (como algumas encontradas na articulação tema-remática e na articulação tópico-comentário), já que aparece obrigatoriamente em posição inicial. Apesar disso, nem todos os elementos no início de sentença são links. Considerando que o link faz parte da base, sentenças sem links são possíveis em situações em que o elemento ao qual a informação deve ser relacionada já estiver estabelecido, ou, por qualquer razão, não exista um elemento particular ao qual a informação codificada na sentença se relacione.

A coda, o último primitivo informacional proposto por Vallduví, é o complemento do link dentro da base. Ele foi tomado emprestado, segundo o autor, da coda (*tail*) da teoria funcional proposta por Dik. Também é equivalente ao termo *antitópico*, e, da mesma forma que o seu sinônimo, tem sido usado para descrever os chamados constituintes deslocados à direita, especialmente em línguas como o francês. Um exemplo típico de antitópico é o sintagma *your brother*, na sentença (19)<sup>34</sup>:

(19) *He is a nice GUY, your brother.*

Apesar da equivalência, a noção de coda, no entendimento de Vallduví, é mais ampla que a noção de antitópico, já que, diferentemente do exemplo, pode aparecer em outras posições que não a final, além de (também diferentemente do exemplo citado) comportar elementos que não sejam co-referenciais ao link.

---

<sup>34</sup> Lambrecht 1994: 203

Resumindo, enquanto o link e o foco possuem características universais estruturais (posição inicial na sentença e proeminência prosódica, respectivamente), não há correlato estrutural no caso da coda. Ela deve ser definida negativamente como a parte não focal e que não é o link da sentença.

A partir de sua articulação tripartite, Vallduví apresenta quatro possibilidades de estruturação informacional das sentenças: sentença link-foco, sentença link-foco-coda, sentença-foco, sentença foco-coda. Esses tipos equivalem, de uma maneira ou de outra, às estruturas de foco propostas por Lambrecht 1994

A proposta de Vallduví, de fato, é mais abrangente que as abordagens de seus antecessores, na medida em que captura diferenças informacionais importantes. O exemplo (20) evidencia esse fato. A análise de Vallduví isola o tópico (*the boss*, na posição do link), além de distinguir o elemento focal (*hates*, na posição de foco) daquilo que faz parte do conhecimento compartilhado (base), mas não é o tópico (*broccoli*, na posição de coda).

(20) *The boss HATES broccoli.*  
           *link      foco      coda*

No exemplo (20), fica claro como a coda, que em alguns casos pode ser equivalente ao antitópico, não pode ser igualada a esse termo.

Entretanto, falta nessa abordagem um componente que, ao meu ver, é fundamental para o estudo da estrutura da informação: a análise da identificabilidade e ativação dos referentes, incorporada por Lambrecht. Além disso, embora as propostas dos dois autores sejam equivalentes no que se refere às estruturas de foco, Lambrecht dá um passo além ao relacionar essas estruturas a certas funções pragmáticas (como a de tópico-comentário, identificacional, apresentacional e de reportar evento), o que torna mais completo o caráter discursivo de sua abordagem.

### 2.3.6. A *topicalidade* de Givón

Além de propostas para a articulação informacional (binária ou ternária) das sentenças, existe também a noção singular de *topicalidade*, proposta por Givón 1983. Para esse autor, topicalidade é uma propriedade que todos os participantes do discurso possuem em maior ou menor escala. O grau de topicalidade (também chamado *continuidade*) de um referente, segundo Givón, irá determinar não só o modo como será codificado lingüisticamente por expressões referenciais, como também a ordem dos constituintes. O exemplo (21)<sup>35</sup> ilustra a situação:

- (21)        a.        *Does he want mustard on his broccoli?*  
               b.        (i) *I don't think so, thanks. Brown mustard he likes,*  
                       (ii) *but this yellow stuff he doesn't touch.*

O tópico de Givón na sentença (21b ii) é *he*. É a entidade mais saliente no discurso, e portanto, codificada de maneira mais “fraca”. Na visão tópico-comentário, o tópico seria *this yellow stuff*. O falante anuncia um tópico sobre o qual é dito algo depois.

Esta pesquisa aproxima-se do trabalho de Givón na medida em que a teoria da continuidade tópica diz respeito ao status referencial das entidades em relação à sua presença no discurso anterior. Desse ponto de vista, os referentes mais tópicos necessitam de codificação mais fraca (como a anáfora zero e a pronominalização), e os menos tópicos, de codificação mais forte (como sintagmas nominais indefinidos). Lambrecht 1994 desenvolve a mesma idéia, mas em termos de identificabilidade e ativação de referentes (ver capítulo 3). Entretanto, é necessário ressaltar que a topicalidade a que Givón se refere não se identifica nem com o tópico da articulação tópico-comentário, nem com o tópico estabelecido por Lambrecht.

---

<sup>35</sup> Exemplo de Vallduví (1992:34)

### 2.3.7. A proposta de Dik e a análise de Pezatti para o PB

Pezatti 1998, ao analisar as funções pragmáticas no PB, adota o modelo proposto por Dik 1989. Segundo esse autor, existem três níveis de funções na descrição lingüística:

- (i) funções semânticas: agente, paciente, meta, etc
- (ii) funções sintáticas: sujeito, objeto e adjuntos
- (iii) funções pragmáticas: tópico e foco, tema e antitema<sup>36</sup>, entre outros

Além disso, Dik afirma que qualquer texto de uma língua natural pode ser dividido em constituintes extra-oracionais e constituintes intra-oracionais. No que concerne às funções pragmáticas, o tema e o antitema são constituintes extra-oracionais, e o tópico e o foco são constituintes intra-oracionais. Desse modo, as funções de tópico e foco são sempre atribuídas a algum elemento da predicação (argumentos, satélites, operadores de termos e predicados). A divisão em constituintes extra e intra-oracionais explica por que, nessa abordagem, os constituintes pragmáticos freqüentemente (mas nem sempre) terão uma função semântica e, possivelmente, uma função sintática.

A função de tópico é equivalente ao tópico da articulação tópico-comentário. Pezatti afirma que o tópico apresenta a entidade sobre a qual a predicação diz algo numa dada situação. O sintagma *o empresário*, no exemplo (22)<sup>37</sup>, ilustra a função:

(22) *O empresário havia saído de Sorocaba por volta das 12 h [...].*

O foco, nesse entendimento, mantém a característica comum à noção de foco de todas as abordagens citadas, a proeminência prosódica. É definido como “a informação mais importante ou saliente num dado contexto de interação verbal” (Pezatti 1998:137). Segundo a autora, ele é avaliado pelo emissor como essencial para ser integrado na

---

<sup>36</sup> Pezatti traduziu *tail* como *antitema* porque “além de representar uma posição não argumental, como o tema, coloca-se linearmente em posição antagônica a ele” (Pezatti 1998:135)

<sup>37</sup> Pezatti 1998:137

informação pragmática do enunciatário. O exemplo dado para foco é o adjetivo *enorme*, em (23)<sup>38</sup>:

(23) *Você ia ao cinema e tinha que ficar em pé numa fila ENORME [...]*

É interessante notar que o uso da palavra *saliente* para a definição de foco causa confusão, na medida em que, na grande maioria dos estudos sobre a estrutura da informação, o participante mais saliente no discurso é o tópico da sentença. Essa confusão, acredito, se deve aos vários sentidos que *saliente* pode adquirir. Provavelmente, a intenção da autora foi destacar a importância do foco no processo de comunicação (dado que a teoria funcionalista de Dik entende a que o principal objetivo da língua é a comunicação). Entretanto, ao meu ver, *enorme* não parece ser o elemento que *move* a comunicação na sentença destacada em (23). A proeminência prosódica em *enorme* parece mais ser um intensificador, como um advérbio, por exemplo. Esse é um problema não só da teoria de Dik, mas de todas aquelas que identificam foco com proeminência prosódica. Apesar de o foco ser expresso por ela, nem toda proeminência prosódica identifica um foco.

No que se refere às funções pragmáticas extra-oracionais de tema e antitema, explica Pezatti, elas são desempenhadas por constituintes que não fazem parte da predicação propriamente dita, estando, por isso, mais intrinsecamente associadas à *funcionalidade pragmática*<sup>39</sup>.

O tema de Dik está próximo ao que Chafe 1976 chama de composição de cenário (*scene-setting*). A composição do cenário é entendida como a definição do quadro espacial, temporal ou individual dentro do qual a predicação acontece. Esse conceito também se aproxima do tópico de Li & Thompson 1976 (ver seção seguinte).

---

<sup>38</sup> Pezatti 1998:137

<sup>39</sup> Ao lado do tema e do antitema, Pezatti reconhece a existência de outras funções pragmáticas extra-oracionais que não estão relacionadas à estrutura da informação, como o monitoramento da interação, por exemplo, expresso por um vocativo ou por um iniciador, como *bem*.

Em resumo, para Dik, o constituinte com a função de tema apresenta o domínio ou o universo do discurso com relação ao qual é relevante enunciar a predicação subsequente. A autora ilustra a função com a seqüência *quanto à casa da praia*, no exemplo em (24)<sup>40</sup>:

(24) *Quanto à casa da praia, é onde eu tenho me refugiado quando temos nossas férias e folgas.*

Do ponto de vista prosódico, ela afirma, o tema é marcado por uma velocidade mais lenta e um contorno entoacional suspensivo, o que acarreta uma ruptura da linha melódica que o separa da predicação subsequente.

Finalmente, o antitema, segundo a autora, abrange o conceito de *antitópico* da gramática gerativa, ressaltando que ele deve ser não-argumental. Um exemplo de antitema é o sintagma *your brother*, já citado anteriormente e repetido em (25):

(25) *He is a nice GUY, your brother.*

A principal contribuição de Dik para o estudo da estrutura da informação é o destaque dado ao fato de que os elementos que compõem a informação de uma proposição podem ser argumentais ou não-argumentais. Uma consequência disso é que a teoria acomoda muito bem os casos chamados de *deslocamentos à esquerda e à direita*.

Por outro lado, a caracterização do *foco* é bem ampla, em comparação às estruturas descritas por Vallduví e Lambrecht. Além disso, da mesma forma que em Vallduví, a identificabilidade e ativação dos referentes não são considerados elementos fundamentais para o estudo da estrutura da informação de maneira geral, na visão de Dik.

---

<sup>40</sup> Pezatti 1998:138

### 2.3.8. O estudo de Li & Thompson e a proposta de Pontes para o PB

Outro trabalho bastante citado na literatura que trata da estrutura da informação é o de Li & Thompson 1976. A articulação que embasa sua proposta é a de tópico-comentário, e a partir das idéias desses autores, Pontes 1986, 1987 fez um estudo das chamadas *construções de tópico* e do sujeito no PB. Segundo Li & Thompson, as línguas podem ser divididas em quatro tipos:

- (i) línguas com proeminência de sujeito, em que a estrutura das sentenças favorece uma descrição na qual a relação sujeito-predicado é central.
- (ii) línguas com proeminência de tópico, em que a estrutura das sentenças favorece uma descrição na qual a relação tópico-comentário é central.
- (iii) línguas com proeminência de sujeito e tópico, na qual existem duas construções diferentes que são igualmente importantes: sujeito-predicado e tópico-comentário.
- (iv) línguas que não exibem proeminência nem de sujeito, nem de predicado. Nesse caso, o sujeito e tópico mesclam-se, e não é possível distinguir os dois tipos.

A autora afirma que, apesar do PB ter sido considerado por muito tempo como uma língua com proeminência de sujeito, ela pode ser entendida, “no mínimo, como uma língua do terceiro tipo, em que as duas noções são proeminentes” (1986:39), devido à grande quantidade de construções de tópico encontradas na língua oral. Pontes considera que os exemplos mais perfeitos da construção de tópico em PB são os do mesmo tipo encontrado no chinês, como (26)<sup>41</sup>:

(26) *Essa bolsa aberta aí, eu podia te roubar a carteira.*

---

<sup>41</sup> Pontes 1986: 15

Desse ponto de vista, afirma-se que existe um tópico no início da sentença, seguido de um comentário. Esse, por sua vez, constitui-se por uma sentença completa, com sujeito e predicado.

Comparando o modelo de Li & Thompson com outros citados nas seções anteriores, sabe-se que a articulação tópico-comentário possui algumas limitações. Nesse modelo, a ênfase é dada no tópico, e o foco se perde no comentário. Como apontam Vallduví e Lambrecht, entre outros, o *foco* é o elemento informacional indispensável numa sentença, e não o tópico.

Apesar disso, o trabalho de Pontes traz algumas considerações interessantes que estão alinhadas a esta pesquisa. Existem passagens na obra em que se nota claramente uma abordagem semelhante à da Linguística Cognitiva, especialmente no que concerne à relação entre tópico e sujeito. Pontes afirma que as definições existentes de sujeito não resistem às exigências do modelo clássico. Tanto linguistas como os falantes, ressalta, usam traços não-necessários e não-suficientes em suas definições. Em pesquisa de campo, ela notou que os traços que emergem quando os falantes são testados para o sujeito são *agente* e *tópico*. Entretanto, sujeitos que não são agentes nem tópicos sempre podem ser encontrados. Autores que estudaram esse problema sob uma perspectiva tipológica, como Keenan 1976, evoluíram para uma visão prototípica de sujeito, o que só reforça as conclusões desta pesquisa<sup>42</sup>.

---

<sup>42</sup> Langacker 1991, na mesma linha de pensamento, também discute os desdobramentos da relação sujeito-tópico.

### 2.3.9. A visão de Cresti

De um ponto de vista diferente daqueles já apresentados, Cresti 2000 propõe a *Teoria da Língua em Ato* para tratar questões relativas à informação. Com base na Teoria dos Atos de Fala, de Austin, desenvolvida posteriormente por Searle, e na observação de um vasto *corpus* gravado de conversação espontânea<sup>43</sup>, Cresti notou uma correspondência entre eventos de fala e certos padrões entoacionais. Esses, por sua vez, são definidos a partir de um quadro teórico de estudos formais e perceptuais de entoação, como Hart *et alli* 1990 e Martin 1978, 1987 (*apud* Cresti 1995)<sup>44</sup>

A Teoria da Língua em Ato propõe a segmentação do fluxo do discurso em unidades menores, denominadas *enunciados*. Os enunciados são entendidos como a contraparte lingüística de um evento de fala, ou, em outras palavras, as menores unidades lingüísticas que permitem uma interpretação pragmática. Nesse entendimento, quando um ato *ilocucionário* é realizado (ou completado), o evento de fala em questão pode ser considerado um enunciado.

Além do critério pragmático, como já foi dito, a prosódia também é imprescindível na delimitação de um enunciado. Segundo Cresti & Moneglia 2005, não há enunciado que não termine com uma variação melódica acentuada. É importante enfatizar que, para Cresti & Moneglia, embora a entoação não seja o único critério a ser utilizado para a identificação de um enunciado, é o único que não pode ser desconsiderado. Com isso, a

---

<sup>43</sup> A teoria foi empiricamente baseada na análise de um *corpus* de italiano falado, sendo posteriormente utilizada em um estudo contrastivo de quatro línguas românicas (italiano, francês, espanhol e português de Portugal). Atualmente, a teoria também está sendo aplicada a dados do português brasileiro.

<sup>44</sup> HART, J, COLLIER, R. & COHEN, A. (1990). *A perceptual study of intonation*. Cambridge: Cambridge University Press

MARTIN, P. (1978). *L'intonation de la phrase en italien*. In "Studi della grammatica italiana, VIII". Firenze: Accademia della Crusca

MARTIN, P. (1987). *Prosodic and rhythmic structures in French*.

avaliação acústica constitui o parâmetro formal mais importante para o reconhecimento de um ato lingüístico.

Dessa maneira, o fluxo discursivo é segmentado em *unidades tonais* por meio de *quebras prosódicas*, que podem ser terminais ou não terminais. Cada segmento finalizado por uma quebra prosódica terminal corresponde a um ato de fala, ou a um enunciado. A quebra prosódica não terminal evidencia apenas o fim de uma unidade tonal.

As quebras prosódicas são definidas *perceptualmente*, ou seja, qualquer falante nativo de determinada língua pode, em princípio, identificar uma quebra prosódica naquela língua. A quebra prosódica é considerada terminal se um falante competente, com base na sua percepção, relacioná-la à conclusão de uma seqüência de uma ou mais unidades tonais. É considerada quebra prosódica não terminal aquela a qual o falante atribui, de acordo com a sua percepção, a qualidade de ser não conclusiva, dada uma seqüência de uma ou mais unidades tonais.

Cada unidade tonal é caracterizada em termos informacionais, ou seja, as unidades tonais são também *unidades informacionais*, classificadas de acordo com a tipologia proposta por Cresti. Da mesma forma que a segmentação do discurso, essa tipologia é feita, basicamente, a partir de critérios pragmáticos aliados a critérios prosódicos.

A primeira divisão que pode ser feita nas unidades informacionais propostas por Cresti é que existem unidades que participam da construção do texto – que são o *tópico*, o *comentário* e o *apêndice* – e unidades que operam funcionalmente fora do texto e se relacionam diretamente com o interlocutor. São as chamadas *unidades dialógicas*, das quais podem ser citadas *os incipits*, *as alocações* e *os introdutores locutivos*.

Nessa perspectiva, a unidade informacional básica é o *comentário*, pois é definida como aquela que carrega a força ilocucionária do enunciado. O comentário é, desse modo, a unidade necessária e suficiente para a constituição do enunciado, e todas as outras

unidades são consideradas opcionais. O *tópico* é definido como o âmbito de aplicação da força ilocucionária veiculada pelo comentário. Ele deve sempre preceder o comentário, mas não é obrigatório que apareça na posição imediatamente anterior. Com isso, para a teoria, é possível haver enunciados que não apresentem tópico, mas não é possível existir enunciado sem um comentário, pois sem ele não se cumpre nenhum ato de fala. O exemplo em (27)<sup>45</sup> ilustra as duas funções. É importante ressaltar que todos os exemplos referentes à Teoria da Língua em Ato ilustram apenas *uma* dentre as várias possibilidades de expressão de cada unidade tratada:

(27) *il concorso/ vinto!*  
           tópico/      comentário

Além do tópico e do comentário, o apêndice completa as unidades que participam da construção do texto. Ele é definido como uma integração textual, podendo existir apêndice de tópico e apêndice de comentário. O apêndice aparece em posição imediatamente seguinte à unidade a qual se refere. Observe os exemplos (28)<sup>46</sup> e (29)<sup>47</sup>, referentes ao apêndice de comentário e apêndice de tópico, respectivamente:

(28) *parla della famiglia/ il Signore*  
           comentário/          apêndice de comentário

(29) *io/      mangiare/      mangio//*  
           tópico/ apêndice de tópico/ comentário

Além dessas unidades, como já foi dito, existem unidades que se relacionam diretamente ao interlocutor. Segundo Cresti, se forem pronunciadas isoladamente, não são completamente interpretáveis. Ainda segundo a autora, não dizem respeito ao conteúdo propriamente locucionário, e por essa razão são consideradas como aquelas que operam

---

<sup>45</sup> Cresti 2000: 118

<sup>46</sup> Cresti 2000: 131

<sup>47</sup> Cresti 2000: 132

funcionalmente fora do texto. Dentre elas, pode-se citar o *incipit*, as alocações e os introdutores locutivos.

Os *incipits*, segundo Cresti, são as unidades dialógicas mais frequentes. Eles explicitam, independentemente da forma lexical, a vontade do falante de iniciar um turno ou continuá-lo. Um exemplo pode ser visto em (30)<sup>48</sup>:

(30) *Allora/ quattro di questi*  
 incipt/ comentário

As alocações exercem seu papel na comunicação por meio de um chamamento direto do interlocutor, sendo composta de nomes próprios, pronomes pessoais etc. Um exemplo pode ser visto em (31)<sup>49</sup>:

(31) *mi dica/ signorina//*  
 comentário/ alocação

Dentre as mais importantes unidades de informação, devem ser destacados os introdutores locutivos, que servem principalmente para assinalar o discurso direto reportado, mas também podem introduzir outros comentários complexos. Observe o exemplo (32)<sup>50</sup>:

(32) *Ma po' gli ho detto/ ma di chi è stata/ della professoressa?*  
 introdutor locutivo/ comentário/ apêndice de comentário

Finalmente, cabe dizer que, exceto o comentário, cada unidade informacional apresenta um *perfil entoacional* característico, definido como um modelo com possíveis variantes. Segundo a teoria, a diferenciação do comentário se deve ao fato de esta unidade ser definida como aquela que carrega a força ilocucionária. Por essa razão, apresentará perfis entoacionais diferentes, de acordo com as diferentes funções ilocucionárias (interrogação, exclamação, ordem, reclamação etc)

---

<sup>48</sup> Cresti 2000: 138

<sup>49</sup> Cresti 2000: 141

<sup>50</sup> Cresti 2000: 146

A determinação dos perfis entoacionais das outras unidades, diferentemente das quebras prosódicas, não pode ser feita apenas perceptualmente. Eles são determinados com a ajuda do software *WinPitch*, idealizado por Philippe Martin. Entre outras funções, com esse programa é possível realizar uma análise acústica eficiente com a frequência fundamental em tempo real e mostrador espectrográfico.

Um exemplo de perfil entoacional da unidade de tópico é dado por Mittmann 2008. A autora, numa análise para os dados do PB, até o momento, identificou três variantes para o perfil do tópico nessa língua, com movimentos: ascendente-descendente, ascendente com subida interrompida e descendente-nivelado-ascendente. Embora eu não tenha tratado aqui detalhadamente dos perfis entoacionais, é importante destacar que eles são, ao lado das definições pragmáticas, fundamentais e indispensáveis para o reconhecimento de uma unidade informacional.

A proposta de Cresti se destaca, desse modo, pela importância que é dada à entoação para o estudo da informação em um discurso. As outras propostas já citadas, inclusive a de Lambrecht, quando olham para esse componente gramatical, estão interessadas somente no foco, ou acento primário. Entretanto, nenhuma delas (e, neste ponto, espero que minha pesquisa seja exceção), até onde eu saiba, foi rigorosa no que diz respeito à coleta e transcrição dos dados, no sentido de haver a possibilidade de confrontar, concomitantemente, a transcrição e a escuta dos dados.

Nesta dissertação, os critérios fundamentais para o estudo do fluxo da informação são aqueles relacionados às suposições do falante em relação ao estado de conhecimento e consciência do ouvinte, ou seja, são de cunho cognitivo. Paralelamente, busco relacionar os mecanismos formais ligados à expressão da informação, dentre os quais estão a sintaxe e a prosódia. Dessa maneira, a prosódia adquire papéis diferentes nas propostas de Cresti e de Lambrecht. Na primeira, pode ser considerada, ao lado da Pragmática Conversacional de

Austin, como *definidora* das unidades informativas. Na segunda, ela uma das possíveis expressões formais para a veiculação da informação.

Embora os pressupostos teóricos sejam diferentes, a proposta de Cresti contribuiu para esta pesquisa na medida em que aponta a importância do rigor metodológico (em relação à coleta e à transcrição de dados) para um estudo que se pretende baseado na língua em uso. A esse respeito, é importante ressaltar que a Teoria da Língua em Ato, além de ser baseada na língua em uso, se apresenta como uma *corpus based theory*<sup>51</sup>. Em outras palavras, a teoria é altamente indutiva, no sentido de que, partindo de uma quantidade enorme de dados registrados de conversação espontânea, e de alguns pressupostos teóricos emprestados de Austin (o que confere a porção indutiva para a teoria), as unidades informacionais foram sendo identificadas com base na observação dos padrões entoacionais.

Como a natureza da minha pesquisa não se pretende indutiva, pois parto das articulações pré-estabelecidas por Lambrecht, meu *corpus* de análise é bem mais modesto, e não será submetido à análise prosódica, pelo menos não no sentido encontrado em Cresti & Moneglia. Como já foi dito, estarei interessada na proeminência prosódica (ou foco) somente. Além disso, as noções de unidades tonais e enunciado serão úteis para a organização dos dados.

Finalmente, a noção de informação que utilizo neste trabalho engloba somente o que Cresti chamou de unidades informacionais que formam o texto (que são o tópico, o comentário e o apêndice). Apesar disso, a identificação de unidades informacionais dialógicas (que, espero que fique claro, no decorrer do trabalho, o motivo pelo qual não podem ser consideradas como *informação*, no sentido de Lambrecht) foi esclarecedora na medida em que ajudou a delimitar, ainda que por exclusão, as unidades relevantes para

---

<sup>51</sup> Os dados estão compilados em Cresti & Moneglia 2005.

análise, que, nesta pesquisa, coincidem com a noção de sentença. Após a segmentação (as narrativas que analiso não estavam segmentadas *a priori*), percebi que nem todas as unidades entoacionais encontradas eram significativas em termos da organização da informação, no sentido cognitivo do termo. O detalhamento das unidades dialógicas de Cresti foi fundamental para uma distinção adequada. As questões relativas à metodologia e ao uso do conceito de sentença serão discutidas no capítulo 4.

### 2.3.10. O tópico discursivo

Além de todas essas propostas para a articulação informacional, a noção de *tópico discursivo* também é frequentemente encontrada na literatura. Autores como Keenan-Ochs & Schieffelin 1976<sup>52</sup> (apud Vallduví 1992) e Bayer 1980<sup>53</sup> (apud Vallduví 1992) são exemplos dessa visão. Nesse entendimento, um dado texto é entendido como sendo sobre uma certa proposição ou uma certa entidade do discurso, que é o tópico desse texto. Em outras palavras, o tópico discursivo é uma entidade sobre a qual um certo discurso traz informações. A noção de topicalidade de Givón está relacionada a essa noção de tópico, na medida em que o autor propõe uma escala que indica a probabilidade de uma entidade ser o tópico discursivo em um determinado enunciado. Cabe lembrar, porém, que essa é uma noção supra-sentencial, que deve ser investigada tendo em vista a coesão e coerência de um texto como um todo. Apesar disso, o tópico discursivo pode ser lingüisticamente representado em uma ou mais sentenças do discurso, podendo, dessa forma, coincidir com o tópico como entendido nesta pesquisa.

---

<sup>52</sup> KEENAN-OCHS, E. E SCHIEFFELIN, B. (1976). *Foregrounding referents: A reconsideration of left-dislocation in discourse*. BLS 2.240-57.

<sup>53</sup> BAYER, J. (1980). Diskursthemen. In E. WEIGAND & G. TSCHAUDER (eds.). *Perspektive: Textintern, Akten des 14. linguistischen Kolloquiums* (Bossum 1979). Tübingen: Niemeyer

## **2.4. Conclusão**

Este segundo capítulo teve como objetivo foi apresentar ao leitor meu entendimento sobre a estrutura da informação. Defendi que essa deve ser vista como um componente gramatical, e, com base no modelo de Langacker e nos achados de Lambrecht, sugeri uma possível configuração da gramática que a acomodasse adequadamente.

Em seguida, foram apresentadas várias propostas encontradas na literatura para o estudo da estrutura da informação: a articulação tema-rema, de Halliday e Firbas, principalmente; a articulação tópico-comentário, adotada por Hockett, entre outros; a divisão em tópico-foco, de Sgall, Hajicová e Panevová; a estruturação em foco-suposição ou foco-proposição aberta, difundida entre os estudiosos da Gramática Gerativa; a proposta de Vallduví; a topicalidade (ou continuidade) de Givón; o modelo de Dik, adotado por Pezzati; a proposta de Li e Thompson, utilizada por Pontes, e finalmente, a visão de Cresti & Moneglia. Também tratei rapidamente do tópico discursivo, uma noção supra-sentencial parcialmente relacionada aos objetivos de minha pesquisa.

Na descrição de cada modelo, tentei destacar as contribuições para o entendimento da estrutura da informação, além de apresentar as limitações de alguns deles. De maneira geral, a principal crítica que pode ser feita àqueles que se propõem ao estudo da estrutura da informação é que a ênfase é dada ou no tópico, ou no foco. Acredito que a escolha de Lambrecht justifica-se na medida em que o autor propõe uma análise da *organização informacional* da sentença, que tem como elementos, ao lado de outros componentes, o tópico e o foco.

### 3. O modelo de Lambrecht

#### 3.1. A informação

Lambrecht afirma que existe uma distinção fundamental para o entendimento da estrutura da informação: a diferença entre a *informação* transmitida pela expressão de uma sentença e o *sentido* expresso por ela. Essa distinção será importante neste trabalho, e será discutida adiante. Antes disso, porém, como a palavra *sentido* pode ser entendida de diversas maneiras, acredito ser importante fazer uma distinção, que pode ser delimitada com base no modelo de gramática proposto por Langacker, apresentado no capítulo anterior.

Segundo esse autor, o pólo semântico da estrutura simbólica que representa uma unidade lingüística compreende três componentes: a situação objetiva, a estrutura da informação e o gerenciamento da fala. Já no capítulo anterior, adiantei que a situação objetiva será entendida, neste trabalho, como o conteúdo proposicional, ou, *sentido proposicional*. A proposta de Lambrecht, como se sabe, procura analisar a informação, e, para tanto, o conteúdo (ou sentido) proposicional deve ser levado em conta para esse cálculo. Embora Lambrecht reconheça a importância do gerenciamento da fala, que compreende questões de manutenção e retomada de turno, esse componente não entra no cálculo da estrutura da informação.

Dessa forma, é possível identificar um sentido maior da unidade lingüística (que proponho que seja grafado *Sentido*<sup>54</sup> – com a inicial maiúscula), e o sentido proposicional, que será grafado daqui em diante como *sentido* – com a inicial minúscula. O primeiro é

---

<sup>54</sup> Embora Lambrecht não faça menção ao conhecimento enciclopédico do qual depende toda a construção de *Sentido*, seu trabalho não ignora esse fato. A proposta de Lambrecht se insere na semântica de *frames*, de Fillmore, que justamente parte do pressuposto de que o *Sentido* de toda expressão lingüística está associado a um *frame*, que, por sua vez, parte do nosso conhecimento enciclopédico

global, e compreende os três componentes já citados, inclusive o *sentido*. O segundo corresponde à situação objetiva, ou à descrição de um estado de coisas no mundo (ressaltando, novamente, que o *mundo* a que me refiro é conceptual, ou seja, o das representações mentais).

Com isso, é possível voltar à afirmação de Lambrecht de que o entendimento do conceito de informação depende de sua diferenciação do conceito de *sentido*. Assim, o sentido de uma sentença, na visão de Lambrecht, é uma *função* contida nas expressões lingüísticas, e que permanece constante. Pode ser expresso tanto por itens lexicais individuais ou pelas relações entre eles. Já o valor informacional da expressão de uma sentença só pode ser estabelecido *relacionalmente*. A informação também depende dos estados mentais dos interlocutores. Uma dada porção de sentido proposicional constituirá um tipo ou outro de informação ou não dependendo da situação comunicativa na qual for expressa.

Uma maneira prática, segundo o autor, de caracterizar a informação é dizer que, ao informar o ouvinte sobre alguma situação ou estado de coisas, o falante influencia a representação mental que o ouvinte está fazendo sobre o mundo. Essa representação é formada pelo conjunto de proposições que o ouvinte conhece, ou em que acredita, ou que considera indiscutível no instante da enunciação. Nesse entendimento, “ter o conhecimento de uma proposição” é ter uma figura mental de seu *denotatum*, e não “saber a sua verdade”.<sup>55</sup>

Desse modo, a mente do ouvinte não é entendida como uma folha de papel em branco na qual novas proposições são escritas. A informação é adicionada a um estoque

---

<sup>55</sup> O conceito lógico de *verdade* não tem lugar na Pragmática Discursiva. Em uma teoria como a Semântica Formal, as proposições podem ser consideradas verdadeiras ou falsas, no sentido de que sua aplicação a estados de coisas em dados mundos pode ser correta ou incorreta. Já na Pragmática Discursiva, é inadequado atribuir valor de verdade às representações mentais de eventos, situações ou estados sobre os quais pensamos em termos de proposições, e que são comunicados por sentenças. Essas representações simplesmente existem ou não existem nas mentes de falantes e ouvintes.

pré-existente de conhecimento. O meio para a indução a uma mudança no estado de conhecimento é a adição feita pelo falante, à representação mental do ouvinte, de uma ou mais proposições.

Entretanto, é importante notar que, em geral, quando um falante influencia a representação do ouvinte sobre o mundo, incrementando-a, somente uma porção pequena da representação total é afetada. Essa é a porção que está “em discussão”, e a respeito da qual a quantidade de informação transmitida deve ser relevante.

A informação somente é eficazmente transmitida se a hipótese feita pelo falante a respeito do estado de conhecimento do ouvinte estiver correta, ou seja, se a informação que o falante estiver tentando passar ainda não estiver estocada na mente do ouvinte. Essa condição da transmissão bem-sucedida da informação tem sido chamada de “Princípio da presunção da ignorância”, como proposto por Strawson 1964.

Entretanto, como o estado de ignorância de um ouvinte nunca é total – pois a informação nova é sempre adicionada a um conhecimento já existente – esse princípio deve ser complementado por um outro, que Strawson chamou de “Princípio da presunção do conhecimento”.

Em outras palavras, usando dois termos bastante difundidos nos estudos sobre a informação, não há *informação nova* sem *informação velha*. Apesar de serem noções intuitivas, Lambrecht opta por não usar esses termos, porque eles são freqüentemente entendidos como *constituintes novos* e *constituintes velhos*, respectivamente. A informação transmitida por uma proposição, no entanto, não pode ser segmentada e pareada com os constituintes individuais das sentenças. Considere o exemplo em (1):

- (1)    a. *Quando você se mudou para a Suíça?*  
      b. *Quando eu tinha dezessete anos.*

Se a informação nova for entendida como constituinte novo, isto é, um constituinte cujo referente ou *denotatum* é novo para o ouvinte em um discurso em particular, a informação nova contida na resposta em (1b) seria *dezessete anos*, porque o restante da sentença já está contido na pergunta (o referente de *eu* e uma indicação abstrata do tempo, expressa basicamente por *quando*). Também seria possível pensar que todo o sintagma *quando eu tinha dezessete anos* configura a informação nova, pois ele é suficiente para expressar a informação solicitada. Entretanto, a informação veiculada pela resposta não consiste no fato de que em algum ponto da sua vida o falante teve dezessete anos. A “informação nova” está na *relação* estabelecida entre o ato de mudar para a Suíça, a pessoa envolvida no ato e o tempo em que a ação ocorreu.

Por causa da confusão embutida nesses termos, Lambrecht os substitui pelos termos mais específicos *pressuposição* e *asserção*, pois esses trazem consigo a noção de proposição. Assim, *informação velha* é aquela que está contida, ou é evocada por uma sentença como uma *pressuposição pragmática*, e a *informação nova* é aquela expressa ou transmitida por uma sentença como a *asserção pragmática*.

A partir dessa discussão, Lambrecht propõe três conjuntos de conceitos que compõem a análise da estrutura da informação:

➤ Pressuposição pragmática e asserção pragmática

Esses conceitos referem-se às suposições do falante sobre o estado de conhecimento e consciência do ouvinte no instante da enunciação, estruturando a proposição em porções que o falante assume que o ouvinte ou já sabe, ou ainda não sabe. De certa forma, a pressuposição e a asserção relacionam-se aos conceitos de *informação velha* e *informação nova*, respectivamente.

➤ Identificabilidade e ativação

Tais conceitos referem-se às suposições do falante sobre a natureza das representações dos referentes das expressões lingüísticas na mente do ouvinte no instante de enunciação, além das constantes mudanças que essas representações sofrem no decorrer do discurso.

➤ Tópico e foco

Esses conceitos referem-se à relação entre as proposições e os elementos que as compõem, em determinadas situações discursivas. O *tópico* é entendido como uma relação de *aboutness* entre referentes do discurso e proposições em determinados contextos discursivos. O *foco*, por sua vez, é definido como o elemento em uma proposição pragmaticamente estruturada pelo qual a asserção diferencia-se da pressuposição, e que torna informativa a expressão de uma sentença.

Esses três conjuntos de conceitos constituem categorias independentes, porém inter-relacionadas e ligadas a propriedades estruturais das sentenças. A grande diferença entre Lambrecht e os outros autores que estudaram a estrutura da informação consiste na relevância que é dada para a inter-relação dessas categorias. Como vai ser visto adiante, o cálculo da informação veiculada por uma sentença depende substancialmente da verificação do balanço entre pressuposição e asserção; do cômputo da identificabilidade e ativação dos referentes; e do estabelecimento do tópico e do foco.

### **3.2. Identificabilidade e ativação**

Para Lambrecht, os *referentes do discurso* podem ser tanto entidades como proposições, já que, uma vez adicionada ao conjunto de pressuposições no registro discursivo, a representação mental da proposição pode ser armazenada juntamente com as representações das entidades. Além disso, os referentes devem ser argumentos de um

predicado<sup>56</sup>. Para o estudo da estrutura da informação da maneira desejada por Lambrecht, é necessário considerar os estados de conhecimento e consciência dos referentes nas mentes dos interlocutores, além das formas lingüísticas que codificam essas representações mentais. As mudanças sofridas no decorrer da enunciação também devem ser consideradas.

Quando um falante deseja fazer uma asserção envolvendo alguma entidade que considera ainda não estar representada na mente do ouvinte, e à qual não é possível referir-se deiticamente, é necessário induzir a criação de uma representação dessa entidade por meio de uma descrição lingüística, que possa ser anaforicamente retomada no discurso subsequente. A criação dessa nova representação discursiva para o ouvinte pode ser comparada à abertura de um novo arquivo referencial no registro do discurso, ao qual outros elementos de informação poderão ser adicionados no decorrer da conversação. Tal arquivo também pode ser aberto em discursos futuros. Essa metáfora foi criada por Heim 1982 (*apud* Lambrecht)<sup>57</sup>, que propôs uma teoria semântica dos sintagmas nominais definidos e indefinidos.

Para dar conta da diferença entre entidades que o falante considera que já possuem um “arquivo aberto” no registro do discurso, e aquelas cujos “arquivos” supostamente ainda não existem, Lambrecht recorre à categoria cognitiva da *identificabilidade*, usando um termo proposto por Chafe 1976. Chafe observa que, para designar referentes para os quais existe uma representação na mente do ouvinte, o termo *identificável* é preferível aos termos *conhecido* ou *familiar*, bastante utilizados na literatura. Na mesma linha de pensamento, Lambrecht defende que, no que se refere à expressão lingüística da distinção cognitiva em questão, importa menos que o ouvinte esteja familiarizado com o referente, e

---

<sup>56</sup> Os adjuntos também podem ser referentes na proposta de Lambrecht.

<sup>57</sup> Heim, I. (1982). *The semantics of definite and indefinite noun phrases*. Tese de doutorado: University of Massachusetts, Amherst.

mais se ele é capaz de identificá-lo entre todos aqueles que podem ser designados com uma expressão lingüística particular.

Considerando o conjunto de representações que um falante acredita ter em comum com o ouvinte em um dado ponto no discurso, é possível, num primeiro momento, supor que tudo o que o ouvinte sabe pode ser considerado como “aquilo que está sendo pensado” no instante da enunciação. Dada a imensidão de conhecimento armazenado na mente de uma pessoa, no entanto, essa suposição não se sustenta. Saber da existência de algo e “estar pensando” nisso no instante da enunciação configuram diferentes estados mentais. Para que um ouvinte seja capaz de processar as pressuposições evocadas por uma sentença, não é necessário somente que ele conheça o conjunto de proposições pressupostas. Ele deve também ter acesso fácil a essas proposições e aos elementos que as compõem. Em outras palavras, como Chafe enfatiza repetidamente (1976, 1987), a informação transmitida em uma língua natural não envolve somente *conhecimento* (relacionado à identificabilidade), mas também *consciência* (relacionada à ativação). A diferença entre esses dois estados mentais tem conseqüências gramaticais importantes.

Partindo da idéia de que nossas mentes possuem grandes quantidades de conhecimento ou informação, e que somente uma porção pequena dessa informação pode estar no foco da consciência (ou estar ativa) a cada momento, Chafe (1987:22) argumenta que um conceito identificável particular (ou *referente*, nos termos de Lambrecht) pode estar em um dos três estados de ativação: *ativado*, *semi-ativado* (ou *acessível*) e *inativo*.

Um referente ativado é aquele que está realçado no momento, ou seja, que está no foco da consciência de uma pessoa num instante particular. Um referente semi-ativado ou acessível é aquele que está na periferia da consciência, e do qual a pessoa tem conhecimento como “pano de fundo”, mas que não está diretamente no foco da consciência. Um referente inativo, por fim, é aquele que está na memória de longo prazo,

não estando nem no foco nem na periferia da consciência. Os fatores psicológicos determinantes nos estados de ativação dos referentes do discurso são, assim, a *consciência* e a diferença entre *memória de curto prazo* e *memória de longo prazo*.

A ativação normalmente cessa quando outro item for realçado na mente do ouvinte. Dessa forma, é possível usar o pronome não-acentuado *ela* para referir-se a uma entidade particular feminina enquanto essa entidade estiver no centro de atenção dos participantes do discurso. Uma vez que a atenção dos participantes é deslocada para outro item, é possível que não seja mais adequado usar o pronome para designar o mesmo referente feminino retomado anteriormente.

Por outro lado, se o referente do discurso não for identificável, ele poderá ser ancorado ou não-ancorado. O ancoramento é um fenômeno estudado principalmente por Prince 1981 (*apud* Lambrecht 1994)<sup>58</sup>. Essa autora afirma que uma entidade do discurso é ancorada se o sintagma nominal que o representa estiver ligado a alguma outra entidade do discurso. Essa ligação pode ser feita por meio de outro sintagma nominal, contido naquele. As sentenças (5) e (6)<sup>59</sup> ilustram a situação:

(5) *Eu peguei um ônibus ontem e o motorista estava bêbado.*

(6) *Um cara com quem eu trabalho disse que conhece a sua irmã.*

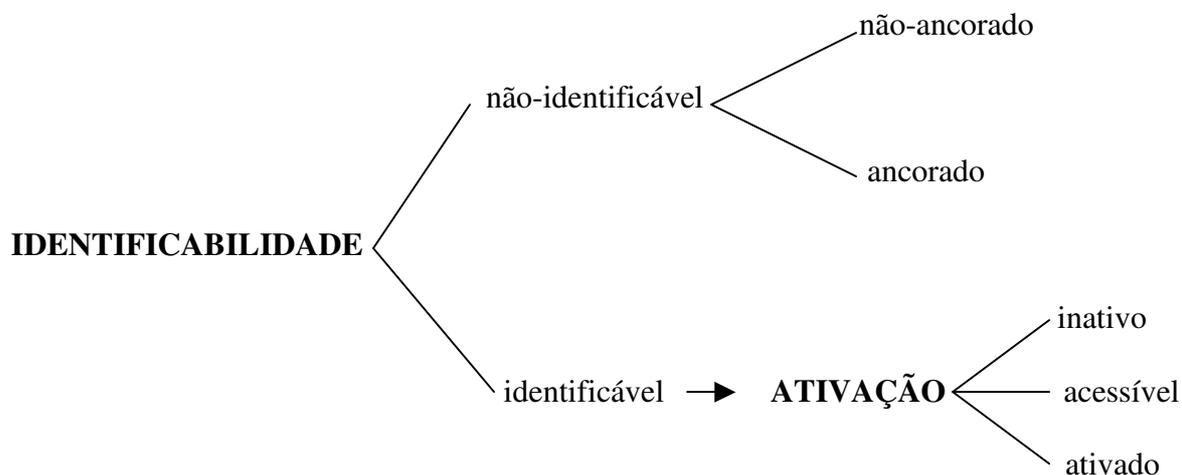
Em (5), *um ônibus* é não-ancorado, ou seja, é um referente completamente novo. Em (6), *um cara com quem eu trabalho* é ancorado, na medida em que contém o SN *eu*. A representação da entidade do discurso criada pelo ouvinte para essa pessoa em particular (*um cara*) é imediatamente ligada à representação da entidade do discurso criada para o falante.

---

<sup>58</sup> PRINCE, E. (1981). Towards a taxonomy of given-new information. In COLE, P. (ed). *Radical pragmatics*. P. 223-255

<sup>59</sup> Exemplos adaptados de Prince (1981:236)

Os estados de conhecimento e consciência dos referentes do discurso nas mentes dos participantes da enunciação podem ser resumidos pelo diagrama abaixo:



### 3.2.1. Manifestações lingüísticas da identificabilidade e da ativação

Os sistemas cognitivos de identificabilidade e ativação estão relacionados a contrastes formais, dentre os quais se destacam :

- (i) presença de acento X ausência de acento
- (ii) codificação pronominal X codificação lexical
- (iii) em algumas línguas, marcação de definido X marcação de indefinido

Um referente identificável ativado é tipicamente, mas não necessariamente, codificado com uma expressão não-acentuada. O exemplo (7b) é um caso típico:

- (7) a. *Como vai o seu irmão?*  
 b. *Ele está BEM.*

Lambrechta afirma ainda que todas as expressões referenciais não-acentuadas têm referentes ativados, mas nem todos os referentes ativados aparecem em expressões não-acentuadas. No exemplo (8), a proeminência prosódica tem uma função distintiva e

desambiguadora, e não pode ser entendida como um marcador de um estado de ativação específico:

- (8) *Eu vi A MARIA e O JOÃO ontem. ELA te mandou um abraço, mas ELE ainda está muito bravo com você.*

Da mesma forma, todas as expressões pronominais (pronomes livres ou ligados, marcas de flexão ou elementos nulos) possuem referentes ativados (como no caso de (7b)), mas nem todos os referentes ativados são expressos pronominalmente: eles podem aparecer como sintagmas nominais lexicais, e esses sintagmas lexicais podem ser definidos ou indefinidos. Considere os exemplos em (9):

- (9) a. *Eu vi o João e o Pedro ontem. Ele está doente.*  
 b. *Eu vi o João e o Pedro ontem. O Pedro está doente.*

Nesse caso, mais de um referente foi ativado na enunciação, e a codificação pronominal leva à ambigüidade. Em (9a), não fica claro qual dos dois referentes ativados está doente, *o João* ou *o Pedro*. Nesse contexto específico, é preferível referir-se àquele que está doente usando um SN lexical, como em (9b).

No caso de um referente identificável que está inativo, é possível afirmar que ele será prosodicamente marcado como proeminente em relação aos outros elementos, como representa (10):

- (10) *Eu vi o seu IRMÃO ontem.*

Esse referente também é tipicamente codificado em PB como um sintagma nominal lexical definido, exceto em certos casos de dêixis, nos quais um referente inativo pode aparecer como um pronome acentuado, como mostra (11):

- (11) *Eu quero AQUILO.*

No que diz respeito a categorias acessíveis, não há marcas fonológicas ou morfológicas diretas, apesar de existirem marcas indiretas na sintaxe<sup>60</sup>. Fonologicamente e morfológicamente, referentes acessíveis podem ser codificados tanto como ativados como desativados. A acessibilidade de um referente pode ser descrita em função de três fatores: desativação de um estado anterior (o referente torna-se *textualmente* acessível), inferência a partir de um *esquema cognitivo* ou *frame*<sup>61</sup> (o referente torna-se *inferencialmente* acessível), ou presença no mundo externo ao texto (o referente torna-se *situacionalmente* acessível). A presença da categoria acessível, ao lado das categorias ativado e inativo, justifica-se numa proposta como a de Chafe, na medida em que esse autor está preocupado com o custo cognitivo envolvido no processo de representações mentais.

A codificação dos referentes com *status* de não-identificáveis também estão relacionados a certas propriedades formais do enunciado. Prosodicamente, um sintagma nominal com um referente não-identificável é necessariamente proeminente, já que a falta de proeminência é reservada a constituintes com referentes ativados. Em línguas que possuem uma categoria gramatical de definitude, como o PB, um item não-identificável não-ancorado aparece tipicamente na forma de um sintagma nominal indefinido (*um homem, um ônibus*), enquanto um não-identificável ancorado é uma combinação sintática de um sintagma indefinido e outro definido (*um homem com quem eu trabalho, um amigo da minha irmã*).

No entanto, a correlação entre não-identificabilidade e indefinidade formal, apesar de forte, não é absoluta. Certos referentes não-identificáveis são codificados com SNs

---

<sup>60</sup> A diferença entre referentes acessíveis e inativos, por exemplo, pode influenciar a posição de um constituinte na sentença, ou na escolha de uma ou de outra construção gramatical.

<sup>61</sup> Um *frame*, segundo Fillmore (1977) pode ser entendido como uma esquematização da experiência, representada no nível conceitual e armazenada na memória de longo prazo. O *frame* relaciona elementos e entidades associadas a uma cena específica da experiência humana, contextualizada culturalmente. Por exemplo, se a palavra *comprar* for enunciada, um *frame* de transação comercial será ativado, o que tornará o *objeto de valor, o comprador e o vendedor* inferencialmente acessíveis.

definidos (*a filha de um rei*), e alguns identificáveis podem ser expressos com SNs indefinidos. Por exemplo, referentes genéricos, que são sempre identificáveis, podem ser expressos por sintagmas nominais indefinidos, como mostra o exemplo em (12):

(12) *Um livro é algo útil para se ter na sala de espera de um consultório médico.*

Resumindo, de um ponto de vista dos estados cognitivos, nota-se que:

- (A) Um referente ativado pode ser codificado como não-acentuado ou acentuado; pode ser pronominal ou lexical; pode ser expresso por uma expressão indefinida ou definida. Apesar disso, é preferencialmente codificado como não-acentuado, pronominal.
- (B) Um referente não-ativado (ou seja, identificável inativo ou não-identificável) aparece necessariamente em um sintagma nominal acentuado lexical, que pode ser definido ou indefinido.

Desse modo, enquanto todos os tipos formais são compatíveis com o estado cognitivo ativado, apenas um conjunto de tipos formais é compatível com os outros estados cognitivos.

Já do ponto de vista das realizações formais, é possível notar as seguintes correlações:

- (C) A codificação pronominal e a ausência de proeminência de *pitch* são condições suficientes, mas não necessárias para indicar a ativação de um referente.
- (D) A presença de codificação lexical e de acento são condições necessárias, mas não suficientes, para indicar a desativação de um referente.
- (E) A oposição entre a codificação em expressões definidas e indefinidas não consiste em condições nem necessárias nem suficientes para

indicar estados de identificabilidade ou ativação em várias línguas, incluindo o PB, apesar de existir uma tendência forte para que referentes não-identificados sejam codificados como sintagmas nominais indefinidos.

A falta de uma correlação obrigatória entre definitude gramatical e um estado cognitivo é coerente com o fato de que a definitude, diferentemente da prosódia e do contraste entre pronome e SN lexical, não é uma categoria gramatical universal.

A única correlação precisa possível de ser feita entre uma categoria formal e um estado cognitivo é entre *a falta de proeminência prosódica e/ou codificação pronominal e a ativação*. Em outras palavras, a ativação é o único estado cognitivo que pode ser expresso sem ambigüidade, ao menos em línguas como o inglês e o PB.

A discussão acerca das manifestações formais dos estados cognitivos dos referentes evidencia um dos pilares da Linguística Cognitiva: a idéia de que a noção clássica de categorização, calcada em um conjunto de condições *necessárias e suficientes*, deve ser substituída. Em seu lugar, os *exemplos típicos e categorias difusas*<sup>62</sup> têm um poder explicativo maior.

### **3.3. Pressuposição e asserção**

Como já foi dito, a informação transmitida por uma proposição é normalmente uma combinação de elementos velhos e novos, já que, o que é novo é geralmente novo em relação a algo já dado. Essa propriedade é refletida lingüisticamente no fato de que as sentenças contêm alguma manifestação gramatical ou lexical que reflete a suposição que o falante tem a respeito da informação que está estabelecida na mente do ouvinte. Em outras

---

<sup>62</sup> Para uma proposta de categorização baseada na noção de prototipicidade, ver Lakoff 1987

palavras, existe um ponto de partida lingüístico ou uma base para que a nova informação seja adicionada.

Assim, a pressuposição deve estar, de algum modo, evocada formalmente pelo falante na sentença. Qualquer suposição do falante que não tenha manifestação formal em uma sentença é irrelevante para o estudo da estrutura da informação. Nesse sentido, a *pressuposição semântica* ou *lógica*, relacionada aos efeitos que certos itens lexicais causam nas condições de verdade das sentenças que os contêm não são expressivas no tipo de estudo feito aqui. O mesmo acontece com a noção de *pressuposição* encontrada em muitas discussões da Pragmática Conversacional. Nessa última, a pressuposição é entendida como “o corpo de fatos com o qual tanto o falante como o ouvinte acreditam que concordam”. (Kempson 1975<sup>63</sup> em Lambrecht 1994:56).

Desse modo, a pressuposição pragmática nos estudos da informação deve ser entendida como o conteúdo lexicogramaticalmente evocado em uma sentença que o falante assume que o ouvinte já sabe ou é capaz de recuperar no momento em que a sentença é enunciada. Considere o exemplo em (13):

(13) *Eu finalmente conheci a mulher que se mudou para o andar de baixo.*

As pressuposições pragmáticas lexicogramaticalmente evocadas com a enunciação da sentença são as seguintes:

- (i) o ouvinte é capaz de identificar o indivíduo do sexo feminino.
- (ii) alguém se mudou para o andar de baixo de onde mora o falante.
- (iii) o ouvinte esperava que o falante já tivesse conhecido o indivíduo em alguma ocasião anterior ao momento da enunciação.
- (iv) o ouvinte tem conhecimento dos referentes dos pronomes *eu* e *que* no momento em que esses pronomes são enunciados.

---

<sup>63</sup> KEMPSON, R. M. (1975). *Presupposition and delimitation of semantics*. Cambridge : Cambridge University Press

- (v) a proposição expressa pela sentença é construída como informação relevante sobre o referente de *eu*,
- (vi) a proposição expressa pela oração relativa é construída como informação relevante sobre o referente de *que*.

A primeira pressuposição é evocada por um morfema gramatical, o artigo definido feminino *a*; a segunda é evocada por uma construção gramatical, a oração relativa *que se mudou para o andar de baixo*; a terceira é evocada por um item lexical, o advérbio *finalmente*; a quarta é evocada pelo pronome pessoal *eu* e pelo pronome relativo *que*: *finalmente*, a sentença evoca a quinta pressuposição por meio do pronome não-acentuado *eu*, e a sexta, por meio do pronome não-acentuado *que*.

As pressuposições (v) e (vi) indicam uma situação na qual o falante está preocupado com a *relevância contextual* ou com a *topicalidade* de um referente no discurso. Em outras palavras, os referentes citados podem ser tomados como centro de interesse atual a respeito do qual a proposição é interpretada como sendo informação relevante. Esse tipo de pressuposição relaciona-se ao conceito de *tópico*.

Do mesmo modo que a pressuposição, o termo *asserção* também deve ser entendido de uma maneira muito particular no estudo da estrutura da informação. Seu uso não coincide com o uso comum, no qual “fazer uma asserção” contrasta com negá-la ou questioná-la. Tampouco coincide com seu uso como sinônimo de “declaração”, isto é, o termo que se refere a um tipo de ato de fala, em oposição a interrogativo, imperativo ou exclamativo. A asserção pragmática na estrutura da informação é definida como o conteúdo expresso por uma sentença do qual se espera que o ouvinte tome conhecimento como resultado da ação de escutá-la.

A pressuposição e a asserção coexistem na mesma sentença. Fazer uma asserção é estabelecer uma relação entre um conjunto de conteúdos pressupostos e um conteúdo não–pressuposto, sendo que o último é adicionado ou superposto aos primeiros.

No exemplo (13) dado acima, a asserção pode ser expressa informalmente da seguinte maneira: “tendo em vista que as pressuposições de (i) a (vi) são conhecidas pelo ouvinte e pelo falante, aconteceu um evento de “conhecimento” entre o falante e o indivíduo em questão (*a mulher que se mudou para o andar de baixo*)”.

A asserção não deve ser vista como “a expressão da sentença menos a pressuposição”, mas sim como uma combinação de dois conjuntos de conteúdos. É importante entender que a superposição da asserção ao conjunto de conteúdos pressupostos ocorre de maneira que as duas não possam ser computadas lexicalmente e identificadas com constituintes específicos da sentença. Além disso, apesar de não poder coincidir com a pressuposição, a asserção pode consistir em relacionar duas ou mais pressuposições entre si.

Com isso é possível uma definição preliminar de *foco*, na qual o termo é entendido como a porção da enunciação que diferencia a pressuposição da asserção.

### **3.4. Tópico e foco**

A definição de tópico identificado com o primeiro elemento da sentença, como afirma Halliday 1967 e outros, é , segundo a Estrutura da Informação, equivocada. Neste trabalho, o tópico poderá ser o primeiro elemento da sentença, mas não é obrigatório que o seja. O mesmo ocorre com a idéia de *tópico discursivo*, elemento da organização e coerência textual (e não parte da gramática da sentença), que pode coincidir ou não com a noção aqui adotada. Finalmente, a composição de cenário (*scene-setting*), idéia proposta por Chafe 1976, entre outros, também pode ser uma das manifestações do tópico, mas esse

não é o conceito central da teoria aqui desenvolvida. A composição do cenário é entendida como a definição do quadro espacial, temporal ou individual dentro do qual a predicação acontece.

Para Lambrecht, tópico é uma relação sentencial construída pragmaticamente. Tal relação é a de *aboutness*, e é feita entre uma proposição e uma entidade do discurso. Uma proposição é interpretada como “sendo sobre” uma entidade se comunicar uma informação relevante a respeito dessa entidade; isto é, a proposição deve aumentar o conhecimento do ouvinte sobre essa entidade.

Como já foi dito, a idéia expressa na definição está relacionada ao “Princípio da Relevância”, proposto por Strawson. Dessa forma, para uma entidade ser considerada um *tópico*, ela deve ser relevante para uma determinada proposição.

Essa definição traz algumas conseqüências. O tópico, nesse entendimento, deve ser necessariamente uma entidade do discurso, ou seja, deve poder ser retomado como um referente no registro discursivo. Como referente, o tópico também precisa ser identificável e ter um certo grau de ativação.

A definição de tópico em termos de conceitos pragmáticos de *aboutness* e relevância explica por que muitas vezes não é possível determinar o tópico de uma sentença com base na estrutura sintática: nem as relações gramaticais, nem a ordem linear dos constituintes são indicadores de tópico confiáveis quando noções discursivas também estão em jogo. Igualmente, a estrutura prosódica também não é suficiente para a determinação do tópico, embora seja possível observar correlações entre a (fraca) intensidade com que um sintagma é pronunciado e seu status de tópico sentencial.

A noção de foco apresenta, igualmente, restrições. Em geral, o foco é definido como “o complemento do tópico”, o que é sugerido pela articulação tema-remata da informação. Nesse sentido, o foco é visto como a informação nova veiculada sobre um

tópico. Entretanto, essa visão é problemática, na medida em que não são todas as sentenças que possuem um tópico.

A articulação foco-pressuposição, adotada por Jackendoff e Chomsky, também pode ser retomada para um entendimento maior sobre o foco. Segundo esses autores, o foco corresponde a uma variável em uma proposição aberta. Esse será apenas um dos tipos de foco no entendimento de Lambrecht, pois as estruturas pressupicionais consideradas por ele são maiores em número do que as consideradas nas propostas do tipo foco-pressuposição.

Finalmente, é importante ressaltar que a relação entre proeminência prosódica e a marcação de foco não é direta, como tem sido afirmado na literatura. Como já foi discutido anteriormente, o acento pode estar relacionado aos diferentes estados de ativação dos referentes do discurso, que por sua vez, servem para indicar certas discontinuidades tópicas, no sentido de Givón 1983. O critério prosódico será importante na identificação do foco, mas não suficiente para determiná-lo.

Neste trabalho, o foco de uma proposição expresso em uma sentença em dado contexto enunciativo será entendido como o elemento de informação pelo qual a presuposição e a asserção são diferenciadas. Em vista disso, o foco é entendido como a porção da proposição sobre a qual o falante supõe que seu ouvinte não tenha conhecimento ou consciência no instante da enunciação. Ele é o elemento imprevisível ou pragmaticamente não-recuperável da sentença. É pelo foco que a enunciação torna-se uma asserção.

### 3.5. Funções pragmáticas e estruturas de foco

Segundo a definição de tópico aqui adotada, para que se determine se uma entidade é ou não um tópico, deve ser levado em conta o contexto discursivo no qual a sentença está inserida. Considere a sentença expressa em (14):

(14) *As crianças foram para a escola.*

Para determinar se o sintagma nominal *as crianças* é o tópico dessa sentença, é preciso saber se a proposição expressa está pragmaticamente construída como “sendo sobre” as crianças, ou seja, se as crianças designadas pelo sintagma nominal são uma questão de interesse ou preocupação. Os exemplos (15a), (15b) e (15c) são possibilidades de expressão da sentença (14) inserida em diferentes contextos (expressos entre parênteses):

- (15) a. *(O que as crianças fizeram?) As crianças foram para a escola.*  
 b. *(Quem foi para a escola?) As crianças foram para a escola.*  
 c. *(O que aconteceu?) As crianças foram para a escola.*

Somente na resposta em (15a) é que o referente do sintagma nominal *as crianças* é propriamente “sobre o que a sentença é”, ou seja, somente em (15a) o constituinte *as crianças* pode ser considerado como tópico. Nesse contexto, a declaração expressa aumenta o conhecimento do ouvinte sobre as crianças. A declaração pressupõe pragmaticamente que as crianças em questão são um ponto de interesse e afirma sobre essas crianças que elas foram para a escola<sup>64</sup>.

Já no exemplo (15b), a declaração na resposta não foi construída como uma declaração sobre as crianças. A função comunicativa dessa declaração é identificar o referente solicitado pela palavra *quem* na questão. No contexto (b), a resposta pressupõe

<sup>64</sup> Nesse exemplo, foi utilizado o SN lexical *as crianças* para que se pudesse fazer uma comparação com os exemplos (15b) e (15c), em diferentes contextos. Entretanto, a função de tópico ficaria mais evidente se o pronome *elas*, ou a anáfora zero fossem usados.

pragmáticamente a proposição “alguém foi para a escola”, e afirma que esse alguém é o referente do sintagma *as crianças*. Sentenças como essa servem para identificar um referente como o argumento que falta em uma proposição.

Finalmente, em (15c), o sintagma nominal em questão, tanto quanto em (15b), não é tópico. Da mesma forma que (15b), a resposta em (c) não está, em princípio, transmitindo uma informação sobre as crianças. Sua função é informar ao ouvinte um evento que tem como participantes as crianças. Nesse contexto, a pressuposição pragmática requerida é simplesmente a de que algo aconteceu. Diferentemente do que acontece no exemplo (15b), a proposição de que alguém foi para a escola não está pragmáticamente pressuposta.

Os exemplos em (15) acima discutidos ilustram as três principais categorias (ou funções) da estrutura da informação, segundo Lambrecht:

➤ Função tópico-comentário:

A asserção tem por objetivo predicar uma propriedade de um dado tópico, ou seja, de um referente já estabelecido do discurso. É o caso do exemplo (15a).

➤ Função identificacional:

A asserção tem por objetivo estabelecer uma relação entre um argumento e uma proposição previamente evocada. Em outras palavras, identifica o argumento que falta numa proposição aberta pressuposta. É o caso do exemplo (15b). Nesse tipo de função, o sintagma nominal presente não pode ser definido como tópico, pois a informação transmitida não pode ser entendida como relevante ou “sendo sobre” seu referente.

➤ Função de notificar um evento (“event-reporting”):

A sentença que expressa tal função é relativamente independente de contexto, na medida em que pode ser enunciada “a partir do nada”. Entretanto, isso não quer dizer que sua enunciação não requeira conhecimento compartilhado entre os interlocutores. Por

exemplo, em (15c), o falante deve supor minimamente que o referente do sintagma *as crianças* deva ser identificável pelo ouvinte. Essa suposição, no entanto, não está ligada à topicalidade do referente em questão, pois a resposta em (15c) não foi construída pragmaticamente como uma declaração sobre o referente do sintagma que ocupa a posição de sujeito.

Uma quarta categoria, que pode ser considerada um desdobramento da terceira, também deve ser acrescentada no estudo da estrutura da informação:

➤ Função apresentacional

Um exemplo típico de sentença apresentacional é o expresso na sentença (16)<sup>65</sup>:

(16) *Tem um homem no jardim.*

O SN presente nas sentenças apresentacionais não pode ser identificado como tópico, da mesma maneira que não são tópicos os sujeitos das sentenças de função identificacional e de reportar um evento. Nessas situações, o falante, ao enunciar a sentença, não está incrementando o conhecimento do ouvinte em relação ao referente do SN em questão (no exemplo, *um homem*).

Pragmaticamente, o que a função apresentacional e a de notificar um evento têm em comum é o fato de introduzir um novo elemento no discurso. A diferença entre elas é que, nas sentenças apresentacionais, o elemento novo introduzido é uma *entidade* (um referente do discurso), enquanto nas sentenças de notificar um evento, o elemento novo é um *evento*, que necessariamente envolve uma entidade.

O fato de sentenças apresentacionais servirem para introduzir referentes ainda não ativados no discurso é confirmado pela constatação de que, em muitas línguas, certas construções que expressam esse tipo de proposição estão restritas (ou, pelo menos expressam a preferência) a SNs indefinidos, isto é, SNs com referentes não-identificáveis.

---

<sup>65</sup> Exemplo de Viotti 1999. A autora chama sentenças desse tipo de *sentenças existenciais*, que são, para Lambrecht, um tipo de construção apresentacional.

Em contraste, as sentenças do tipo tópico-comentário mostram uma tendência forte a codificar como tópicos SNs definidos ou pronominais. Além disso, Lambrecht afirma que uma mesma estrutura gramatical é usada para expressar tanto a função apresentacional como a de notificar um evento, ao menos em línguas como o inglês, o italiano, o francês e o japonês. No capítulo 5, pretendo mostrar o mesmo para o PB.

As funções apresentacionais e as de notificar um evento também podem ser chamadas de construções *téticas*, no sentido de que os julgamentos nesse tipo de sentença são chamados de *julgamentos simples*. Nessas estruturas, não há predicação de uma propriedade de alguma entidade, mas sim uma afirmação de um fato ou de um estado de coisas. As expressões téticas possuem uma característica de “novidade”, que as distingue das categoriais (ou de tópico-comentário).

As categorias (ou funções pragmáticas) citadas foram identificadas com base em uma análise calcada nas estruturas téticas (ou na sua falta). Além disso, esses tipos também podem receber uma análise complementar em termos de sua estrutura de foco. Desse modo, as funções de tópico-comentário, identificacional e de notificar um evento/apresentacional podem ser identificadas pelos rótulos *estrutura com foco no predicado*, *estrutura com foco no argumento* e *estrutura com foco em toda a sentença*, respectivamente.

### **3.6. Conseqüências na organização das sentenças**

Os exemplos em (15) mostraram que não é possível identificar a função pragmática de tópico com uma categoria gramatical como a de sujeito. As sentenças estão repetidas em (17):

- (17) a. (*O que as crianças fizeram?*) *As crianças foram para a ESCOLA.*  
 b. (*Quem foi para a escola?*) *As CRIANÇAS foram para a escola.*  
 c. (*O que aconteceu?*) *As CRIANÇAS foram para a ESCOLA.*

Nos exemplos dados, somente em (17a) o referente de *as crianças* pode ser entendido como tópico. Em (17b) e (17c), não há essa função pragmática. Os exemplos também evidenciam que a sintaxe da construção do PB (e em muitas outras línguas) SV(O) é não-marcada a respeito da estrutura da informação, já que essa construção pode ser associada não só à função tópico-comentário, mas também a outras funções.

Apesar disso, a correlação entre tópico e sujeito é extremamente forte e tem conseqüências gramaticais importantes. Em muitas línguas, essa relação pode ser vista a partir do modo em que as sentenças não-marcadas a respeito da estrutura da informação são interpretadas na ausência de um contexto. O exemplo (14), não contextualizado, repetido em (18) ilustra a situação:

- (18) *As crianças foram para a escola.*

Para Lambrecht, os usuários da língua têm uma tendência inconsciente a fazer a interpretação de sentenças isoladas como estruturas pressuposicionais, para poderem conceitualizá-las como porções de informação. Diante disso, na interpretação de sentenças canônicas SV(O) como (18), sem o contexto expresso, os falantes tenderão a conceitualizá-la como sentenças de tópico-comentário, isto é, irão inconscientemente criar contextos do tipo expresso em (17a).

Esse fato sugere que, nas línguas em que a ordem SV(O) é não-marcada em relação à estrutura da informação, os sujeitos são tópicos não-marcados. Além disso, o autor afirma que a articulação tópico-comentário é a articulação sentencial não-marcada pragmaticamente. Nesse sentido, as estruturas de tópico-comentário, isto é, estruturas que

são usadas para transmitir informação sobre o tópico em discussão, representam um tipo extremamente comum (se não o mais comum) em termos comunicativos.

Evidências empíricas fortes a favor desse argumento podem ser atribuídas ao fato de que, em um discurso coerente, a grande maioria dos sujeitos é codificada por pronomes não-acentuados ou pela anáfora zero, no caso de algumas línguas como o PB, expressões que indicam a continuidade do tópico no decorrer das sentenças.

A partir da constatação da preponderância do tipo de sentença tópico-comentário, e considerando o sujeito o argumento mais comum nas sentenças, ele é necessariamente o argumento que será prontamente identificado com a função pragmática de tópico. O predicado, do mesmo modo, será identificado como o comentário sobre esse tópico. Isso somente não ocorrerá se elementos morfossintáticos, prosódicos ou semânticos evidenciarem o contrário.

Além dos casos em (17b) e (17c), outro exemplo de sujeito não-tópico é o SN das estruturas apresentacionais, como *um homem* expresso em (16) e repetido em (19):

(19) *Chegou um homem na festa.*

De maneira geral, as sentenças apresentacionais são translingüísticamente caracterizadas pela presença de um conjunto de predicados cujos argumentos têm um papel temático altamente não-agentivo ou locativo; como *ser, viver, chegar, vir aparecer, ocorrer*, entre outros. A relação entre esses predicados e a função apresentacional é uma consequência natural do papel discursivo básico dessa função: as sentenças apresentacionais não predicam nenhuma propriedade do SN, mas afirmam a presença desse referente no universo do discurso. O referente é apenas introduzido, e não descrito como participante de alguma ação, estado ou evento. Ele estará disponível para a predicação nas orações seguintes pelo simples fato de ter sido ativado na consciência do ouvinte.

A característica formal interessante desse tipo de construção é a de que o sintagma nominal referencial aparece em outro lugar que não na posição determinada pelo modelo canônico da sentença (SV(O)), o que configura, ao lado dos verbos citados acima, uma marca para a não-topicalidade do sujeito.

Ainda podem ser feitas outras considerações acerca das diferenças entre sentenças canônicas e não-canônicas. No modelo canônico da sentença, os argumentos de um predicado aparecem como argumentos gramaticais no nível da estrutura sentencial. O mesmo não ocorre, entretanto, em sentenças apresentacionais bi-oracionais, como (20):

(20) *Era uma vez um velho rei que vivia em um lindo castelo.*

Segundo Lambrecht, configurações não-canônicas (como em (20)), permitem aos falantes separar a função propriamente referencial da função relacional que um sintagma nominal realiza como argumento na proposição.

O autor chama o princípio gramatical no qual a representação lexical de um referente tópico toma lugar separadamente da designação de função do referente como um argumento na proposição de *Princípio da separação entre função e referência*.

A motivação comunicativa desse princípio pode ser capturada na forma de uma máxima pragmática simples, expressa em (21):

(21) Princípio de separação de função e referência: “*Não introduza um referente e fale sobre ele ao mesmo tempo*”.

O autor aponta duas razões que justificam essa máxima: uma é orientada ao falante e outra, ao ouvinte. A razão orientada ao falante é a de que é mais fácil construir uma sentença complexa se a introdução lexical de um referente tópico não-ativo for feita de modo independente da expressão sintática da proposição sobre o referente. Do ponto de vista do ouvinte, de modo análogo, é mais fácil decodificar uma mensagem sobre um tópico se a tarefa de acessar seu referente puder ser realizada independentemente da tarefa

de interpretar a proposição na qual o tópico é argumento. Essas razões podem explicar por que construções de deslocamento, como (22), são normalmente restritas ao domínio da língua falada:

(22) *O João, ele chegou.*

A característica de planejamento do discurso escrito faz com que esses requerimentos sejam menos rigorosos, sendo mais comum nesse registro sentenças do tipo de (23):

(23) *O João chegou.*

Diante do que foi exposto, é possível entender por que é muito comum um referente tópico no nível discursivo<sup>66</sup> ser codificado como uma expressão de foco até sua primeira aparição na enunciação, para então se tornar uma expressão tópica<sup>67</sup> somente no sintagma subsequente. Considere o exemplo (20), repetido em (24):

(24) *Era uma vez um velho rei que vivia em um lindo castelo.*

O sintagma *um velho rei* na oração principal designa um indivíduo que tem *status* de tópico no discurso. Entretanto, no ponto da enunciação no qual o referente é mencionado pela primeira vez na forma de um sintagma nominal lexical, esse SN não é uma expressão tópica, porque a oração na qual ela ocorre não pode ser considerada como “sendo sobre” o referente desse sintagma. A sentença introduz esse referente com o intuito de torná-lo disponível para ocupar a função de tópico na predicação subsequente. Em (24), o referente entra em uma relação de *aboutness* com a proposição somente na oração relativa, que faz de *que* uma expressão tópica nessa oração.

---

<sup>66</sup> É importante ressaltar que o tópico em questão é o *discursivo*, relativo à coesão e coerência textual, e não o tópico sentencial de Lambrecht.

<sup>67</sup> A *expressão tópica* é o *tópico sentencial*. Em outras palavras, a expressão tópica é o modo linguístico que a entidade tópica foi expressa.

## 4. *Corpus* e metodologia

De modo geral, os pressupostos teóricos escolhidos para o desenvolvimento de uma pesquisa lingüística constituem o principal critério para a sua caracterização: os trabalhos são rotulados de *funcionalistas*, *gerativistas*, *cognitivistas* e assim por diante. A maneira como a teoria entende e define *língua*, a importância de seu uso e da sua relação com a comunicação, questões sobre variação e mudança, o modo como se dá aquisição, entre outros, são, de fato, fatores importantes para situar um trabalho.

Apesar disso, ligados ao quadro teórico escolhido, existem dois elementos constitutivos da pesquisa lingüística que deveriam ser computados com a mesma importância, mas que são muitas vezes tratados como coadjuvantes: o tipo de dado escolhido e o método de análise. Discutir esses elementos é mais do que explicitar o *fazer*, ou a parte *prática* da pesquisa. É, sobretudo, continuar a discussão das chamadas questões *teóricas*, pois deve existir uma adequação entre o quê se entende por língua e as maneiras utilizadas para estudá-la.

### 4.1. *Os dados*

Discorrendo sobre questões de metodologia de análise em Lingüística, Chafe 1994 aponta duas oposições fundamentais que ajudam a entender os vários tipos de dados utilizados para investigação. A primeira é entre dados *públicos* (disponíveis a qualquer um que quiser acessá-los) e *privados* (restritos a um único observador ou experienciador). Essa oposição também pode ser entendida como *dados fornecidos por informantes* e *dados criados pelo pesquisador*. A segunda é entre dados *manipulados* (estimulados e arranjados pelo experienciador) e *naturais* (que ocorrem espontaneamente).

O modo de obtenção dos dados utilizados em áreas clássicas da Linguística estão associados às diferentes combinações desses parâmetros, como mostra seguinte quadro, baseado em Chafe (1994:18):

Dados	Públicos	Privados
Manipulados	Experimentação Eliciação	Julgamentos semânticos Julgamentos de gramaticalidade
Naturais	Etnografia Pesquisa baseada em <i>corpus</i>	<i>daydreamings</i>

Os dados *públicos e manipulados* são aqueles em que o investigador pede a falantes bilíngües que traduzam um exemplo construído, por exemplo, em PB (ou outra língua) para a língua a ser estudada. São, prototipicamente, os dados utilizados em pesquisas de línguas pouco descritas, como algumas línguas indígenas, africanas e de sinais.

Os dados *privados e manipulados* são aqueles criados pelo lingüista e aos quais são atribuídos julgamentos semânticos e de gramaticalidade. Eles referem-se especificamente aos fenômenos lingüísticos a serem estudados. Os melhores exemplos são os dados utilizados pelos pesquisadores em Gramática Gerativa.

Os dados *públicos e naturais* são aqueles que envolvem o registro da produção dos falantes em situações de uso espontâneo ou semi-espontâneo<sup>68</sup> da língua, por meio de câmeras e gravadores e autorização do falante posterior ou anterior à gravação. Os principais exemplos são os trabalhos de Etnografia e as pesquisas baseadas em *corpus*.

Finalmente, os dados *privados e naturais* são os mais difíceis de serem obtidos e analisados, já que envolvem aquilo que está na mente, de forma natural.

<sup>68</sup> A obtenção de dados genuinamente espontâneos é rara. Para que os dados sejam de fato espontâneos, é necessário utilizar um gravador de lapela e gravar tudo o que foi falado pelo informante, sem conduzir o assunto de maneira alguma. O fato de haver câmeras e gravadores também inibe a espontaneidade total.

No quadro teórico da Lingüística Cognitiva, é possível trabalhar com os três primeiros tipos de dados, sendo os segundos (*privados e manipulados*) e os terceiros (*públicos e naturais*) os mais comuns. Como já foi dito anteriormente, o tipo de dado escolhido revela muito da orientação teórica do pesquisador, e, no caso da Lingüística Cognitiva, a diferenciação na obtenção do *corpus* pode indicar as diferentes vertentes intra-teóricas.

Por exemplo, lingüistas que fazem seu trabalho a partir de dados privados e manipulados (como Langacker e Lambrecht) têm uma preocupação maior com o caráter *cognitivo* da língua, embora não ignorem a parte interacional. Para esses autores, os exemplos criados são suficientes para demonstrar os aspectos gramaticais que eles estão interessados em desenvolver. Já lingüistas que fazem seu trabalho baseado em *corpus* têm condições de investigar aspectos da língua que aparecem na interação, ou que estão inseridos em um contexto maior. É o caso de lingüistas que poderiam ser chamados cognitivo-funcionais, como Chafe.

Esta pesquisa, em princípio, poderia ser caracterizada como uma pesquisa baseada em dados *públicos e manipulados*, já que houve um tipo particular de eliciação (ver seção seguinte) para a obtenção dos textos analisados. Entretanto, o estímulo não foi uma sentença criada em uma língua para ser traduzida em outra, o ponto de partida para os dados foi não-verbal. Desse modo, este trabalho pode ser descrito como um trabalho baseado em dados *públicos e naturais*, com a ressalva de que houve um certo controle por parte do pesquisador sobre o *conteúdo* dos dados, mas não sobre a *forma* em que foram expressos.

A utilização de um mesmo estímulo não-verbal para a eliciação de narrativas contadas por diferentes falantes de uma mesma língua permite a comparação entre elas, algo que seria impossível se o *corpus* utilizado fosse totalmente espontâneo. A comparação

translingüística (ver seção seguinte) também é possível se os pesquisadores de diferentes línguas seguem o mesmo padrão de coleta de dados, e se os dados referem-se ao mesmo estímulo. Além disso, a vantagem de utilizar dados *públicos e naturais* é que a língua se apresenta tal como os falantes a utilizam, e não como eles próprios ou o pesquisador *acreditam* que sejam.

Apesar disso, como já foi dito, a teoria que embasa meu trabalho, a Pragmática Discursiva entendida como em Lambrecht, foi desenvolvida a partir de dados *privados e manipulados*. A utilização de um *corpus* na minha pesquisa tem conseqüência na metodologia do trabalho.

Como já foi citado, Lambrecht baseia sua teoria na noção de alossentenças, ou seja, pares de sentenças proposicionalmente equivalentes, porém divergentes formalmente e informacionalmente. Em termos da dicotomia fundamental saussuriana, o estudo da informação exige uma análise não somente das relações sintagmáticas entre os elementos de uma sentença, mas também das relações paradigmáticas (ou associativas) entre as diferentes estruturas que estão armazenadas na memória dos ouvintes. Em outras palavras, compara-se uma construção gramatical com aquelas não utilizadas, mas disponíveis na língua, capazes de expressar o mesmo conteúdo proposicional.

A diferença entre o método de Lambrecht e o utilizado aqui é a de que algumas d“as diferentes estruturas armazenadas na memória dos falantes” estão registradas no *corpus*. É exatamente nas alternativas gramaticais utilizadas pelos falantes para a expressão de um mesmo conteúdo proposicional que se verifica a diferença na estruturação da informação. As alossentenças, dessa forma, não precisaram ser criadas por mim, em grande medida elas foram fornecidas pelos informantes.

### 4.1.1 A História da Pêra

As narrativas orais analisadas nesta dissertação foram baseadas no filme *História da Pêra*<sup>69</sup>. O projeto homônimo nasceu na Universidade de Califórnia, em Berkeley, na década de setenta. O filme é colorido, com duração aproximada de seis minutos, sem palavras, e foi planejado especificamente pela equipe de Wallace Chafe para a eliciação de narrativas a serem usadas para fins de análise comparativa translingüística.

Entre outros objetivos, Chafe procurava entender a relação entre o modo com que as pessoas organizam seus conhecimentos e experiências e a maneira com que os expressam através da língua. Era preciso buscar exemplos de pessoas diferentes falando sobre a mesma coisa, bem como de uma mesma pessoa falando sobre a mesma coisa em momentos diferentes. O filme mostra um conjunto de eventos, alguns em seqüência e outros simultâneos; alguns altamente encadeados e outros com grau de encadeamento menor; alguns menos destacados e outros mais salientes. Há também um conjunto de pessoas e objetos que participam dos eventos de diferentes maneiras, que, assim como os eventos, variam em encadeamento e saliência.

A *História da Pêra* foi apresentada a vários falantes de idiomas de famílias distintas: chinês, japonês, malaio, tailandês, persa, grego, alemão, crioulo do Haiti e sacapulteca, uma língua maia da Guatemala. Os resultados das pesquisas em algumas dessas línguas estão em Chafe 1980.

No Brasil, o filme tem servido de base para a formação de corpora de narrativas orais e sinalizadas desde 2003 na USP<sup>70</sup>. Esse fato viabiliza a comparação futura entre o PB e a língua de sinais brasileira (libras).

---

<sup>69</sup> Pode-se assistir ao filme em: <http://www.linguistics.ucsb.edu/faculty/chafe/pearfilm.htm>.

<sup>70</sup> A constituição de tal corpora (incluindo as narrativas em português brasileiro) está sendo feita pelo Núcleo de Estudos em Lingüística Cognitiva e Interacional e pelo grupo de pesquisa Estudos da Comunidade Surda: Língua, Cultura, História, coordenados por Leland McCleary e Evani Viotti.

#### 4.1.2. A constituição do corpus

A constituição de um banco de dados é uma empreitada relativamente recente do grupo de estudos do qual participo, o Núcleo de Estudos em Linguística Cognitiva e Interacional (NELCI), e, por esse motivo, está em constante aperfeiçoamento. Não tem sido propósito dessa empreitada fazer um controle sociolinguístico rigoroso na escolha dos informantes já gravados. Nesta pesquisa, analiso narrativas de dez informantes, homens e mulheres, de diferentes faixas etárias, provenientes, em sua maioria, do Estado de São Paulo (capital e interior), com curso superior em andamento, concluído ou em nível de pós-graduação. Com isso, a única afirmação segura que pode ser feita em relação aos dados aqui analisados é que refletem a norma urbana culta do PB.

Assim, a identificação dos informantes por meio de um questionário sociolinguístico, não será apresentada, e os colaboradores são identificados apenas como *informante 1 ([info 1])*, *informante 2 ([info 2])*, e assim por diante.

A coleta de dados das narrativas de falantes de português brasileiro foi feita de maneira semelhante àquelas relatadas nos trabalhos de Chafe 1980. Após a exibição, os espectadores foram convidados a falar, separadamente, sobre o que acontece no filme. As narrativas foram filmadas em fita digital, com uma câmera posicionada ao lado da pessoa para a qual a história estava sendo contada. O filme original, em formato digital, foi passado para VHS, com cópias para os pesquisadores para facilitar sua apresentação, pois na época em foi produzido era mais comum a utilização de vídeo-cassete. Uma vez gravadas, as narrativas foram transcritas. É importante ressaltar que, embora eu tenha revisto e modificado alguns aspectos da transcrição, não participei ativamente do processo de constituição do *corpus*. As questões relativas a esse assunto podem ser vistas em Mariano 2007, que realizou a transcrição dos dados.

A primeira versão da transcrição foi feita de forma contínua, sem quebras de linhas que pudessem indicar alguma unidade lingüística (oração, sintagma etc), em um editor de texto comum (Word). Posteriormente, as narrativas foram transcritas no programa ELAN (EUDICO Linguistic Annotator). O ELAN é um instrumento tecnológico desenvolvido pelo Instituto Max Planck que permite a edição, visualização e documentação de gravações multimídias. Assim, concomitantemente às imagens filmadas dos colaboradores (o que inclui som), vê-se a transcrição dos dados, em *unidades entoacionais* (ver seção seguinte).

A vantagem do ELAN é a de que os dados podem ser lidos e ouvidos, ao mesmo tempo. Numa teoria que envolve prosódia, ainda que de maneira discreta, essa possibilidade contribui para uma análise mais apurada. Além disso, a transcrição no ELAN deixa portas abertas para estudiosos que se interessem por questões de gestualidade.

#### **4.1.3 O problema da segmentação**

Como discutido anteriormente, algumas questões aparentemente metodológicas podem ocultar questões teóricas importantes. É o caso das unidades lingüísticas utilizadas para a análise em uma pesquisa. Em correntes teóricas com um aparato metodológico fortemente consolidado, a delimitação das unidades nem chega a ser um problema que mereça discussão. É o caso, por exemplo, da Gramática Gerativa (que parte de *sentenças*), da Semiótica Greimasiana (que estuda *enunciados*, num sentido específico do termo)<sup>71</sup>, ou da Análise do Discurso (que, muitas vezes, analisa língua escrita, em unidades facilmente reconhecidas como *texto*).

Discorrendo sobre os níveis de análise lingüística, Benveniste 2005 [1966] afirma que o estudo da língua exige, antes de tudo, o estabelecimento de procedimentos e de critérios adequados, e que a realidade do objeto não é separável do método para defini-lo.

---

<sup>71</sup> Ver Greimas e Courtés 2008

Dessa forma, para ele, a noção de nível parece essencial na determinação do procedimento de análise. Ainda segundo o autor, somente a idéia de *nível* pode fazer-nos reconhecer, na complexidade das formas, a arquitetura singular das partes e do todo.

Embora a Lingüística Cognitiva tenha nascido como uma reação à abordagem modular de teorias formalistas, isso não significa que os níveis de análise, estabelecidos da maneira como Benveniste o fez, devam ser ignorados. A idéia é a de que, para um melhor estudo da língua, deve existir a consciência de que os diferentes níveis estão inter-relacionados, e regidos pelos mesmos princípios cognitivos. Com isso em vista, os estudiosos da Lingüística Cognitiva devem proceder a seu estudo.

Até o presente momento, venho utilizando os termos *sentença* e *enunciado* de maneira intercambiável, como as unidades lingüísticas utilizadas para análise neste trabalho. Entretanto, o uso desses termos é polêmico, e merece esclarecimentos.

Muitos autores defendem que *sentença* é um construto artificial, não verificável na língua em uso. Por esse motivo, foram propostas várias unidades que, segundo os estudiosos que as sugeriram, são baseadas em critérios mais confiáveis. Por exemplo, Halliday fala de *unidades informacionais*, Grimes propõe *blocos informacionais* e Crystal trabalha com *unidades tonais*. Segundo Chafe 1980, todas essas denominações referem-se ao mesmo fenômeno, que ele decide chamar de *unidades ideacionais*, adotando o rótulo de Kroll. Como dito anteriormente, é interessante notar que a identificação entre informação e prosódia é recorrente na literatura<sup>72</sup>.

Num trabalho posterior (Chafe 1994), o autor abandona o conceito de *unidades ideacionais* e adota uma nomenclatura mais compatível com o que tem sido produzido na literatura: *unidades entoacionais*. Grosso modo, à parte do nome, ambas as unidades referem-se ao mesmo fenômeno. Entretanto, a proposta mais recente de Chafe afasta

---

<sup>72</sup> As referências dos autores citados podem ser vistas em Chafe 1980.

algumas inconsistências das unidades ideacionais, e, por esse motivo, foi a adotada nesta pesquisa.

O maior problema das unidades ideacionais é o da falta de especificação, ou seja, como as unidades que formam um discurso podem ser de diferentes tipos, com diferentes funções, chamar todas elas de ideacionais e não discriminá-las pode fazer com que algumas distinções importantes informacionalmente não sejam percebidas. Além disso, o termo *ideacional* traz consigo a dificuldade de definir o que é uma idéia.

Em toda a sua obra, Chafe defende que a intermitência característica do discurso pode ser entendida, em princípio, como produto de uma necessidade biológica. Tendo em vista que o ato de falar exige que exalemos ar dos pulmões, o uso da língua precisa envolver períodos de suspensão da vocalização para que o ar seja inspirado em meio ao fluxo da fala. O autor argumenta, então, que essa necessidade fisiológica opera não de maneira aleatória, mas em harmonia com os segmentos funcionais básicos do discurso: as *unidades entoacionais*.

Esses segmentos, como já tinha sido apontado no trabalho anterior de 1980, não são definidos exclusivamente em termos de contornos entoacionais coesivos, ainda que esse seja um dos principais critérios para a sua delimitação. Devem ser consideradas também a presença ou ausência de vocalização (percebida como pausa), mudanças na frequência fundamental (percebida como *pitch*), mudanças na duração (percebida como encurtamento ou alongamento de sílabas), mudanças na intensidade (percebida como altura) e mudanças na qualidade da voz de várias formas. Além disso, Chafe aponta também um último critério, decorrente da natureza social da interação: as mudanças de turno.

Analisando uma unidade entoacional prototípica, Chafe detalha esses critérios analíticos formais para a sua delimitação. A ausência de vocalização freqüentemente (mas não necessariamente) ocorre ao início e ao término de uma unidade. Com relação à

duração, o padrão aceleração-desaceleração das unidades, responsável por reduções fonológicas ao início da unidade e alongamentos ao final, pode ser tomado como o principal critério de sua delimitação. No que diz respeito ao *pitch*, a descrição de Chafe discrimina três tipos de contornos entoacionais: o terminal descendente, o terminal ascendente e o não-terminal ascendente.

Além da dimensão prosódica, a proposta de unidades entoacionais é fundamentada por um argumento fortemente cognitivo. Chafe defende que esse fenômeno seja um reflexo de restrições de processamento dos seres humanos. Todos possuímos uma representação de mundo que envolve uma imensa gama de informações, adquiridas ao longo de nossa experiência. Esse vasto conhecimento, porém, não estaria disponível ao falante como um todo nas situações de interação; diferentemente, apenas uma pequena porção poderia ser focada de maneira ativa a cada novo momento. Chafe chama de *consciência* essa focalização ativa de um ser consciente sobre uma pequena parte do seu modelo autocentrado de mundo, e argumenta que as unidades entoacionais são a manifestação lingüística desse fenômeno psicológico.

Tipologicamente, as unidades entoacionais podem ser discriminadas de acordo com a sua função: *unidades fragmentadas*, *unidades substantivas* e *unidades regulatórias*. Um exemplo desses três tipos pode ser visto em (1)<sup>73</sup>:

(1)	a. (A) <i>Well</i>	regulatória
	b. (A) <i>isn't she healthy?</i>	substantiva
	c. (B) <i>Mhm,</i>	regulatória
	d. (A) <i>I mean she</i>	fragmentada
	e. (A) <i>I know she has</i>	fragmentada
	f. (C) <i>More or less</i>	substantiva

---

<sup>73</sup> Chafe 1994: 64

g. (A) *She has [...] gallbladder* substantiva

h. (B) [...]

i. (B) *heart problems and* substantiva

As unidades fragmentadas são aquelas truncadas, consideradas *mal-sucedidas*<sup>74</sup>, pois não há veiculação de nenhuma idéia de evento, estados, referentes; nem regulação da interação.

As unidades regulatórias podem regular o desenvolvimento do discurso, como em (1a), na qual há uma preparação para a introdução de uma questão relevante. Outras unidades regulatórias referem-se à interação entre os participantes, como mostra (1c). Outras, ainda, expressam processos mentais dos falantes, como expressões do tipo *ahh*, *deixe-me ver*, ou julgamentos da validade da informação que está sendo veiculada (modalizadores como *talvez* ou *eu acho*). Apesar de, em grande parte, as unidades regulatórias coincidirem com marcadores discursivos, esses podem ser expressos tanto por uma unidade entoacional independente, como fazer parte de uma unidade entoacional de outro tipo (fragmentada ou substantiva).

Finalmente, as unidades substantivas são aquelas em que eventos, estados e referentes são veiculados. Por esse motivo, somente as unidades substantivas serão consideradas neste trabalho. Como foi dito anteriormente, a informação é veiculada na relação entre entidades e proposições, e somente em unidades nas quais esses elementos estiverem presentes é que o estudo de sua estrutura pode ser feito.

É neste ponto que a questão do uso de *sentenças* pode ser retomada. Chafe aponta que muitas das unidades entoacionais substantivas têm a forma gramatical de uma oração

---

<sup>74</sup> Alguns autores, como Leite 2008, questionam o uso do termo *mal-sucedido* para as unidades fragmentadas. Nesse entendimento, a negociação de sentidos típica da conversação não pode ser minimizada. Assim, unidades truncadas não são necessariamente vistas como um problema de produção, mas como recursos convencionalizados em práticas sociais específicas, como a busca colaborativa por palavras, por exemplo. Mesmo consideradas bem-sucedidas em uma certa perspectiva, as unidades fragmentadas, assim como as unidades regulatórias, não entram no cômputo da informação, como entendida aqui, já que, para tanto, são necessárias relações entidades e proposições.

simples, enquanto outras são partes de orações complexas. A proporção de unidades entoacionais substantivas que contêm orações simples, segundo Chafe, é de 60%. Croft 1995, num estudo sobre o inglês, aponta 47% das unidades entoacionais como sendo formadas por orações simples. Com isso, parece plausível supor que a oração seja a unidade prototípica da fala, contrariando, assim, o argumento de que as sentenças sejam um construto artificial para análise.

Dessa forma, neste trabalho, serão analisadas *sentenças*, sejam elas expressas por uma única unidade entoacional, ou expressas em unidades entoacionais diferentes (no caso de orações complexas, e no caso de o referente ser expresso de maneira independente entoacionalmente). O termo *enunciado*, muitas vezes utilizados nesta dissertação, deve ser entendido como uma unidade lingüística que compreende, no mínimo, uma sentença, com uma entidade e uma predicação, sendo que outros elementos além desses podem estar incluídos.

#### **4.2. Metodologia dedutiva X metodologia indutiva**

Uma vez esclarecido o tipo de dado utilizado em minha pesquisa, passo à discussão dos métodos de análise possíveis em Lingüística, e à explicação sobre qual julguei mais adequado para chegar aos meus objetivos.

Edward Lopes, em um estudo que analisa a obra de Saussure (Lopes 1997), afirma que, em uma época em que a metodologia empírico-indutiva era utilizada com absoluta exclusividade, Saussure foi o primeiro, no campo da área das ciências humanas e sociais, a insistir no método hipotético-dedutivo como o único realmente científico. Apesar disso, Saussure, em sua tese de doutorado defendida em 1880, dá a melhor das demonstrações de

como se pode resolver *empiricamente* questões intrincadas de sintaxe histórica<sup>75</sup>. É exatamente essa idéia de opção pelo método dedutivo, sem abandonar achados provenientes dos “dados”<sup>76</sup>, desenvolvida por aquele que é considerado o fundador da Lingüística como disciplina autônima, que procuro aplicar em minha pesquisa.

Os termos *indução* e *dedução* podem ser entendidos de diferentes formas. Neste trabalho, entendo os conceitos segundo Hjelmslev, para o qual “um procedimento pode então consistir ou em *análises* e ser uma *dedução* ou então, pelo contrário, consistir em *sínteses* e ser uma *indução*” (2006 [1961]: 35, grifo meu). Em outras palavras, a dedução é um processo de divisão (ou divisões) continuada. Já a indução pode ser entendida como *generalização*, ou, nas palavras de Hjelmslev, “a descrição de objetos enquanto componentes de uma classe” (p. 36).

O motivo da escolha do método dedutivo é justificado. Saussure lembra que, em outras ciências, é possível trabalhar com objetos dados previamente, e que se podem considerar, em seguida, de vários pontos de vista. Já na Lingüística, a situação é diferente<sup>77</sup>. O autor afirma que, “em nosso campo [...] bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, é o ponto de vista que cria o objeto” (1970:15). Com isso, fica fácil entender por que uma metodologia que parte dos dados é menos aclamada do que aquela que parte das hipóteses.

Dando continuidade às idéias de Saussure, Hjelmslev afirma que o “método indutivo não permite que se realize uma descrição não contraditória e simples”<sup>78</sup> (p. 14). Entretanto, segundo o autor, nada impede que o caminho seja percorrido nessa direção (ou

---

<sup>75</sup> Ver Lopes 1997: 64 e ss

<sup>76</sup> Adiante, mostrarei que, para Saussure, não há *dados* em Lingüística. Uso o termo de maneira convencionalidade.

<sup>77</sup> Ver a discussão sobre a palavra *nu*, em Saussure 1970: 15

<sup>78</sup> Hjelmslev cita as classificações da gramática tradicional, tais como *genitivo*, *perfeito*, *subjuntivo*, *passivo* etc, como exemplos notáveis do fracasso do realismo indutivo. Para ele, nenhum desses termos, em sua acepção corrente, é suscetível de uma definição geral, pois abarcam fenômenos inteiramente diferentes em duas línguas, como, por exemplo, o latim e o grego.

seja, dos *objetos* para a *classe*), o que não produz novos resultados, mas possibilita fornecer um ângulo novo que “às vezes será útil”. Dessa forma, embora o procedimento recomendado seja o da *análise* (no sentido específico do termo), a *síntese* (ou generalização) também tem seu lugar na teoria hjelmsleviana.

Franchi 2006 [1997] relata um movimento semelhante em direção à valorização da dedução, ocorrido num momento historicamente posterior. Segundo o autor, a partir dos anos cinquenta, podiam-se notar os ecos de uma revolução na filosofia das ciências. Uma de suas conseqüências está na importância, cada vez maior, atribuída ao pensamento e à linguagem criadores. Ainda segundo o autor, uma severa crítica aos procedimentos indutivos de construção do conhecimento punha em dúvida a observação minuciosa dos fatos, do registro circunstanciado dos dados e da primazia dos resultados da experimentação. Uma conseqüência dessa crítica foi a valorização da hipótese como elemento inicial no processo criador da prática científica.

Por outro lado, é inegável que o conhecimento científico experimentou grandes avanços, a partir da utilização de métodos experimentais de pesquisa e de análises baseadas em grandes quantidades de dados. Tal procedimento permite visualizar tendências gerais e, conseqüentemente, a probabilidade de ocorrência de determinados fenômenos.

Franchi narra, desse modo, o (re)ssurgimento da idéia de que as melhores hipóteses devessem nascer, necessariamente, de uma coleção e catalogação de dados. Para o autor, elas se originam, de fato, em uma reflexão prévia bastante assistemática e imaginativa e, até certo ponto, arbitrária. Além disso, Franchi acredita que elas dependem muito do posto de observação em que se coloca o cientista: seus propósitos, intenções, pressupostos filosóficos e ideológicos, certas circunstâncias de sua prática, sua pertinência a um determinado contexto e cultura.

As idéias de Franchi, embora o autor não as tenha colocado dessa maneira (ao menos na obra citada), sugerem, como método de análise, uma opção à dicotomia indução X dedução: a *abdução*, que também foi defendida, no campo da Linguística, por Givón<sup>79</sup> e Peirce<sup>80</sup>.

Abaurre 1999 explica que a *abdução*, diferentemente da *dedução* e da *indução*, não tem a ver com a prova ou com a justificação da verdade de uma hipótese. A *abdução* tem a ver com o que leva o pesquisador a *sugerir* uma hipótese explicativa para determinado fenômeno. É por esse motivo que a *abdução* muitas vezes não é considerada um método da ciência, sendo tratada como uma questão de natureza psicológica. O *estalo*, *sacada*, ou *intuição*, que sugerem a hipótese em um lampejo de criatividade, desencadeados pelos motivos citados acima, freqüentemente não são considerados como válidos na prática científica.

Além desse sentido geral, de valorização da criatividade, fundamentada muitas vezes por fatores imponderáveis, a *abdução* pode ser entendida num sentido específico, como um método de inferência lógica<sup>81</sup>.

Neste trabalho, como já foi dito, a opção metodológica feita foi pela dedução, em primeiro lugar. Parto das hipóteses de Lambrecht para a organização do fluxo informacional e verifico, no *corpus*, se as hipóteses se sustentam. Num momento posterior, foi possível perceber, a partir dos dados, algumas particularidades do PB em relação à estruturação da informação, especialmente no que se refere à forma das construções com foco em toda a sentença. Embora os dados não sejam abundantes o suficiente para caracterizar a indução (ou uma teoria baseada no *corpus*), como fez Cresti na Teoria da Língua em Ato, esse percurso metodológico merece ser registrado, já que foi responsável

---

<sup>79</sup> Segundo Maciel 2005

<sup>80</sup> Segundo Abaurre 1999

<sup>81</sup> Ver Abaurre 1999: 4 e ss

por algumas contribuições da minha pesquisa para a discussão de aspectos gramaticais do PB.

Finalmente, é necessária uma última consideração acerca da metodologia utilizada. Existem várias maneiras de se trabalhar com *corpus*, e a escolhida por mim não consiste na análise exaustiva de toda a narrativa, de todos os informantes. Houve uma primeira seleção, teoricamente justificada, que exclui as unidades entoacionais reguladoras e fragmentadas. A partir disso, dentre as unidades substantivas, foram escolhidas algumas, em detrimento de outras. É nesse ponto que entra a abdução como instrumento de análise, se não como um método de inferência lógica, mas como um espírito norteador.

Buscando respaldo nas idéias de Franchi, os propósitos, intenções, pressupostos filosóficos e ideológicos e certas circunstâncias da prática que embasam minha pesquisa – fatores em certa medida assistemáticos e arbitrários – justificam a escolha dos dados considerados singulares. Acredito que, de todo o conjunto das dez narrativas, alguns trechos podem ser reveladores daquilo que se busca conhecer a respeito da organização da informação, e é exatamente nesses trechos, especificados no capítulo seguinte, que concentrarei a minha análise.

## 5. Análise

### 5.1. Introdução

Narrativas podem ser analisadas a partir de inúmeros pontos de vista. Propp baseando-se nos contos maravilhosos russos, é apontado como o primeiro “a tentar formalizar a narrativa, ao extrair sua estrutura” (Fiorindo 2005:21). Na mesma linha de pensamento, Greimas propõe os conceitos de *actantes* e *modalidades*, entre outros, para o estudo de narrativas. Essas propostas visavam (pelo menos na sua origem, no caso de Greimas) à análise de narrativas literárias<sup>82</sup>.

Labov 1972 é destacado como o primeiro autor a se interessar pela narrativa oral não literária, e propôs, a partir de relatos de experiências pessoais, uma organização da narrativa em seis partes (*resumo, orientação, complicação, avaliação, resolução e coda*). As narrativas também foram objeto de estudo de autores pós-estruturalistas, como Bruner 1990. O autor afirma que toda cultura oferece um estoque de enredos, e a narrativa é vista como um processo de atribuição de significado ao mundo.

Dentro do objetivo geral deste trabalho, que é o de investigar a estruturação da informação no PB, a partir das idéias de Lambrecht, proponho uma nova maneira de analisar narrativas: a que toma como centro a perspectiva informacional.

O trabalho de Lambrecht, que está na base de todo o meu estudo, não trata especificamente de narrativas, e nem parte de dados compilados e registrados. Inicialmente, as narrativas da *História da Pêra* foram escolhidas visando a uma coerência em relação ao grupo de pesquisa do qual participo, que analisa a mesma história contada por falantes de língua de sinais brasileira (libras). As narrativas foram gravadas e

---

<sup>82</sup> As referências dos autores citados estão em Fiorindo 2005

transcritas em português brasileiro para futura investigação e comparação com a libras e as outras línguas nas quais foram contadas.

Entretanto, com o avanço do meu trabalho e com o aprofundamento teórico, percebi que as narrativas orais eram um excelente objeto para o estudo da informação, especialmente no que diz respeito à verificação do *Princípio de separação entre função e referência*. Esse princípio será o fio condutor da minha análise.

Ao contar uma história, o falante necessita estabelecer quando ela acontece (tempo), onde se passa (espaço) e quais seus participantes (pessoa). Essa última categoria é particularmente importante para o estudo da informação, já que o *tópico*, conceito central para esse entendimento, é definido como uma relação de *aboutness* entre uma entidade e uma proposição. Em geral, uma entidade é uma pessoa<sup>83</sup>, embora o espaço e o tempo também possam ser conceitualizados como entidades e configurar referentes do discurso<sup>84</sup>.

Uma vez que a maior parte da organização da informação depende da referenciação, o *Princípio de separação entre função e referência* (PSFR) merece destaque dentre as formulações de Lambrecht. Retomarei algumas explicações dadas no terceiro capítulo para prosseguir a análise. *Função* deve ser entendida como predicação, e *referência* como aquilo que auxilia os participantes de um ato comunicativo a construir uma imagem mental de uma entidade, a partir de uma certa expressão lingüística.

O PSFR pode ser definido pela seguinte máxima pragmática: “Não introduza um referente e fale sobre ele ao mesmo tempo”.

Em uma sentença canônica, o SN lexical pode, ao mesmo tempo, ser responsável por fazer a referência de uma entidade, e também receber a predicação, funcionando como argumento lógico de um predicador:

(1) *O João chegou.*

---

<sup>83</sup> É importante ressaltar que *pessoa* está sendo usada como *alguém* ou *alguma coisa*.

<sup>84</sup> Em PB, é possível dizer “Lá é legal” e “Ontem foi ruim”.

Entretanto, apesar de esse tipo de sentença ser extremamente comum, Lambrecht aponta que, para não haver uma infelicidade pragmática, ela deve ser enunciada em um contexto em que o referente de *o João* já esteja ativado ou seja acessível (textualmente, inferencialmente ou situacionalmente). Caso contrário, é muito provável que o interlocutor pergunte: “Que João?”.

Nas situações em que o referente não está ativado nem acessível, é necessário introduzi-lo previamente no discurso. Essa introdução deve, no melhor dos casos, ser feita separadamente. Lambrecht afirma que, cognitivamente, tanto para o falante como para o ouvinte, para a construção de uma oração, é mais fácil que a introdução lexical de uma entidade não ativada seja feita de modo independente da predicação a ser feita sobre ela. É por esse motivo que (1) seria infeliz em contextos em que o referente de *o João* ainda não foi ativado. Nesse caso, o SN lexical estaria introduzindo o referente e recebendo predicação de *chegar*, ao mesmo tempo, em violação à máxima pragmática expressa pelo PSFR.

Essas razões podem explicar por que construções de deslocamento, como (2), são comuns em várias línguas, inclusive no PB:

(2) *O João, ele chegou.*

Nessa configuração, houve separação entre *função* e *referência*. Sentenças como (2) permitem aos falantes isolar o estabelecimento da referência (expressa pelo SN lexical *o João*) da função relacional, realizada pelo pronome *ele* como argumento lógico de *chegar*.

Como já foi dito no terceiro capítulo, as construções de deslocamento não são as únicas possibilidades que as línguas oferecem para separar função e referência. O falante poderia expressar algo como (3), (4) ou (5):

(3) *Sabe o João? Ele chegou.*

(4) *Você se lembra do João? Ele chegou.*

(5) *Por enquanto, tem só o João. Ele chegou cedo.*

Para a análise das narrativas da pêra, a configuração sintática interessante que se relaciona com o PSFR são as construções apresentacionais complexas<sup>85</sup>, como (6):

(6) *Era uma vez uma princesa, que vivia num castelo muito bonito.*

Nessa construção, o referente de *uma princesa* é introduzido por um SN indefinido na oração matriz, separada da oração relativa seguinte, que é o local onde ocorreu a predicação. Em sua primeira aparição na enunciação, na oração matriz, o referente do SN *uma princesa* é informacionalmente um foco. Na oração seguinte, onde ocorre a predicação, se torna uma expressão tópica, codificada pelo pronome relativo *que*.

Em outras palavras, quando o referente é mencionado pela primeira vez na forma de um sintagma nominal lexical, esse SN não é uma expressão tópica, porque a oração na qual ela ocorre não pode ser considerada como “sendo sobre” o referente desse sintagma. A sentença simplesmente introduz esse referente com o intuito de torná-lo disponível para funcionar como tópico na predicação subsequente.

Existe, assim, uma oração propriamente apresentacional (*Era uma vez uma princesa*) seguida de uma do tipo tópico-comentário (*que vivia em um castelo muito bonito*).

## **5.2. PSFR, função apresentacional e função tópico-comentário**

A primeira cena do filme é um bom exemplo para a ilustração do PSFR, pois é possível perceber o uso de construções apresentacionais (em negrito), seguidas de construções do tipo tópico-comentário (sublinhadas). O primeiro personagem a ser introduzido é o colhedor de pêras:<sup>86</sup>

---

<sup>85</sup> Construções apresentacionais complexas devem ser entendidas como uma construção com duas orações, em que a primeira é propriamente apresentacional, e a segunda é predicativa.

<sup>86</sup> Os exemplos transcritos neste capítulo trazem, em geral, mais informação em relação à estrutura da informação do que aquelas destacadas. Dessa maneira, é possível encontrar em um exemplo duas funções

(7) [info1] **lá tava um**  
**agricultor**  
 coletando  
 pêras numa  
 numa das árvores  
 então ele  
colocou uma escada na árvore

(8) [info2] **na história**  
**tem um**  
**camponês**  
 que ele tá  
colhendo pêra

(9) [info3] **é a história de um**  
**senhor**  
 que tá  
recolhendo umas pêras

(10) [info4] **chegou um homem**  
que tava trabalhando numa  
numa  
num pomar né

(11) [info5] **tem um:**  
**um cara catando pêras**  
 numa pereira  
 são umas pêras super bonitas  
 dá maior água na boca  
 e uma delas cai no chão  
e ele tá colocando todas as pêras num avental

(12) [info6] **havia um homem**

ele tava

eh

colhendo pêras

(13) [info8]. **havia um homem**

que

que tava

pegando

eh pêras

(14) [info9] **uma vez**

**tinha um homem**

catando pêra numa árvore

e

numa fazenda

aí

ele tava lá em cima da escada

Esse primeiro conjunto de exemplos contém construções tipicamente apresentacionais: os verbos são não-agentivos (*estar, ter, ser, haver, chegar*). Além disso, o sintagma nominal referencial em questão (*um colhedor de pêras, um homem, um camponês* etc) aparece posposto ao verbo. O referente foi expresso, invariavelmente, por um SN indefinido.

Como já foi dito anteriormente, a construção apresentacional anteposta a uma do tipo tópico-comentário permite aos falantes separar a função referencial da função relacional que o referente de uma entidade pode realizar. Segundo o PSFR, nas construções apresentacionais, o constituinte lexical, em vez de ser parte de uma rede relacional da oração, aparece numa sentença intransitiva especial.

A função discursiva básica que todas as sentenças apresentacionais têm em comum é a de que elas não predicam alguma propriedade do SN, mas afirmam a presença desse referente no universo do discurso. Desse modo, nas sentenças em negrito, o referente de *o colhedor de pêras* foi apenas introduzido, e não descrito como participante de alguma ação ou evento<sup>87</sup>.

Uma vez ativado na consciência do ouvinte, o referente do sintagma ficou disponível para a predicação nas orações seguintes, podendo funcionar como tópico. Tal fato pode ser visto em todos os exemplos. Depois de apresentado por um SN lexical, o referente em questão é retomado na predicação subsequente pelo pronome pessoal *ele* ou pelo pronome relativo *que*. As sentenças destacadas com sublinhado expressam, assim, a função informacional de tópico-comentário, na qual a asserção tem por objetivo predicar uma propriedade de um dado tópico, ou seja, de um referente já estabelecido do discurso. É importante ressaltar que os pronomes pessoais e relativos funcionam como *expressão tópica*<sup>88</sup> nas sentenças sublinhadas.

O primeiro conjunto de exemplos mostra que oito entre os dez informantes organizaram a informação referente ao colhedor de pêras de maneira semelhante, em termos do uso das funções pragmáticas: primeiro utilizaram sentenças apresentacionais (ou construções com foco em toda a sentença) e depois utilizaram sentenças tópico-comentário (ou com foco no predicado). Os informantes expressaram a função tópico-comentário por meio de orações independentes ou encaixadas (com o pronome relativo *que*).

Dessa maneira, do ponto de vista informacional, respeitou-se o PSFR: os referentes foram introduzidos na sentença apresentacional, e a predicação ocorreu em uma estrutura subsequente.

Observe, entretanto, outros dois exemplos:

---

<sup>87</sup> O exemplo (10) é um caso particular. Exemplos desse tipo serão discutidos na seção 5.4

<sup>88</sup> A diferença entre tópico e expressão tópica foi feita no capítulo 3.

(15) [info8] *o filme*

*representa uma história  
de uma atividade típica  
de uma  
do campo  
de uma fazenda  
e começa com um  
colhedor de pêras*

(16) [info10] *a cena começa*

*com uma escada nessa pereira  
em que o homem sentado  
eh um homem em pé na pêra/  
na escada  
apanhando pêras*

O segundo conjunto de exemplos ilustra que o gerenciamento do fluxo da informação foi feito de forma diferente. Para introduzir o novo referente no universo do discurso, os falantes optaram por usar uma estrutura informacional do tipo tópico-comentário, e não uma estrutura do tipo apresentacional. Nesse caso, o referente que assumiu a função de tópico foi *o filme, a cena*. Isso é possível na medida em que *o filme, a cena* são conhecimentos pressupostos já compartilhados entre falante e ouvinte pelo fato de a situação enunciativa envolver a narração de uma história baseada em um filme. Portanto, esses referentes já estavam ativados, ou, pelo menos, acessíveis. Nesses exemplos, o foco, ou seja, a porção pela qual a asserção diferencia-se da pressuposição, está no predicado, mais especificamente no sintagma nominal que se refere ao *colhedor*.

Note-se então, que a introdução de novos personagens está sempre associada a uma estrutura informacional de foco, seja por meio de uma sentença apresentacional, seja por meio de uma estrutura tópico-comentário, em que o novo referente é parte da asserção. De

um jeito ou de outro, a predicação sobre esse referente aparece em sentenças subsequentes, em respeito ao PSFR.

### **5.3. Função de reportar evento: a cena da queda**

Essa cena, dentre todas as do filme, é a mais significativa em termos de diferenças entre os falantes. O que se vê no filme é uma queda do menino da bicicleta, que leva junto para o chão o cesto de pêras que estava na garupa. A queda foi causada por eventos encadeados: primeiro o menino se distraiu com uma menina que passava de bicicleta; com isso, não viu uma pedra no seu caminho, passou por cima dela e caiu. O que se nota é que os informantes naturalmente privilegiam uma ou outra parte do evento na sua narração. Essa cena é interessante na medida em que três dos informantes a contaram usando a função de reportar evento, destacadas em negrito, como mostram (16), (17) e (18):

(16) [info1] *e enquanto ele observava ela passando*  
*não viu a pedra que tinha na frente dele*  
*bateu com a bicicleta*  
*e PUM!*  
***caiu todas as***  
***as pêras no chão***

(17) [info2] *nisso*  
*tem uma pedra*  
*no meio do caminho dele*  
*a bici/*  
*ele não vê a pedra*  
*que ele tá olhando pra menininha*  
*ele tropeça com a bicicleta na pedra*  
***cai ele***  
***a bicicleta***  
*e todas as pêras se espalham no chão*

(18) [info 4] *tinha uma pedra no chão*  
*no meio do caminho*  
*o menino passou por cima da pedra*  
*caiu com a bicicleta*  
***caiu a cesta de frutas que tava na***  
***na***  
***na garupa da bicicleta***  
*se espalhou tudo pelo chão*  
*voou chapéu*  
*enfim o menino ficou muito*  
*ficou sujo*

As sentenças destacadas em negrito em (16), (17) e (18) são exemplos da função pragmática de reportar um evento, ou com foco em toda a sentença. Elas não são do tipo tópico-comentário porque não foram construídas pragmaticamente como uma declaração sobre o referente do sintagma nominal presente. Por exemplo, em (16), a intenção do falante não foi falar sobre as pêras, mas sim introduzir um novo elemento (o evento de sua queda) no discurso. Em (17), o evento reportado é a queda do menino e da bicicleta, e em (18), a queda do cesto de frutas.

Além disso, as construções de reportar um evento são relativamente independentes de contexto, e poderiam ser enunciadas “a partir do nada”. Como juízos téticos, possuem uma característica de “novidade” que as distingue das de tópico-comentário e das do tipo identificacional.

As sentenças em análise não podem ser apresentacionais porque o elemento novo introduzido não é uma *entidade* (um referente do discurso), mas um *evento*, que necessariamente envolve uma entidade. É importante notar que, nos exemplos (16), (17) e (18), os referentes que fazem parte do evento já foram ativados em algum momento

anterior do discurso, o que pode ser confirmado pelo uso de SNs definidos ou pronominais (*todas as pêras, ele, a bicicleta, a cesta de frutas*).

Como já foi visto no capítulo 3, segundo Lambrecht, uma característica formal forte para indicar que uma sentença seja de reportar um evento é a de que ela seja uma construção intransitiva. No entanto, o autor não especifica a ordem dos constituintes. Tanto sentenças VS como sentenças SV podem reportar evento. No PB, os dados que analiso sugerem que as construções de reportar evento preferem o SN posposto ao verbo, como as apresentadas nos exemplos.

Mithun 1992, em seu artigo sobre os fatores pragmáticos que influenciam o ordenamento de palavras nas línguas cayuga, ngandi e coos, propõe o conceito de *notabilidade (newsworthiness)*. A maior ou menor notabilidade de um participante de um evento em relação à notabilidade do evento como um todo pode ter conseqüências na ordem dos constituintes da sentença. Nos exemplos da história da pêra citados, a maior notabilidade do evento da queda em comparação à notabilidade dos participantes desse evento pode ser vista como o fator que faz com que o verbo ocupe a primeira posição da sentença.

A mesma cena foi narrada por outros colaboradores com uma estruturação informacional diferente. Observe os exemplos de (19) a (23):

(19) [info 3] *na hora que ele vai se virar pra trás*  
*ele tropeça*  
*numa pedra*  
*cai com as pêras espalhadas pelo chão*

(20) [info 5] *e e a bicicleta dele*  
*esbarra numa pedra*  
*que tá no caminho*  
*ele cai da bicicleta*

*derruba todas pêras no chão  
e ainda machuca a canela*

(21) [info 6] *ele olhou pra menina  
e a bicicleta dele bateu numa pedra  
**ele caiu**  
o cesto caiu também  
as pêras foram jogadas no chão  
espalhadas no chão*

(22) [info 8] *e tinha uma pedra na frente dele  
**e ele caiu com a bicicleta**  
e com as pêras  
as pêras espalharam no chão*

(23) [info 9] *e aí se distraiu com aquilo  
bateu numa pedra e **caiu**  
e as pêras se espalharam*

Os exemplos destacados em (19), (20), (21), (22) e (23), apesar de utilizarem o mesmo verbo *cair*, podem ser entendidos como expressões da função tópico-comentário. Diferentemente dos exemplos anteriores, os informantes parecem menos interessados em reportar o evento da queda, e mais interessados em fazer declarações sobre o menino. Uma evidência para isso é a forma da sentença, na sua ordem canônica SV, associada prototipicamente a função de tópico-comentário, além do uso do pronome pessoal *ele* (em (20), (21) e (22)) e da anáfora zero (em (19) e (23)), que indicam a continuidade tópica do referente. Dado que o referente de *o menino* já está ativado no discurso, o falante está aumentando o conhecimento do ouvinte sobre esse referente.

Utilizando também uma construção do tipo tópico-comentário, *o [info7]* recorreu a uma manifestação formal especial dessa estrutura. Observe o exemplo (24):

(24) [info 7] *se distrai com essa menina na bicicleta*  
*bate numa pedra e*  
***TODAS as pêras vai para o chão***  
*aí ele começa recolher*

Nesse exemplo, é importante ressaltar a proeminência prosódica que recai sobre o constituinte *TODAS as pêras*<sup>89</sup>. No que se refere à manifestação prosódica, a expressão tópica da construção de tópico-comentário é preferencialmente não acentuada, como mostram os exemplos de (19) a (23). Associado a esse fato, o uso do pronome pessoal e da anáfora zero indicam a continuidade tópica do referente de o menino.

A intensidade prosódica com que *todas* foi pronunciada no exemplo (24) se explica porque o falante rompeu a continuidade tópica que vinha desenvolvendo a respeito do menino. O que houve foi uma mudança de tópico, que passou *do menino* e foi para *as pêras*. Essa mudança foi possível na medida em que o referente de *pêras* já tinha sido ativado desde o começo da narrativa. A proeminência prosódica é, então, o recurso utilizado para marcar a mudança de tópico. Essa é uma situação particular, pois o que se espera de um constituinte tópico é que ele não seja acentuado.

Finalmente, uma conceitualização particular da cena em questão merece ser destacada. É o caso do exemplo (25):

(25) [info 10] *e ele fica olhando pra menina*  
*e com o vento*  
*cai o chapéu*  
***e ele bate numa pedra***  
***que por sua vez***  
***o derruba***  
***e a cesta com as pêras também***

---

<sup>89</sup> A proeminência pode ser verificada na transcrição no ELAN ou no arquivo de som *info7.wav*, em anexo

O exemplo (25) mostra uma enunciação muito próxima à língua escrita, que exige maior planejamento. O encadeamento dos eventos fica evidente na seqüência “*ele bate numa pedral que por sua vez o derruba e a cesta com as pêras também...*”. Em termos da análise da estrutura da informação, o que se nota é o uso de duas construções do tipo tópico – comentário, separadas com ( / ). Na primeira, é feita uma asserção sobre o referente de *ele* (o menino). O falante incrementa o conhecimento do ouvinte sobre o menininho, dizendo que ele bateu numa pedra. Na segunda, o constituinte tópico é *que*, que retoma o referente de *uma pedra*. Nesse caso, a relação de *aboutness* que se estabelece é entre a entidade *pedra* e a proposição *derrubar o menino e as cestas com as pêras*.

A variedade com que os informantes expressaram essa cena indica uma propriedade universal da relação entre língua e cognição: diferenças na conceitualização de um evento e diferentes necessidades informacionais são expressas pelo uso de diferentes formas lingüísticas.

#### **5.4. A introdução de novos personagens no decorrer da história**

No item 5.2, mostrei como os informantes introduziram o primeiro personagem na história da pêra. Dentre aqueles que utilizaram construções apresentacionais, com exceção do [info4], expresso no exemplo (10), todos os colaboradores usaram construções intransitivas, com o SN posposto, com os verbos *ter*, *haver*, *estar* e *ser*. Nesta seção, discutirei a apresentação dos outros personagens do filme, que apareceram no decorrer da história.

### 5.4.1. A introdução do camponês com a cabra

Observe como os informantes introduziram um personagem que aparece apenas uma vez no filme: um outro camponês, acompanhado de uma cabra, que passa pelo colhedor de pêras:

(26) [info 1] *enquanto ele trabalhava*

*passava um*

*provavelmente um*

*pastor*

*segurando uma cabra*

(27) [info 2] *enquanto ele tá recolhendo as outras pêras*

*passa*

*um*

*outro camponês eu acho*

*com um burro*

(28) [info 3] *então*

*passa um homem com um animal*

*que acho que parece um cabrito*

(29) [info 4] *passou primeiro um homem*

*com um burrinho*

*passou por ele*

(30) [info5] *e daí vem vindo*

*um outro cara*

*com um bode*

*um cabrito*

(31) [info6] *ái passou um homem*

*levando um bode*

*uma cabra*

*foi embora*

(32) [info8] enquanto ele pegava  
**passou um senhor**  
 tentando adestrar um bode  
 mas ele não conseguiu

(33) [info9] aí **passou um homem com um**  
**com um bode**

(34) [info10] enquanto isso  
**surge um homem**  
 puxando uma cabra

Nove entre dez colaboradores utilizaram construções apresentacionais para introduzir esse referente no discurso. A diferença, entretanto, entre essas construções e aquelas utilizadas para introduzir o primeiro personagem da história consiste no tipo de verbo utilizado. Para o colhedor de pêras, as construções apresentacionais utilizadas eram com os verbos *ter* e *haver* (as chamadas construções existenciais<sup>90</sup>) e com verbos estativos *ser* e *estar*. Minha idéia é a de que as construções existenciais e com verbos estativos sejam as construções prototipicamente apresentacionais, na medida em que estão inteiramente de acordo com a definição dada por Lambrecht: apenas afirmam a presença de um novo referente no universo do discurso, e não predicam alguma propriedade do SN.

Nos exemplos desta seção, entretanto, o camponês com a cabra é descrito como participante de alguma ação ou evento. Isso fica evidente pelo tipo de verbo utilizado: *passar*, *vir* e *surgir*. A função continua sendo apresentacional, pois as construções de fato introduzem um novo referente no discurso (todos os colaboradores utilizaram um sintagma nominal indefinido, o modo de expressão mais adequado para referentes ainda não ativados). Outro aspecto da manifestação formal, com exceção do tipo de verbo, é idêntico

---

<sup>90</sup> Ver Viotti 1999

àquelas: construções intransitivas com sintagma nominal posposto ao verbo. Entretanto, essas construções apresentacionais apresentam certa semelhança com as de reportar evento, discutidas na seção 5.3, pois também introduzem um novo evento no discurso: o surgimento de um outro camponês.

Dessa forma, minha proposta é a de que, dentre as construções com foco em toda a sentença, existem as construções apresentacionais prototípicas (construção intransitiva com SN posposto aos verbos *ter*, *haver*, *ser* e *estar*) e construções apresentacionais não prototípicas (construção intransitiva com SN posposto a verbos de entrada de cena).

Finalmente, a introdução do camponês com a cabra também foi feita com uma organização informacional diferente. Observe o exemplo em (35):

(35) [info7] *surgem algumas outras cenas parecidas*  
*muito típica do campo*  
***que é***  
**uma pessoa passe/ levando uma cabra**

O colaborador utilizou uma construção do tipo tópico-comentário, em que a expressão tópica é o pronome relativo *que*, que retoma a entidade *cenas parecidas*, e o camponês com a cabra aparece em uma posição de foco, adequada para referentes ainda não ativados. Na cena inicial do colhedor de pêras, dois colaboradores utilizaram esse tipo de organização informacional, que também aparecerá na introdução de outros personagens.

#### 5.4.2. A introdução do menino que rouba as pêras

Assim como na cena anterior, as transcrições selecionadas referem-se à introdução de um novo referente no discurso: o menino. Os colaboradores fizeram a introdução do menino que rouba as pêras de forma esperada. Observe os exemplos de (36) a (45):

- (36) [info 1] **passou um garoto de bicicleta**  
e o garoto  
viu aquelas cestas cheias de pêras né
- (37) [info 2] **nisso passa um menino**  
com uma bicicleta  
ai o menino olha pra pêra
- (38) [info 3] **e vem um menino**  
com uma bicicleta  
e vê as pêras
- (39) [info 5] **dai vem um garotinho**  
eh  
com um chapéu de palha bem grande
- (40) [info 6] **depois passou um garoto**  
de bicicleta
- (41) [info 7] **e aparece um menino de bicicleta**  
que  
eh  
vê a o o as pêras
- (42) [info 9] **e depois passou um menino de bicicleta**  
enquanto ele tava  
lá em cima da escada
- (43) [info 8] **depois passou um menino**  
eh de andando de bicicleta
- (44) [info 10] **depois aparece**  
**o menino de bicicleta**  
que também passa por ali

*e vê*  
*a árvore*

Em todos os exemplos nota-se o uso sistemático de construções apresentacionais (em negrito), com verbos de entrada de cena (*passar, vir, aparecer*). São todas construções apresentacionais não prototípicas, devido ao tipo de verbo utilizado. A construção, além de introduzir um novo referente no discurso, também remete a um novo evento, o da aparição do personagem. O SN aparece posposto ao verbo, como nas construções apresentacionais prototípicas. Nos exemplos de (36) a (44), o SN utilizado foi o indefinido, como era esperado. A exceção fica por conta do exemplo (44), que usa um SN definido para a expressão tópica, o que é menos comum.

Na cena da introdução do menino, ocorreu um exemplo que pode ser considerado problemático para o aparato teórico proposto por Lambrecht:

(45) [info 4] *ah enquanto ele trabalhava ainda*  
***um hom/ um menino***  
***que tava***  
***com chapéu***  
***uma uma roupa de camponês também***  
***vinha vindo de bicicleta***

É difícil dizer exatamente qual é a organização informacional dessa sentença. Por um lado, essa sentença pode ser apresentacional, pois introduz um referente no discurso. Entretanto, a preferência de SN posposto ao verbo em construções apresentacionais é uma tendência fortíssima. Seriam necessários dados mais robustos para propor uma construção não prototípica com o SN anteposto ao verbo. Seria possível também pensar numa sentença de reportar evento, o que dificilmente se sustentaria com um verbo de entrada de cena, pois a notabilidade nesse caso pertence ao referente introduzido.

Finalmente, se pensarmos que se trata de uma articulação tópico-comentário, temos problemas para justificar um tópico que ainda não tenha sido ativado anteriormente, nem esteja acessível. No momento, não tenho evidências para optar por uma ou por outra opção.

### 5.4.3. A introdução da menina

A menina que aparece no filme como uma das causas da queda do menino foi introduzida de duas formas. A primeira é por construções apresentacionais com verbos de entrada de cena, como mostram (46) a (48):

(46) [info3] *e de repente*

*passa uma menina de bicicleta (e) pega o chapéu dele*

(47) [info4] *vinha uma menina também de bicicleta*

*eh e passou por ele*

(48) [info6] *e no meio do caminho*

*vinha uma menina de bicicleta também*

*os dois passaram um pelo outro*

*aí ou a menina puxou*

*o o chapéu do menino*

Além disso, como já foi discutido anteriormente, é possível fazer a introdução de novos personagens por meio de construções do tipo tópico-comentário:

(49) [info1] *o garoto tava*

*passeando com a bicicleta*

*provavelmente voltando pra casa*

*quando ele viu uma garota*

*vindo na direção contrária  
também dirigindo uma bicicleta*

(50) [info2] *ele vê uma menina vindo (em) direção dele  
pedalando também*

(51) [info5] *ele vai por uma estrada  
e cruza com uma garota  
eh  
também de bicicleta  
então a garota tá vindo no outro sentido*

(52) [info7] *e encontra com uma outra pessoa  
na direção oposta  
que vem de bicicleta*

(53) [info8] *no caminho  
ele encontrou com uma  
com uma menina andando de bicicleta*

(54) [info9] *no meio do caminho  
o menino cruzou com uma  
uma  
uma outra menina de bicicleta*

(55) [info10] *esse menino encontra  
uma menina de bicicleta*

Esse tipo de construção só foi possível na medida em que *o menino* já estava altamente ativado no discurso, podendo, portanto, ser uma expressão tópica. Como já foi dito anteriormente, a introdução de novos personagens está sempre associada a uma estrutura informacional de foco, seja por meio de uma sentença apresentacional, seja por meio de uma estrutura tópico-comentário, em que o novo referente é parte da asserção.

#### 5.4.4. A introdução dos três garotos

Após a cena da queda, aparecem três garotos que ajudam o menino que roubou as pês a se levantar. A organização da informação foi feita de maneira semelhante à introdução dos outros personagens já discutidos. Entretanto, a maneira como [info9] introduz os meninos merece destaque:

(56) [info9] *perto dali*  
*tavam brincando alguns*  
***tavam brincando três meninos***  
*que vieram ajudá-lo*

Para entender esse caso, é possível pensar num contínuo em que construções apresentacionais existenciais e estativas estão em um pólo (pois apenas atestam a presença de um novo referente), e construções de reportar evento prototípicas estão em outro (pois os referentes dessas construções já estão ativados, e sua função primordial é a de introduzir um novo evento). Entre esses dois pólos, mais próximas às construções existenciais e estativas, estão as construções apresentacionais não prototípicas com verbos de entrada de cena (com *aparecer*, *passar*, *surgir*, *vir* etc). Uma construção como (56) também ocupa uma posição intermediária, mas diferentemente das construções de entrada de cena, elas se aproximam mais das construções de reportar evento. O motivo dessa gradiência pode ser explicada pela semântica dos verbos.

Embora *brincar* e *cair* sejam verbos semanticamente plenos, o caráter semântico-predicativo de *brincar* fica enfraquecido em uma situação em que é necessário introduzir um novo referente. No contexto, essa função parece ser mais significativa do que a de reportar um evento de brincadeira. O motivo pelo qual interpreto o exemplo como apresentacional, e não de reportar evento pode ser justificado pelo fato de que o referente de os três meninos ainda não havia sido ativado naquele discurso. Dessa maneira, preserva-

se o PSRF. Entretanto, fica a ressalva de que essa construção está no limite entre uma construção apresentacional e de reportar evento.

#### **5.4.5. Conclusões sobre a introdução dos referentes**

Um fato interessante que pode ser notado em relação à introdução dos referentes é o de que as orações existenciais e estativas foram usadas preferencialmente para a introdução do primeiro personagem. Os demais foram introduzidos por construções apresentacionais com verbos de entrada de cena e por construções do tipo tópico-comentário. Somente um caso de construção existencial foi verificado na introdução dos demais personagens.

Uma possível explicação para esse fenômeno pode ser o fato de que os outros personagens são introduzidos com a história em andamento, e, com isso, o falante tende a introduzir o referente juntamente com o evento de sua aparição. É por esse motivo que, acredito, as construções utilizadas para os outros personagens são em certa medida híbridas: guardam semelhanças com as construções apresentacionais, e também com as de reportar eventos.

Considerando que os verbos utilizados nessas construções específicas são verbos não agentivos ou locativos, e podem ser entendidos como esvaziados semanticamente, o PSFR não é afetado, ou é ligeiramente afetado, pois mesmo que a introdução do novo referente não seja feita de maneira independente da predicação, a predicação em questão é secundária.

#### **5.5. O PSFR e as orações relativas**

Um problema que pode ser apontado em relação ao PSFR é que, da maneira como foi formulado, pode passar a impressão de que todas as orações relativas encaixadas em

orações apresentacionais são orações que expressam uma nova função, ou seja, uma nova predicação. Entretanto, nem sempre as orações relativas que seguem as apresentacionais são do tipo tópico-comentário. A oração relativa pode ser parte da referência e não uma nova função. Um exemplo que ilustra tal indefinição é o expresso em (57):

(57) [info8]. ***havia um homem***

*que*

*que tava*

*pegando*

*eh pêras*

A esse respeito, Negrão 1992 e Viotti 1999 oferecem uma proposta de estruturação sintática para a coda das construções existenciais. Observe o exemplo:

(58) *Teve uma história que passou no rádio, que o cara falava assim*<sup>91</sup>.

Seguindo Cooper 1983 e Sells 1985<sup>92</sup>, Negrão afirma que a coda da construção existencial que (58) representa é composta por um SN, contendo uma relativa restritiva (nos termos de Lambrecht, a referência), mais uma relativa não-restritiva (o que seria a função).

No SN *uma história que passou no rádio*, a relativa restritiva está sob o escopo do determinante *uma*, e gera a interpretação de que, dentre as histórias possíveis de serem contadas, existe uma. A modificação não-restritiva da relativa *que o cara falava assim* contribui com a interpretação: nessa história um cara falava algo.

Viotti 1999, na mesma linha de pensamento, ao discutir a estrutura sintática das sentenças existenciais, afirma que certas codas são, de fato, constituídas exclusivamente por um DP, que pode ter seu complemento NP modificado por adjuntos do nome, tanto de natureza adjetival quanto oracional, e que pode também ser ele mesmo modificado por

---

<sup>91</sup> Negrão 1992

<sup>92</sup> As referências de Cooper e Sells estão em Negrão 1992

uma oração relativa, ou por uma oração reduzida de gerúndio ou particípio. Observe o exemplo (59):

(59) *Tem um cara que eu conheço que pode fazer isso pra você*<sup>93</sup>.

Nesse exemplo, a primeira oração relativa *que eu conheço* é um adjunto modificador do NP, e a segunda oração modifica o DP, gerando uma nova predicação. Essa interpretação pressupõe que os adjuntos também são predicadores.

A contribuição das análises citadas pode ser vista na medida em que são atestados dois tipos de orações relativas nas construções apresentacionais, cada uma apresentando uma estrutura sintática diferente. No que diz respeito ao PSFR, cada uma delas está relacionada a um fenômeno. A oração relativa não restritiva, ou predicativa, está relacionada à função, ou predicação. A oração relativa restritiva está relacionada à referência, ou, em outras palavras, àquilo que auxilia o interlocutor a construir uma figura mental da entidade em questão.

Em exemplos como (58) e (59), a atribuição da função predicativa ou referencial é facilitada na medida em que estão presentes duas orações. Pela ordem, e mesmo pelo contraste, é razoável dizer que a primeira é restritiva, e a segunda, predicativa. Para entender o que ocorre em (57), observei orações seguramente relativas restritivas, e não apresentacionais, encontradas nas narrativas, transcritas abaixo:

(60) *[info 1] e ia colocando numa  
bolsa que ele tinha*

(61) *[info 1] e enquanto ele observava ela passando  
não viu a pedra que tinha na frente dele*

(62) *[info 4]. nas cestas que haviam no chão*

---

<sup>93</sup> Viotti 1999:28

(63) [info 4] **pro cesto que estava no chão**

*e sentiu vontade de pega*

(64) [info 5] **pega essa que caiu no chão**

*e limpa ela*

*com um lenço que ele tem no pescoço*

(65) [info6 ] **da/ pela escada que ele tinha**

*e olhou pros cestos*

O que há de comum em todos os exemplos é o fato de que o núcleo do SN e a oração relativa foram expressos numa única unidade entoacional. Embora a divisão em unidades deva ser revista e refeita, essas sem dúvida foram expressas em somente uma unidade.

Considerando os exemplos relevantes para esse fato, que podem ser encontrados na narração da cena inicial do filme, em que há a introdução de um novo personagem por meio de construções apresentacionais, somente um exemplo pode ser apontado como a oração relativa exercendo função referencial. É o caso do exemplo abaixo:

(66) [info5] **tem um:**

***um cara catando pêras***

*numa pereira*

Nesse caso, a oração relativa é reduzida de gerúndio, e foi expressa na mesma unidade entocional que o núcleo do SN.

Todos os outros colaboradores que expressaram construções apresentacionais para a narração da mesma cena utilizaram a oração relativa subsequente com função predicativa, como mostram os exemplos:

(67) [info1] **lá tava um**

***agricultor***

*coletando*

*pêras numa*  
*numa das árvores*  
*então ele*  
*colocou uma escada na árvore*

(68) [info3] *é a história de um*  
*senhor*  
*que tá*  
*recolhendo umas pêras*

(69) [info4] *chegou um homem*  
*que tava trabalhando numa*  
*numa*  
*num pomar né*

(70) [info8]. *havia um homem*  
*que*  
*que tava*  
*pegando*  
*eh pêras*

(71) [info9] *uma vez*  
*tinha um homem*  
*catando pêra numa árvore*  
*e*  
*numa fazenda*  
*aí*  
*ele tava lá em cima da escada*

A expressão da construção existencial em uma unidade entoacional e da oração relativa em outra aponta o PSFR. A primeira introduz o referente, e a segunda, predica uma propriedade desse referente.

## **5.6. A função identificacional : a cena final**

A contribuição dessa cena para o estudo da estrutura da informação das narrativas está no fato de que essa foi uma oportunidade que os falantes tiveram para expressar a função pragmática identificacional, ou com foco no argumento. Segundo Lambrecht, essa função é utilizada em um contexto muito específico, no qual a asserção tem por objetivo estabelecer uma relação entre um argumento e uma proposição previamente evocada. Em outras palavras, identifica o argumento que falta numa proposição aberta pressuposta. É o caso dos exemplos destacados de (72) a (75):

(72) *[info 1] aí ele ficou olhando desconfiado  
coisa estranha  
aí  
a primeira coisa que pareceu  
**que eram aqueles garotos que tinham roubado a cesta***

(73) *[info 3] então fica essa dúvida  
na cabeça do  
senhor que tava recolhendo as pêras  
se era  
**se foram os três meninos que pegaram o cesto**  
aí termina a história  
(assim)*

(74) *[info 10] e o homem fica  
pensa  
o que foi que aconteceu  
**será que foram eles os que roubaram***

(75) *[info 5] o cara que tava colhendo pêras  
pensando  
**será que aqueles três caras***

*é que tinham roubado o cesto de pêras dele  
porque eles tão comendo as pêras  
tá?*

Na cena final, existe uma proposição aberta pressuposta na qual *X roubou as pêras*. Os informantes, dando voz aos pensamentos do colhedor de pêras, expressam a asserção que afirma que o argumento que falta na proposição é preenchido pelo referente de *os três meninos*.

Nos exemplos (72), (73) e (74), a manifestação formal dessa função é dada pela construção clivada *ser* + SN + pronome relativo *que*. O exemplo (75) também pode ser considerado como uma construção clivada, porém, com estrutura diferente das anteriores.

## 6. Conclusões e questões para futura investigação

### 6.1. Resumo das análises

Partindo das funções estabelecidas por Lambrecht e dos dados das narrativas da história da pêra, foi possível construir o seguinte quadro correlacionando as funções pragmáticas e suas manifestações formais:

FUNÇÃO PRAGMÁTICA	MANIFESTAÇÕES FORMAIS	
	PROTOTÍPICAS	OUTRAS
TÓPICO- COMENTÁRIO	Sentença na ordem canônica  SN <i>tópico</i> = anáfora zero, pronome pessoal, pronome relativo	Sentença na ordem canônica  SN <i>tópico</i> = SN definido, SN indefinido
IDENTIFICACIONAL	construção clivada verbo <i>ser</i> + SN + <i>que</i>  SN <i>identificado</i> = pronome demonstrativo	sentença na ordem canônica com proeminência prosódica no argumento*  construção clivada especial SN <i>identificado</i> = pronome pessoal, SN definido
APRESENTACIONAL	sentença intransitiva com SN posposto a verbos do tipo <i>ter</i> , <i>haver</i> , <i>ser</i> , <i>estar</i>  SN indefinido	Sentença intransitiva com SN posposto a verbos do tipo chegar, aparecer, surgir, vir  SN definido*
APRESENTACIONAL +	Sentença intransitiva com SN posposto em construções do	

REPORTAR UM EVENTO	tipo <i>tavam brincando três meninos</i>	
REPORTAR UM EVENTO	Sentença intransitiva com SN posposto a verbos do tipo <i>cair</i> SN definido	Sentença intransitiva com SN anteposto ao verbo SN indefinido*, SN pronominal

\* não atestados nas cenas analisadas

É importante ressaltar que os exemplos marcados com (\*) não foram encontrados no corpus, mas estão registrados na literatura. A proposta de Lambrecht, nesta dissertação, foi reinterpretada em termos de categorias prototípicas, ou seja, podem ser apontados os melhores exemplos de cada função. Além disso, aponto um tipo de construção intermediária dentro das construções com foco em toda a sentença.

A análise das narrativas também evidenciou o *princípio de separação entre função e referência* (PSFR), e as várias possibilidades que a língua oferece para que essa máxima pragmática não seja desrespeitada. Ainda sobre o PSFR, foi apontado o fato de que é necessário fazer uma distinção conceitual cuidadosa entre função e referência. Além disso, o critério prosódico, ou seja, a verificação dos limites de uma unidade entoacional, mostrou ser um critério confiável na distinção entre orações relativas restritivas (relacionada à referência) e orações relativas predicativas (relacionada à função).

## **6.2. Questões para futura investigação**

### **6.2.1. Análise prosódica refinada**

A análise feita nesta dissertação privilegiou o nível morfo-sintático, na medida em que olhou para configurações sintáticas e modos de expressão dos referentes (como SN

definidos, indefinidos, pronominais ou anáfora zero, por exemplo). A ativação dos referentes, entretanto, também é manifestada no nível prosódico, com a proeminência ou ausência de acento. Neste trabalho, somente um exemplo foi contemplado pela análise da proeminência prosódica, pelo motivo de que não foi possível transcrever todas as narrativas observando esse ponto. Além disso, a divisão em unidades entoacionais, feita com rigor, se mostrou como um critério confiável para distinção entre orações relativas restritivas e predicativas.

Dessa forma, uma análise prosódica mais refinada pode contribuir para o avanço do conhecimento sobre a estrutura informacional no PB. Se as transcrições forem refeitas atentando para uma marcação dos constituintes nos quais recai o acento primário, a análise informacional fica mais bem embasada.

A divisão em unidades entoacionais ainda precisa ser reavaliada, e para tanto, os trabalhos de Cresti 2000 e Cresti e Moneglia 2005 se mostram como instrumentos valiosos, pois dão exemplos abundantes de quebras prosódicas terminais e não-terminais.

Finalmente, o trabalho de Cresti e Cresti & Moneglia apontam outra maneira de relacionar a informação com prosódia. Segundo esses autores, existe uma correlação entre determinados padrões prosódicos e as funções informacionais (por exemplo, uma curva entoacional específica indicaria a função informacional de tópico). Uma possibilidade de investigação futura, portanto, é associar as formulações de Lambrecht, que não contempla as curvas entoacionais, a essas abordagens que valorizam a prosódia.

### **6.2.2. Aprofundamento do estudo sobre as estruturas de foco**

Nesta dissertação, o foco foi pouco explorado, e quando isso aconteceu, somente sua definição (porção pela qual a asserção se diferencia da pressuposição) foi retomada.

Entretanto, como cada função pragmática está relacionado a um tipo específico de estrutura de foco, esse assunto foi coberto, ainda que superficialmente. Como consequência da questão abordada no item anterior (análise prosódica incipiente), a análise sobre as estruturas de foco (foco no argumento, no predicado ou em toda a sentença) precisa ser melhorada, na medida em que a proeminência prosódica é um importante marcador de foco

### 6.2.3. As construções de tópico e a relação entre tópico e sujeito

As chamadas construções de tópico, ilustradas pelo exemplo em (1) extraído de Pontes, foram exaustivamente exploradas pela literatura:

(1) Essa bolsa aberta aí, eu podia te roubar a carteira.

Com base em dados de língua oral, Pontes lança a idéia de que essas construções estão em expansão no PB. Por esse motivo, a autora defende a hipótese de que o PB é uma língua voltada para o discurso<sup>94</sup>. A análise das narrativas transcritas nesta dissertação, no entanto, aponta para um caminho diferente. No corpus, foi encontrado somente um exemplo desse tipo, ilustrado por (2):

(2)[info8] *e o menino*

*eh*

*chama muita atenção dele*

*o fato de ter*

*duas cestas*

*cheias de pêras*

Essas construções são construções particulares de estruturação da informação, e merecem ser investigadas com maior profundidade. Além disso, colocam questões sobre a relação entre tópico e sujeito, que foi discutida brevemente nesta dissertação.

---

<sup>94</sup> ver seção 2.3.8

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. B. M. (1999). Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição de escrita. In: LAMPRECHT, K. (org.). *Aquisição da linguagem: questões e análise*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 167-186.
- BARROS, D. L. P. (1990). *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática.
- BENVENISTE, E. (1976). *Problemas de lingüística geral 1*. 4. ed. Tradução em português: Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. Campinas: Pontes.
- BRUNER, J. (1990) *Acts of meaning*. Four lectures on mind and culture. Cambridge: Harvard University Press.
- CASTILHO, A. T. (2006). *Abordagem da língua como um sistema complexo*. Contribuições para uma nova lingüística histórica. Inédito.
- CHAFE, W. L. (1994). *Discourse, consciousness, and time: The flow and displacement of conscious experience in speaking and writing*. Chicago and London: The University of Chicago Press.
- CHAFE, W. L. (1987). Cognitive constraints on information flow. In R. S. TOMLIN (ed.) *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- CHAFE, W. L. (1980). *The pear stories*. Cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production. New Jersey: Ablex Publishing Corporation Norwood.
- CHAFE, W. L. (1976). Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view. In C. N. LI (ed.) *Subject and topic*. New York: Academic Press.
- CHOMSKY, N. (1971). Deep structure, surface structure, and semantic interpretation. In D. STEINBERG & L. JACOBOVITS (eds.). *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press. p 183-216.
- CRESTI, E. (2000). *Corpus di italiano parlato*. Introduzione. v. 1. Firenze: Presso L'Accademia della Crusca.
- CRESTI, E & M. MONEGLIA (eds.). (2005). *C-ORAL-ROM. Integrated reference corpora for spoken romance languages*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- ERTESCHIK-SCHIR, N (1979). Discourse constraints on dative movements. In T. GIVÓN (ed.) *Discourse and syntax* (Syntax & semantics, 12). New York: Academic Press. p. 441-467.
- FILLMORE, C. (1977). The need for a frame semantics within linguistics. In H. KARLGREN (ed.). *Statistical methods in linguistics*. Shockholm: Skriptor. p. 5-29.

- FIORIN, J. L. (1989). *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto/Edusp.
- FIORIN, J. L. (2002). *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2. ed. São Paulo: Editora Ática.
- FIORINDO, P. P. (2005). *Em torno da narrativa narração: a proposta revisitada do modelo laboviano de narrativa oral*. Dissertação de mestrado. São Paulo.
- FRANCHI, C. (2006 [1997]). *Mas o que é mesmo "gramática"*. São Paulo: Parábola Editorial.
- GIVÓN, T. (1983). *Topic continuity in discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- GUNDEL, J (1988). Universals of topic-comment structure. In M. HAMMOND, E. MORAVCSIK & J. WIRTH (eds.). *Studies in syntactic typology*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. p 209-239.
- HOCKETT, C. F. (1958). *A course in modern linguistics*. New York: Macmillan.
- HJELMSLEV, L. (1961). *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva.
- JACKENDOFF, R. (1972). *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge: MIT Press.
- KEENAN, E. L. (1976). Towards a universal definition of 'subject'. In C. N. LI (ed.) *Subject and topic*. New York: Academic Press.
- LABOV, W. (1972). The transformation of experience in narrative syntax. In: LABOV, W. (org.). *Language in the inner city*. Studies in the Black English Vernacular. Philadelphia, p. 354-396.
- LAKOFF, G. (1987). *Women, fire and dangerous things*. What categories reveal about mind. Chicago and London: The University of Chicago Press.
- LAMBRECHT, K. (1994). *Information structure and sentence form*. Topic, focus and the mental representations of discourse referents. Cambridge: Cambridge University Press.
- LANGACKER, R. (1991). *Foundations of cognitive grammar*. Descriptive application. Stanford, CA: Stanford University Press, v.2.
- LEITE, T. de A. (2008). *A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): Um estudo lingüístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. Tese de doutorado. USP. São Paulo.
- LI, N. & THOMPSON, S. (1976). Subject and topic: a new typology of language. In C. N. LI (ed.). *Subject and topic*. New York: Academic Press, p. 457-490.

- LOPES, E. (1997). *A identidade e a diferença: raízes históricas das teorias estruturais da narrativa*. São Paulo: EDUSP.
- MACIEL, J. W. G. (2005). *Construções lexicais complexas constituídas com o verbo dar: processos metafóricos de construção de sentidos*. Tese de doutorado. João Pessoa – PB.
- MARIANO, C. C. (2007). *Formação de corpus e transcrição de narrativas orais no português brasileiro*. São Paulo: FFLCH/USP. Relatório de iniciação científica.
- MITHUN, M. (1992). Is basic word order universal? In D. PAYNE (ed.). *Pragmatics of word order flexibility*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- NEGRÃO, E.V. (1992). “Tem uma história que eu quero contar que começa assim”: Peculiaridades de uma construção existencial. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 22, p. 81-90, Jan./Jun 1992
- PEZATTI, E. (1998). Constituintes pragmáticos em posição inicial: distinção entre tema, tópico e foco. *Alfa - Revista de Linguística*, São Paulo, v. 42, 1998, p.133-150.
- PONTES, E. (1987). *O Tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes.
- PONTES, E. (1986). *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática.
- SAUSSURE, F. (1995). *Curso de lingüística geral*. Tradução em português: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.
- SGALL, P. HAJICOVÁ, E. & PANEVOVÁ, J. (1986). *The meaning of the sentence in its semantic and pragmatic aspects*. Dordrecht: Reidel.
- STALNAKER, R. C. (1978). Assertion. In P. COLE (ed.). *Pragmatics (Syntax & Semantics, 9)*. New York: Academic press. p. 315-332.
- STRAWSON, P. F. (1964). Identifying reference and truth values. Reprinted in D. STEINBERG & L. JACOBOWITZ (eds.). *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press. p 86-99.
- VALLDUVÍ, E. (1992). *The informational component*. Nova York: Garland.
- VIOTTI, E. (2007). Ordem VS no português brasileiro: questionando a existência de expletivos nulos. In A. T. CASTILHO, M. A. T. MORAIS, R. V. LOPES, S. M. L. CYRINO (orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes.
- VIOTTI, E. (2005). O Caso *default* no português do Brasil: revistando o Caso dos inacusativos. *Revista de estudos da linguagem*, v. 13, no. 2, p.53-71, Belo Horizonte: UFMG.Referências

## ANEXOS

### **ANEXO A - INFO 1**

pode começar  
 bom  
 era uma montanha  
 cheia de árvores  
 e  
 lá tava um  
 agricultor  
 coletando  
 pêras numa  
 numa das árvores  
 então ele  
 colocou uma escada na árvore  
 ele subia na árvore  
 e pegava pêra  
 e ia colocando numa  
 bolsa que ele tinha  
 eh  
 amarrada na cintura  
 ia enchendo  
 aquela bolsa de pêra  
 conforme ele  
 terminava  
 enchia a bolsa  
 ele descia  
 colocava as  
 as pêras na na cesta  
 que ele havia trazido  
 que tava ao lado da árvore  
 e subia para coletar mais

era uma área  
 rural  
 então  
 enquanto ele trabalhava  
 passava um  
 provavelmente um  
 pastor  
 segurando uma cabra  
 e ele lá continuando a  
 continuava o seu trabalho  
 determinado momento ele tava  
 lá em cima da árvore  
 pegando as pêras  
 e  
 passou um garoto de bicicleta  
 e o garoto  
 viu aquelas cestas cheias de pêras né  
 e  
 pensou né  
 será que devo pegar uma  
 ele desceu  
 olhou pra a cesta  
 ficou pensando um pouco  
 olhou pro agricultor  
 viu que ele não tava olhando  
 em vez de pegar  
 uma pêra  
 ele pegou logo a cesta inteira  
 botou na bicicleta  
 e saiu pedalando  
 e o agricultor

aparentemente tava muito concentrado no trabalho  
nem percebeu  
o garoto tava  
passeando com a bicicleta  
provavelmente voltando pra casa  
quando ele viu uma garota  
vindo na direção contrária  
também dirigindo uma bicicleta  
ele ficou encantado com a garota  
e enquanto ele observava ela passando  
não viu a pedra que tinha na frente dele  
bateu com a bicicleta  
e PUM!  
caiu todas as  
as pêras no chão  
tinham uns três garotos brincando ali ao redor né  
eles viram que o garoto tinha caído  
e foram ajudar né mas  
ajudaram ele a limpar a roupa  
e os outros  
foram pegando as pêras  
e colocando dentro da cesta  
aí eles terminaram  
se despediram  
o garoto subiu de novo na bicicleta  
e  
já tavam indo embora  
quando um daqueles garotos que tava brincando  
viu que ele tinha derrubado também o chapéu  
e aí chamou o garo/ o garoto da bicicleta

pra ele pegar o chapéu dele  
então ele levou o chapéu pro garoto  
e quando ele entregou o chapéu  
o garoto  
eh  
como retribuição  
deu uma pêra para cada um  
uma  
três pêras né  
uma para cada garoto  
e aí eles se despediram  
e foram embora  
os três  
comendo a pêra felizes da vida  
mas aí o que aconteceu  
eles foram andando justamente na direção  
daonde o agricultor tava  
coletando as pêras  
ele ta/  
ele terminou de encher mais uma  
mais uma vez o bolso de  
que ele trazia amarrado na cintura  
e já ia  
eh  
despejar na cesta  
mas quando ele desceu da  
da pê/  
da árvore de pêra  
ele viu que a  
uma das cestas tava faltando  
justamente no momento que os garotos  
tavam passando

com a  
comendo as pêras felizes da vida  
aí ele ficou olhando desconfiado  
coisa estranha  
aí  
a primeira coisa que pareceu  
que eram aqueles garotos que tinham  
roubado a cesta

**ANEXO B - INFO 2**

bom  
 então  
 na história  
 tem um  
 camponês  
 que ele tá  
 colhendo pêra  
 numa escada  
 ele tá colhendo as pêras  
 aí  
 a primeira vez  
 colhendo pela primeira vez  
 assim  
 nessa trecho da história  
 quando  
 ele tá  
 ele desce da escada  
 pra colocar as pêras numa cesta  
 uma das pêras  
 ele percebe que uma das pêras caiu  
 aí ele pega pêra  
 limpa no lenço  
 guarda ela de novo  
 na cesta  
 sobe  
 a escada  
 pra colher mais pêras  
 nisso ele tem três cestas  
 eh  
 duas cheias

e uma vazia  
 ainda  
 nisso  
 enquanto ele tá recolhendo as outras  
 pêras  
 passa  
 um  
 outro camponês eu acho  
 com um burro  
 passa pelas pêras  
 mas ele só olha  
 e vai embora  
 e o camponês  
 de cima da árvore  
 continua colhendo as pêras  
 nisso passa um menino  
 com uma bicicleta  
 ai o menino olha pra pêra  
 olha pro camponês  
 ele fala  
 pensa  
 bom  
 o camponês não tá vendo  
 porque o camponês tá de costas  
 pras cestas das  
 das pêras  
 aí o menino pega ti/  
 deixa a bicicleta de lado  
 de  
 frente pro camponês  
 de costas pras pêras  
 ele pega uma pêra  
 só que ai ele

larga a pêra  
pega uma das cestas cheias  
coloca perto da bicicleta  
sobe na bicicleta  
pega as pêras  
coloca na bicicleta  
e vai embora com as pêras  
pedalando  
com a cesta cheia  
aí ele vai pedalando pedalando  
pedalando  
no que ele tá pedalando  
num campo assim aberto  
ele vê uma menina vindo (em)  
direção dele  
pedalando também  
aí ele se encanta com a menina  
e fica olhando pra menina  
mas continua pedalando  
sem olhar pra frente  
continua olhando pra menina  
nisso  
tem uma pedra  
no meio do caminho dele  
a bici/  
ele não vê a pedra  
que ele tá olhando pra menina  
ele tropeça com a bicicleta na pedra  
cai ele  
a bicicleta  
e todas as pêras se espalham no  
chão  
e ele machucou o pé

machucou o tornozelo  
aí quando ele levanta/  
ele levanta cabeça  
porque ele tava olhando pro tornozelo  
que tava machucado  
ele levanta a cabeça  
ele vê três garotinhos  
na estrada  
um deles brincando com um  
brinquedo  
e os outros  
junto com ele  
aí os garotinhos pegam  
ajudam ele  
a pegar todas as pêras  
e colocar de novo  
na  
na cesta  
e a subir na bicicleta  
aí o menino vai embora  
assim sem falar nada  
ele vai embora  
pedalando a bicicleta  
com as pêras  
e os outros garotos seguem o  
caminho deles  
quando eles chegam mais ou menos  
perto de onde o menino caiu  
eles viram o chapéu  
que é o chapéu do menino  
que caiu  
quando ele olhou pra menina  
aí ele chama o garoto

entrega o chap/  
e leva  
um dos meninos leva o chapéu até  
ele  
aí ele pega  
em retribuição  
e dá três pêras  
pra esse menino  
porque ele tava mais junto de dois  
meninos  
aí o menino vai até esses do/  
outros dois garotos  
entrega  
uma pêra pra cada um  
e o menino da bicicleta vai embora  
com as pêras  
esses três menininhos  
que tão com uma pêra cada um  
tão comendo a pêra  
e vão seguindo o caminho  
no que eles vão seguindo o caminho  
eles vão dar de  
frente  
com a árvore  
que tá o pescador  
o  
camponês  
pegando as pêras  
aí o camponês desce da árvore  
olha assim  
ué  
só tem duas cestas  
uma cheia

outra vazia  
tinha três  
ele olha  
aí ele vê os menininhos passando  
assim  
os menininhos comendo a pêra  
aí ele só dá uma olhada assim  
pros menininhos  
e os menininhos vão embora  
ele fica parado assim meio indignado

**ANEXO C - INFO 3**

é a história de um  
 senhor  
 que tá  
 recolhendo umas pêras  
 então ele sobe a sua escadinha  
 vai lá e pega as pêras  
 junta  
 e  
 desce a escadinha  
 e coloca as pêras numa  
 as pêras num cesto  
 então  
 passa um homem com um animal  
 que acho que parece um cabrito  
 e passa  
 dá uma cheiradinha nas pêras e vai embora  
 depois o homem sobe de novo  
 a escadinha  
 pra pegar as pêras  
 pra pegar mais um pouco de pêras  
 e vem um menino  
 com uma bicicleta  
 e vê as pêras  
 pega um dos baldes  
 e leva embora com ele  
 enquanto o homem tá lá em cima  
 ainda pegando mais pêras  
 o menino começa a andar com a sua  
 bicicleta  
 e de repente

passa uma menina de bicicleta (e) pega o  
 chapéu dele  
 na hora que ele vai se virar pra trás  
 ele tropeça  
 numa pedra  
 cai com as pêras espalhadas pelo chão  
 a menina continua  
 vai embora  
 e ele começa/  
 e nisso tem três meninos que vêm que ele  
 cai  
 e o ajudam a pegar as pêras de novo  
 e colocar no cesto  
 e subir na bicicleta  
 pro menino ir embora de novo  
 aí eles recolhem as pêras  
 e o (menino) pega a sua bicicleta  
 e começa a andar  
 de novo  
 indo embora  
 aí um dos meninos que tava lá trás  
 acha o chapéu dele  
 e  
 leva pra ele  
 nisso  
 o menino que  
 que tava na bicicleta  
 dá três pêras  
 pro menino que levou o chapo/  
 o chapéu pra ele  
 uma forma de agradecimento  
 aparentemente  
 ahn e ele continuou indo embora

os três meninos vão  
cada um comendo uma pêra  
indo embora  
e  
o  
senhor que tava pegando as pêras  
lá na árvore  
desce da escada  
e vê que tá faltando  
um dos cestos  
e quando ele olha  
de repente  
os três meninos comendo  
três pêras  
então fica essa dúvida  
na cabeça do  
senhor que tava recolhendo as pêras  
se era  
se foram os três meninos que pegaram o  
cesto  
aí termina a história  
(assim)

**ANEXO D - INFO 4**

chegou um homem  
 que tava trabalhando numa  
 numa  
 num pomar né  
 num lugar  
 com bastante árvores  
 ele subiu numa escada  
 no pomar de  
 de  
 de eh  
 tinham muitas árvores  
 tinha um homem trabalhando colhendo pêras  
 eh  
 ele subiu numa escada  
 pra colher as pêras em cima do alto de uma  
 árvore  
 e ele colhia as pêras e ia colocando dentro  
 de um bolso que tinha na roupa dele  
 depois ele descarregava essas pêras  
 num  
 nas cestas que haviam no chão  
 enquanto ele  
 catava essas pêras da (árvore)  
 colhia essas pêras da árvore  
 passou primeiro um homem  
 com um burrinho  
 passou por ele  
 passou pela árvore  
 passou pela  
 pelos frutos  
 e foi embora

ah enquanto ele trabalhava ainda  
 um hom/ um menino  
 que tava  
 com chapéu  
 uma uma roupa de camponês também  
 vinha vindo de bicicleta  
 no mei da flo/ no meio da  
 no  
 no mato  
 perto dali donde o pomar estava  
 e passou pela árvore onde esse homem  
 estava trabalhando  
 esse homem não viu  
 mas o menino  
 eh  
 olhou pra  
 pra  
 pra  
 pro cesto que estava no chão  
 e sentiu vontade de pegar  
 e acabou levando embora um cesto desse  
 desse  
 desse  
 desse fazendeiro  
 desse  
 desse homem que estava trabalhando no  
 alto da árvore  
 aí o menino pegou o cesto  
 colocou em cima da bicicleta  
 e foi embora  
 e o homem continuou trabalhando  
 no caminho  
 eh

que ele estava fazendo pra  
pra poder ir embora  
vinha uma menina também de bicicleta  
eh e passou por ele  
no momento que passou por ele  
tinha uma pedra no chão  
no meio do caminho  
o menino passou por cima da pedra  
caiu com a bicicleta  
caiu a cesta de frutas que tava na  
na  
na garupa da bicicleta  
se espalhou tudo pelo chão  
voou chapéu  
enfim o menino ficou muito  
ficou sujo  
no chão  
três meninos viram a cena acontecendo  
e foi tentar ajudar o menino  
recolhendo todas as frutas do chão  
e colocando dentro do cesto  
e o menino pegou e foi embora  
e deu três  
tre/ ou deu  
não me lembro se deu três  
eh frutas pros meninos  
os meninos pegaram três frutas quando  
estavam colhendo  
e os meninos foram embora comendo  
a pêra  
e o menino foi embora de bicicleta  
no caminho dos três meninos

eles viram o chapéu  
do menino que tinha caído de bicicleta  
pegaram o chapéu  
chamaram o menino e devolveram o chapéu  
pra ele  
e ambos foram embora  
e todos foram embora  
no caminho dos três meninos  
do desses três meninos  
eles passaram de novo pela  
pela  
pela árvore onde esse homem tava  
trabalhando  
né  
então  
ele já tinha acabado de colher  
tava cheio já o bolso dele  
ele desceu da escada  
e foi olhar pros cestos  
e viu que tava faltando um  
ele tava  
tentando observar se era realmente aquele  
número de cestos que estavam ali  
mas parecia que faltava alguma coisa  
quando foi  
quando os três meninos passaram comendo  
a pêra que aquele outro menino que caiu de  
bicicleta tinha dado

**ANEXO E - INFO 5**

pode começar?  
então  
essa é uma história  
que acontece numa  
fazenda  
um sítio  
em algum lugar  
anh  
interior  
tem um:  
um cara catando pêras  
numa pereira  
são umas pêras super bonitas  
dá maior água na boca  
e uma delas cai no chão  
e ele tá colocando todas as pêras num  
avental  
que ele tem  
e  
depois ele desce da escada  
e pega essa  
põe as  
põe põe as  
as as pêras  
que tavam no avental  
numa cesta  
pega essa que caiu no chão  
e limpa ela  
com um lenço que ele tem no pescoço  
com todo cuidado

e tudo  
e coloca ela lá na  
na  
na cesta  
daí ele sobe de novo na escada  
continua catando pêras  
e daí vem vindo  
um outro cara  
com um bode  
um cabrito  
num sei que  
que  
como todo bicho  
não ta querendo ir junto com o dono  
então tá  
fica puxando  
pra ir pro outro lado  
e tal  
e  
ai eles passam  
anh  
tem aqueles cestos de pêra  
acho que tem uns dois ou três  
cestos  
e  
dois bem cheios  
e um  
ainda vazio  
e  
então esse cara passa  
e vai embora  
dai vem um garotinho

eh  
com um chapéu de palha bem grande  
numa bicicleta  
passa por ali  
vê aqueles cestos de pêra  
e vê que o cara tá lá no  
na escada  
catando pêra  
que não tá vendo  
que ele tá ali embaixo  
então  
acho que no começo ele  
ele pensa em pegar uma pêra  
só pra ele  
mas depois ele vê que ele pode  
eh  
pegar o cesto inteiro  
cheinho de pêras  
e dá um pouco de aflição  
porque cê fica pensando  
como que ele vai  
colocar o cesto de pêras  
na bicicleta  
e montar na bicicleta  
que é muito grande  
mas ele consegue se equilibrar lá  
e subir  
e sai pedalando com o cesto de pêras  
por lá afora  
e daí  
umas pêras caem no chão  
ele vai por uma estrada

e cruza com uma garota  
eh  
também de bicicleta  
então a garota tá vindo no outro sentido  
quando a garota passa por ele  
eh  
eu não sei se ela mexe com o chapéu dele  
ou só  
se só do vento  
o chapéu dele cai  
e ele olha pra trás pra ver o chapéu  
e e a bicicleta dele  
esbarra numa pedra  
que tá no caminho  
ele cai da bicicleta  
derruba todas pêras no chão  
e ainda machuca a canela  
então  
enquanto ele tá lá  
no chão  
com todas as pêras  
vendo se a canela dele tá machucada  
vem mais três crianças  
ahn  
acho que dois garotos e uma garota  
e  
muito gentilmente  
ajudam ele  
a colocar as pêras  
de novo  
no cesto  
ahn

um DELES  
ajuda menos  
o mais  
o maior deles ajuda menos  
fica jogando uma bolinha de pingue-pongue  
não sei  
e  
aí  
ele  
monta na bicicleta  
e vai indo de novo  
embora  
mas ai ele pára  
ahn  
não  
eh  
antes dele parar  
os garotos que fo/  
que seguiram no seu próprio caminho  
acharam o chapéu dele  
uhn  
e voltam pra devolver o chapéu  
e daí  
ele pára  
e dá três pêras  
pros garotos  
ahn  
e  
então  
esses três garotos  
continuam pela estrada  
passam

eh  
comendo  
as pêras  
pelo lugar  
onde  
o primeiro cara tá colhendo pêras  
na árvore  
e justamente no  
no momento  
em que o cara desceu da árvore  
e se dá conta de que ele  
tinha um cesto a mais  
que desapareceu  
e daí  
ahn  
fica assim a história  
ahn  
o  
o cara que tava colhendo pêras  
pensando  
será que aqueles três caras  
é que tinham roubado o cesto de pêras dele  
porque eles tão comendo as pêras  
tá?

**ANEXO F - INFO 6**

havia um homem  
 ele tava  
 eh  
 colhendo pêras  
 daí  
 ele recolhia as pêras  
 e colocava os cestos embaixo  
 depois que descia a escada  
 ou ele colocava as pêras ali  
 e ele tinha três cestos  
 colocava as as pêras nos três cestos  
 daí enquanto ele tava  
 colhendo as pêras  
 e colocando  
 ele subia a escada de novo  
 e as pessoas passavam por ali  
 aí passou um homem  
 levando um bode  
 uma cabra  
 foi embora  
 depois passou um garoto  
 de bicicleta  
 aí o garoto viu  
 os cestos  
 com as pêras  
 parou  
 colocou a bicicleta no chão  
 eh  
 e foi pegar pêra  
 só que ai ele pensou

que em vez de pegar uma pêra só  
 ele podia levar o cesto inteiro né  
 então ele colocou o cesto  
 em cima da bicicleta  
 pedalou  
 e saiu com a bicicleta  
 com o cesto na bicicleta  
 enquant/r/o  
 enquanto a pessoa que tava colhendo as  
 pêras  
 o homem  
 estava em cima lá (né)  
 na árvore né  
 então ele foi embora  
 e no meio do caminho  
 vinha uma menina de bicicleta também  
 os dois passaram um pelo outro  
 aí ou a menina puxou  
 o o chapéu do menino  
 ou o vento deu não sei  
 ele olhou pra menina  
 e a bicicleta dele bateu numa pedra  
 ele caiu  
 o cesto caiu também  
 as pêras foram jogadas no chão  
 espalhadas no chão  
 e aí apareceram três amigos  
 pra ajudá-lo  
 levantaram a bicicleta  
 levantaram ele  
 recolheram as pêras  
 colocaram no cesto

colocaram em cima da bicicleta  
e ele foi embora  
para um para um lado  
e os amigos pro outro  
os amigos observaram que ele tinha deixado  
o chapéu  
ne  
que tinha caído  
eles pegaram  
entregaram pra ele  
e foi embora com a bicicleta o chapéu e as  
pêras  
e  
eh os meninos tinham  
sem ele perceber  
retirado três pêras  
uma pêra pra cada um  
eles foram embora  
e passaram pelo mesmo local  
que a pessoa que estava recolhendo pêras  
só que na hora que  
um pouquinho antes deles passarem  
um homem desceu né  
da/ pela escada que ele tinha  
e olhou pros cestos  
ele contou dois  
em vez de três  
percebeu que tava faltando um  
daí ele  
quando ele olhou né  
foi se levantando  
espantado porque estava faltando um cesto  
de pêra

ele viu os três meninos passando  
pela frente dele  
e cada um com uma pêra  
e eles foram embora  
e o homem ficou olhando  
observando a pêra  
os meninos

**ANEXO G - INFO 7**

bom  
 o filme  
 representa uma história  
 de uma atividade típica  
 de uma  
 do campo  
 de uma fazenda  
 e começa com um  
 colhedor de pêras  
 ele está  
 muito absorvido  
 na sua tarefa  
 tem  
 que  
 recolher dois cestos  
 de pêras  
 e lentamente vai colhendo  
 vai tirando as pêras da da árvore  
 cuidadoso  
 quando uma pêra cai  
 ele limpa  
 põe de novo  
 e no meio do seu trabalho  
 surgem algumas outras cenas parecidas  
 muito típica do campo  
 que é  
 uma pessoa passe/ levando uma cabra  
 a cabra parece ter alguma vontade de comer  
 uma pêra  
 mas o condutor não deixa

ele continua  
 seu trabalho  
 rotineiramente  
 e aparece um menino de bicicleta  
 que  
 eh  
 vê a o o as pêras  
 nos dois cestos  
 e ele  
 observa que o colhedor tá muito  
 eh entretido na sua tarefa  
 e ele toma um  
 um cesto inteiro de de pêras  
 coloca na sua bicicleta  
 e leva  
 aparentemente  
 ele está trabalhando  
 está levando  
 o resultado do trabalho de um conjunto todo  
 de pessoas  
 que está trabalhando  
 ao levar o conjunto de pêras  
 ele passa por uma estrada  
 e encontra com uma outra pessoa  
 na direção oposta  
 que vem de bicicleta  
 ele se distrai  
 bate eh eh  
 olha pra ela  
 quando  
 se distrai com essa menina na bicicleta  
 bate numa pedra e

todas as pêras vai para o chão  
aí ele começa recolher  
machuca a perna  
e outras pessoas que  
perceberam que isso tinha acontecido  
deve ser colegas dele  
os meninos  
vem todos para ajudá-lo  
de uma maneira solidária  
eh  
ajudam a encher de novo  
o seu cesto  
ele agradece  
a todos  
em recompensa  
dá a cada um dos três meninos  
uma pêra  
e os meninos voltam  
fazem o caminho inverso  
e passam pelo colhedor de pêras  
quando o colhedor de pêra  
se dá conta de que  
um cesto está vazio  
não sabe o que aconteceu  
e vê os meninos carregando as pêras  
ele fica sem saber  
quem será que levou as pêras  
será que foram eles  
e aí fica a dúvida  
pra saber se realmente  
os meninos tinham levado

mas não oferece uma pista pra ele descobrir  
quem foi  
realmente  
aquele que surrupiou  
um  
balaio inteiro de pêras

**ANEXO H - INFO 8**

havia um homem  
que  
que tava  
pegando  
eh pêras  
eh  
na sua árvore  
e ele tinha três cestas  
duas delas estavam cheias  
e a outra estava vazia  
e ele continuou  
pegando  
até terminar de encher a segunda cesta  
enquanto ele pegava  
passou um senhor  
tentando adestrar um bode  
mas ele não conseguiu  
depois passou um menino  
eh de andando de bicicleta  
e o menino  
eh  
chama muita atenção dele  
o fato de ter  
duas cestas  
cheias de pêras  
então ele parou sua bicicleta  
e colocou uma das cestas na bicicleta dele  
e foi embora  
com as cestas  
cheias de pêras

no caminho  
ele encontrou com uma  
com uma menina andando de bicicleta  
e enquanto ele olhava pra ela andando de  
bicicleta  
o chapéu dele caiu  
e tinha uma pedra na frente dele  
e ele caiu com a bicicleta  
e com as pêras  
as pêras espalharam no chão  
e tinha três garotinhos próximo  
próximo a ele  
quando ele caiu de bicicleta  
que foram  
ajudá-lo  
aí recolheram todas as pêras  
colocaram as pêras de novo na bicicleta  
e deixaram o menino ir embora  
enquanto eles  
os três continuavam caminhando  
eles viram o chapéu  
desse menino que estava na bicicleta  
e foi  
e foram devolver pra ele  
e como forma de agradecimento  
o menino deu três pêras  
uma pra cada um  
e os três continuaram seguindo  
comendo a pêra  
enquanto isso a  
aquele senhor que estava eh  
recolhendo

cat/ eh colhendo as fu/  
as pêras na árvore  
ele  
ele tava descendo  
e levou um susto  
porque ele sentiu falta da terceira cesta  
e nisso passaram os três menininhos  
comendo pêra  
e aí ele ficou  
meio sem saber o que fazer com isso

**ANEXO I - INFO 9**

uma vez  
 tinha um homem  
 catando pêra numa árvore  
 e  
 numa fazenda  
 aí  
 ele tava lá em cima da escada  
 pegando pêra  
 enchendo  
 os bolsos do avental dele de pêra  
 e tava enchendo três cestas  
 duas já estavam s/  
 cheias  
 eh  
 aí passou um homem com um  
 com um bode  
 e depois passou um menino de bicicleta  
 enquanto ele tava  
 lá em cima da escada  
 então ele tava distraído pegando pêra  
 e não viu que o menino da bicicleta parou  
 gostou das pêras  
 e resolveu  
 pegar uma cesta  
 e levar uma cesta na bicicleta dele  
 e o menino de bicicleta  
 saiu com a cesta na  
 na  
 na cestinha  
 da bicicleta

no meio do caminho  
 o menino cruzou com uma  
 uma  
 uma outra menina de bicicleta  
 e como eles passaram muito perto  
 o chapéu do menino  
 do menino da bicicleta sai/  
 voou  
 e aí se distraiu com aquilo  
 bateu numa pedra e caiu  
 e as pêras se espalharam  
 perto dali  
 tavam brincando alguns  
 tavam brincando três meninos  
 que vieram ajudá-lo  
 aí eles cataram as as  
 ajudaram ele a catar as  
 as pêras  
 eles levantaram a bicicleta  
 ajudaram ele a levantar  
 e  
 e se/  
 e se despediram e foram embora  
 cada um pro seu lado  
 aí o menino  
 os um dos três meninos viu que  
 o chapéu do menino da bicicleta tinha ficado  
 então chamou o menino da bicicleta  
 devolveu o chapéu  
 em troca  
 o menino falou:  
 ah fique com essas pêras

pra você  
deu três pêras pro  
pro menino  
e os três fo/  
e saíram felizes comendo pêra  
e o menino da bicicleta foi embora  
aí enquanto isso  
lá na árvore  
o homem que tava catando pêra desceu da  
escada  
e viu que tava faltando uma cesta  
achou estranho  
e quan/  
e viu passando três meninos comendo pêra  
acho que ele imaginou que  
os três tinham roubado a pêra dele

**ANEXO J - INFO 10**

a história acontece no interior  
eh  
campos  
e tem árvores frutíferas  
e uma delas é  
pêra  
árvore de pêra  
pereira  
e  
a cena começa  
com uma escada nessa pereira  
em que o homem sentado  
eh um homem em pé na pêra/  
na escada  
apanhando pêras  
e colocando no seu  
no seu avental  
quando tá cheio  
ele desce  
e põe as pêras  
dentro do das  
das cestas  
tinha duas cestas  
e cheias e uma vazia  
ahn  
ahn  
e quando (ficava) pegando em cima  
as pêras  
uma caiu  
e quando estava no chão

então ele pegou essa pêra  
tirou seu lenço  
vermelho  
poliu de pó  
e pôs na cesta  
coloca de volta o  
o  
o lenço  
e sobe  
para (ma)/  
apanhar mais  
enquanto isso  
surge um homem  
puxando uma cabra  
pela corda  
passa  
os dois olham para a cesta de pêra  
de pêras  
vão indo  
passa somente  
e vão embora  
depois aparece  
o menino de bicicleta  
que também passa por ali  
e vê  
a árvore  
e aquela cena ali  
o homem na escada pegando pêras  
e ele deixa sua bicicleta  
e ele quer apanhar uma pêra  
mas depois resolveu pegar pegar todo cesto  
um dos cestos

cheios  
e põe na frente da bicicleta  
tinha uma  
tipo um porta-malas na frente  
e sai andando com a bicicleta  
ao longo do caminho  
estrada de chão  
o  
esse menino encontra  
uma menina de bicicleta  
e ele fica olhando pra menina  
e com o vento  
cai o chapéu  
e ele bate numa pedra  
que por sua vez  
o derruba  
e a cesta com as pêras também  
a menina vai embora  
ela nem liga  
esta cena  
acontece justamente diante de três outros  
amigos dele  
o maiorzinho  
mais gordo com uma camisa vermelha  
depois um médio  
um menino médio com uma camisa azul  
e o menino menor  
com uma camisa branca  
os três então vem a sua direção  
e o ajudam  
colocam as as pêras na cesta  
e tal

eles agra/  
ele agradece  
e eles vão embora  
quando eles estão  
alguns metros  
de distância  
de um dos três daquele um  
ahn  
anh o  
eles vêem que  
o menino da bicicleta perdeu seu chapéu  
aí então que eles vão lá entregar o chapéu  
um deles que é o de camisa vermelha  
que também tem uma raquete de tênis  
ou de raquete de pingue-pongue  
que tem um elástico  
e este elástico eh é preso  
eh prende uma bolinha  
então ele fica batendo assim  
(e daí)  
não sei como que é o nome  
mas é esse  
esse o  
o joguete  
e então o  
esse menino  
agradecido pela devolução do chapéu  
lhes entrega umas pêras  
eu acho que são três pêras  
e  
um pra cada menino  
e o menino de bicicleta vai empurrando

embora com a bicicleta  
com aquele cesto de pêra na frente  
e os outros três vão indo naquela direção  
em direção que tá o homem  
que tá na árvore  
ahn  
apanhando pêras  
quando os meninos estão se aproximando  
daquele local  
da pereira  
o homem desce  
e descobre que tá faltando uma cesta  
tá?  
nisto  
aqueles três meninos passam  
comendo pêras  
eles passam  
e o homem fica  
pensa  
o que foi que aconteceu  
será que foram eles os que roubaram

***ANEXO L – DVD-ROM***

Este DVD contém:

- 1) O filme da pêra, que estimulou as narrativas.
- 2) Os arquivos de som e de vídeo, com a voz e as imagens dos informantes contando a história.
- 3) A transcrições das narrativas no ELAN, e
- 4) Arquivos auxiliares da transcrição do ELAN